

Macau

澳門

Cooperação cultural

CONEXÃO SINO-LUSÓFONA

Para além de plataforma económica entre a China
e os países de língua portuguesa, a RAEM
tem-se assumido como palco privilegiado para
o intercâmbio cultural



NEGÓCIOS
CÂMARAS DO COMÉRCIO
CONSOLIDAM PRESENÇA



EMPREENDEDORISMO
SABORES CHINESES
EM TERRAS ALENTEJANAS





DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda
CLL Design

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

Cátia Miriam Costa, Cláudia Aranda (Moçambique), Diana do Mar,
Fátima Valente, Fernando Sales Lopes, Luciana Leitão, Mónica
Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira, Patrícia Lemos
e Sandra Lobo Pimentel

FOTOGRAFIA

Cláudia Aranda (Moçambique), Gonçalo Lobo Pinheiro
e Paulo Cordeiro (Portugal)

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos e Rui Rasquinho

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14.º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

2500 exemplares

ISSN: 0871-004X

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 3.390,00 | BRASIL: BRL 78,00
CABO VERDE: CVE 2.760,00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00
MACAU: MOP 200,00 | MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00
PORTUGAL: EUR 25,00 | S. TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 607.000,00
TIMOR-LESTE: USD 35,00 | RESTO DO MUNDO: USD 40,00



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

Pouco depois de publicarmos a nossa edição de Agosto, que teve como tema em destaque a medicina tradicional chinesa, realizou-se em Macau o Fórum Internacional de Medicina Tradicional, com o apoio da Administração Estatal de Medicina Tradicional Chinesa e da Organização Mundial de Saúde (OMS), tendo participado 300 representantes de 27 países e territórios membros da OMS.

Na mesma ocasião foi anunciada a criação em Macau de um Centro de Cooperação de Medicamentos Tradicionais da OMS, que ficará subordinado aos Serviços de Saúde da RAEM.

Estes eventos decorrem, por um lado, da estratégia delineada pela OMS visando a integração das medicinas tradicionais nos sistemas de saúde dos países e territórios membros e, por outro, do acordo de cooperação existente entre a OMS e a RAEM visando o desenvolvimento da medicina tradicional chinesa em Macau.

Na presente edição dedicamos uma atenção especial ao papel de Macau como plataforma de intercâmbio cultural, uma das vertentes do projecto institucionalizado no Fórum de Macau. “Pese embora o objectivo primeiro seja a cooperação económica e comercial, a componente cultural tem-se afirmado com grande ênfase nos últimos anos”, refere a nova secretária-geral adjunta do Fórum, Echo Chan. A mesma dirigente sublinha ainda que a cooperação no plano cultural foi introduzida nos Planos de Acção do Fórum com o objectivo de “beneficiar o conhecimento mútuo entre os povos”.

Num dossiê em torno desta questão apresentamos diversas visões do que pode vir a ser feito para desenvolver esta faceta do papel da RAEM na cooperação sino-lusófona.

Luís Ortet



- 6 **ACONTECEU**
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM
- 10 **ECONOMIA: CÂMARAS DO COMÉRCIO**
Novas parcerias de negócios e novos modelos de empreendedorismo
- 16 **EDUCAÇÃO: EM BUSCA DE OUTRAS ÁREAS**
O que os jovens de Macau estudam no estrangeiro
- 22 **COOPERAÇÃO: LIGAÇÕES MAIS DO QUE COMERCIAIS**
A vertente cultural de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa
- 32 **TRADUÇÃO: PASSADO E PRESENTE EM DEBATE**
O II Encontro sobre a História da Tradução em Macau acontece em Novembro, em Lisboa
- 38 **INDÚSTRIAS CRIATIVAS: FUTURO ASSEGURADO**
São 73 os projectos vencedores que irão receber apoios do Governo para descolar
- 44 **LEGUMES CHINESES EM TERRAS PORTUGUESAS**
Da necessidade nasceu um agricultor e empresário
- 52 **MOÇAMBIQUE: A BELEZA DA GORONGOSA**
Um dossiê sobre o sistema médico milenar que agora tem os olhos postos no futuro
- 62 **CAPOEIRA: GINGA BRASILEIRA NA CHINA**
Agora classificada património imaterial da UNESCO, a arte marcial brasileira espalha-se por Macau, Hong Kong e China

Negócios que falam muitas línguas

São parceiras de negócios, rampas de lançamento para ideias e produtos que vêm de fora ou plataformas para quem deseja investir na RAEM. As câmaras de comércio que Macau viu nascer nos últimos anos estão a crescer e ultrapassam as fronteiras dos países que estão a representar. Diversificar é a palavra de ordem



O lado cultural da plataforma

Como ponto de encontro secular entre o Oriente e o Ocidente, Macau tem potencial para ser um palco privilegiado para o intercâmbio cultural entre a China e os países de língua portuguesa. Apesar das crescentes iniciativas, muitos defendem uma estratégia ainda mais abrangente para que o lado cultural da plataforma se mostre em força



- 70 OS JARDINS DA CIDADE**
Espaços que funcionam como uma extensão de casa
- 80 CIDADE: A TAIPA DE OUTRORA**
Um mapa do património arquitectónico da Taipa
- 82 ANÁLISE: TURISMO E EXPERIÊNCIA**
A crescente criatividade no sector do turismo de Macau
- 88 TRADIÇÕES: DOS CRIADORES DO MUNDO AOS CRIADORES DA CHINA**
Os Três Augustos e os Cinco Imperadores
- 100 ÍCONES: BIOMBO**
Esta peça chinesa deixou os europeus do século XVII de queixo caído
- 102 ÁTRIO: CHEONG KIN MAN**
A história de um tradutor que anda a correr o mundo
- 108 ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Sugestões para ver e ler nos próximos meses
- 114 MEMÓRIAS: O ANTIGO CAMPO DO TAP SEAC**
O campo desportivo onde o hóquei de campo era rei



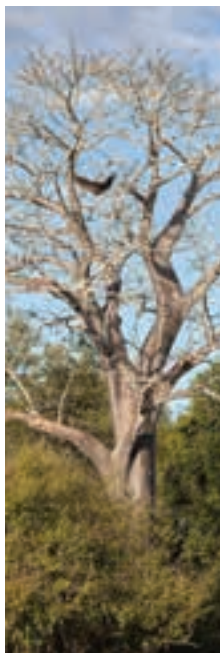
PAULO CORDEIRO

Sabores de casa

Ao longe é uma grande estufa como tantas outras que se vai vendo pela paisagem alentejana, em Portugal, mas a que ocupa dois hectares no meio de Montemor-O-Novo não é, afinal, uma estufa qualquer. Li Yonggang cansou-se de comer vegetais portugueses e começou a plantar os sabores da sua infância. A pequena horta cresceu e é agora um grande negócio de família

Das cinzas a exemplo mundial

No Parque Nacional da Gorongosa, no centro de Moçambique, todos os dias se tenta salvar a floresta, melhorar a vida das populações e recuperar a vida selvagem quase extinta nos anos de guerra civil. Esta é uma história de determinação e perseverança que nasce do sonho de um homem, mas que tem também como protagonistas os moçambicanos que querem que a Gorongosa seja um exemplo



CLAUDIA ARANDA

Viver para contá-las

Cheong Kin Man quis “dizer tudo ao mesmo tempo” em 31 minutos. O resultado foi *Uma Ficção Inútil*, curta-metragem que conta várias histórias e tempos, premiada internacionalmente, e que continua a correr mundo a mostrar a imagem poética de Macau



Rede de Ensino do Português na Ásia reunida em Macau

O Instituto Português do Oriente (IPOR) recebeu, em Setembro, o Encontro de Pontos de Rede de Ensino de Língua Portuguesa na Ásia, com representantes da rede de Ensino de Português no Estrangeiro da Coreia do Sul, Índia, Indonésia, China, Tailândia e Vietname. Segundo o director da instituição, João Neves, o encontro visou “partilhar reflexões e experiências de ensino de português como língua estrangeira nos diferentes contextos e, sobretudo, promover a criação de uma rede que coloque em interação agentes de promoção do português nestes países, focada no desenvolvimento de projetos e atividades colaborativas.”

MEDIDAS DE AUSTERIDADE ENTRAM EM VIGOR

O Governo de Macau anunciou em Setembro a entrada em vigor as chamadas “medidas de austeridade”, depois das receitas dos jogos terem atingido 18.621 milhões de patacas em Agosto, abaixo do limite fixado pelo Executivo. Após mais de um ano de quebra nas receitas dos casinos, o Governo avançou para medidas de contenção de despesas não essenciais nos serviços públicos. Os apoios sociais não serão afectados.

MAIOR BIBLIOTECA ENTRA EM FUNCIONAMENTO

A Biblioteca da Taipa, situada no Parque Central, é a maior da RAEM em termos de área útil – ao todo são 2200 metros quadrados com capacidade para armazenar 150 mil volumes e acolher 400 leitores ao mesmo tempo – e entrou oficialmente em funcionamento em Setembro. A ideia é expandir a colecção de obras noutras línguas para além da chinesa, de forma a satisfazer uma crescente comunidade de estrangeiros a viver na Taipa, e ainda alargar o funcionamento para 24 horas.



GONÇALO LOBO PINHEIRO

Capacidade de leitura avaliada internacionalmente

Os alunos de Macau vão participar, pela primeira vez, em 2016, no Estudo Internacional de Leitura e Literacia (PIRLS) para crianças do 4.º ano do ensino primário. O exame internacional será realizado entre Março e Junho do próximo ano e vai contar com a participação de 4000 alunos do 4.º ano de 56 escolas. Os resultados vão ajudar a Direcção dos Serviços de Educação e Juventude a avaliar uma possível revisão ao currículo, já que no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) de 2012, a leitura foi o ponto mais fraco dos alunos de Macau, que ficaram em 12.º lugar entre 65 países.

NÚMEROS

MOP 84.753

PREÇO MÉDIO DO METRO QUADRADO RESIDENCIAL REGISTRADO EM JULHO (-12%)

74.871

NÚMERO DE ESTUDANTES INSCRITOS NAS 77 ESCOLAS DE MACAU NESTE ANO LECTIVO



PLÁCIDO DOMINGO 15 ANOS APÓS O PRIMEIRO CONVITE

O tenor espanhol Plácido Domingo estreou-se, em Setembro, num concerto no Centro Cultural de Macau e manifestou a sua felicidade por finalmente realizar o concerto que era para ter acontecido há 15 anos, aquando da cerimónia de transição. Conhecido como “um dos três tenores”, Plácido Domingo interpretou mais de 144 obras clássicas, dos compositores Giacomo Puccini, Richard Wagner e Giuseppe Verdi, entre outros. O tenor, que gravou mais de cem álbuns, alguns dos quais com mais de um milhão de cópias vendidas, recebeu 12 prémios Grammy. O concerto “Domingo e a Orquestra de Macau” foi co-organizado pelo Instituto Cultural e pela Direcção dos Serviços de Turismo, com o apoio do MGM Macau.

OMS cria em Macau centro de medicina tradicional chinesa

A Organização Mundial de Saúde criou em Macau, em Agosto, o Centro de Cooperação de Medicina Tradicional Chinesa, uma plataforma que servirá para a região se afirmar na formação de especialistas e na cooperação internacional. O organismo tenciona proporcionar sobretudo formação profissional tanto para médicos chineses como estrangeiros. Em 2014, 28 por cento da população recorreu a esta prática na região, que dispõe ainda de um laboratório criado pelas Universidades de Macau e de Ciência e Tecnologia e do Parque Científico e Industrial de Medicina Tradicional Chinesa.



MARATONA INCLUI PATRIMÓNIO NO PERCURSO

A maratona de Macau, que se disputa no dia 6 de Dezembro, apresenta este ano um novo percurso, que passa pelo Templo de A-Má, para assinalar o 10.º aniversário da classificação do património pela UNESCO, e mais 2000 vagas. As inscrições para a 34.ª edição podem ser efectuadas para três provas: maratona (42 km), meia-maratona (21 km) mini-maratona (4,2 km). A organização da maratona está a convidar os atletas que fizeram os melhores tempos no ano passado e também outros que apresentam bons resultados no estrangeiro.

MOP 67 MILHÕES

VALOR QUE A CTM VAI INVESTIR PARA INSTALAR A REDE 4G

-26,4%

QUEDA DO PIB REGISTADO NO SEGUNDO TRIMESTRE DESTE ANO

642.900

POPULAÇÃO REGISTADA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DESTE ANO (+3,4%)

RUI MARTINS PRESIDE AO CONSELHO DE ARQUITECTURA, ENGENHARIA E URBANISMO

O Governo da RAEM já escolheu os membros do recém-criado Conselho de Arquitectura, Engenharia e Urbanismo. Rui Martins, vice-reitor da Universidade de Macau e engenheiro, é o presidente do conselho. O arquitecto Eddie Wong é o vice-presidente. A nomeação dos membros, publicada em Boletim Oficial, através de um despacho do Chefe do Executivo, revela que sete membros são representantes da Administração Pública – é o caso de Rui Martins, mas também de Li Canfeng, o director das Obras Públicas, e do engenheiro João Manuel Costa Antunes. Quanto aos profissionais do sector privado, são seis: além de Eddie Wong, estão neste grupo, entre outros, o deputado e engenheiro Chui Sai Peng, bem como o arquitecto Carlos Marreiros. A nomeação é válida por dois anos. A entidade que ficará responsável pela acreditação e registo dos profissionais do sector.

CASA DE SUN YAT-SEN ESCONDIA ANTIGO CAIS

O número 80 da Rua das Estalagens onde viveu Sun Yat-sen esconde mais do que parte da vida do pai da China Moderna. O Instituto Cultural, que adquiriu o edifício já degradado, encontrou, durante o processo de restauro, uma série de blocos de granito cuja disposição indica que ali terá ora existido um antigo cais. A descoberta obrigou o organismo a repensar o projecto inicial. Aquele espaço icónico não mostrará apenas como era a Farmácia de Sun mas também contará a história do comércio entre portugueses e chineses.



MUST apresenta primeiro mapa genético de Macau

A Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa) desenvolveu o primeiro mapa genético de Macau. Na primeira fase, mil jovens foram objecto de estudo e o trabalho teve “como objectivo calcular o risco genético de determinadas doenças”. Entre os principais resultados conhecidos, os especialistas concluíram que os residentes de Macau têm mais riscos genéticos de desenvolver cancro da mama, dos pulmões, ovários e da próstata. Já a prevalência de Alzheimer e outras doenças neurológicas é menor, comparando com os registos dos continentes europeu e americano, e também do norte da China. Os resultados, dizem os responsáveis pelo estudo, podem ser um guia para os próximos “20 ou 30 anos”.



Siza Vieira vai ser o arquitecto do antigo Hotel Estoril

O secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Alexis Tam, convidou Siza Vieira para ser o autor do projecto de reconversão do hotel Estoril. O arquitecto português, que deverá vir a Macau em Outubro, aceitou a proposta. Sabe-se já que Siza Vieira é favorável à demolição da fachada e do painel do antigo hotel, inaugurado no início dos anos 1960. Apesar de o futuro do Hotel Estoril ainda não estar definido, Alexis Tam reconhece que se ganharia espaço com a demolição da fachada e, qualquer que seja a opção, o secretário admite que não será consensual.

EMPRESAS PROMOVEM TURISMO DE NEGÓCIOS EM PEQUIM

Uma delegação de 22 empresas de Macau organizada pela Direcção dos Serviços de Turismo (DST) e pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) participou, em Pequim, na Exposição de Reuniões, Incentivos e Viagens de Negócios da China. A participação visou a promoção do turismo de negócios em Macau, bem como intensificar o intercâmbio e a cooperação com o Interior da China. Durante a exposição, que decorreu durante o mês de Agosto, a DST promoveu o Plano de Apoio ao Turismo junto dos organizadores e apresentou à indústria turística e aos compradores as últimas informações e produtos turísticos na área do Turismo de Negócios de Macau.

INSTITUTO CULTURAL VOLTA À BIENAL DE URBANISMO

Macau foi convidada pela segunda vez para participar na Bienal Bi-citadina de Urbanismo/Arquitectura de Shenzhen e Hong Kong 2015, que se realiza de Dezembro a Fevereiro. Subordinado ao tema "Revivendo a cidade", o evento convida à criação de "um mundo melhor com base na remodelação do espaço urbano". Estima-se que esta edição atraia mais de 300 mil visitantes e mais de 100 expositores, provenientes de mais de 25 países e regiões. O evento, que é o único a nível mundial exclusivamente dedicado à arquitectura, conta já com cinco edições ao longo das quais já foram expostas mais de 770 obras de todo o mundo e organizados mais de 310 fóruns e actividades que atraíram cerca de 860 mil visitantes.



Cultura chinesa divulgada em nova academia

Foi inaugurada, durante o mês de Agosto, a Academia Jao Tsung-I, onde vão começar a decorrer palestras e exposições dedicadas à divulgação da cultura chinesa. O espaço, situado na zona do Tap Seac, alberga duas salas de exposições, um espaço para palestras e uma biblioteca. A criação da Academia, que incluiu a renovação do espaço onde se situa, demorou cerca de três anos e meio e teve um custo de cerca de 13 milhões de patacas.



Angola e RAEM estreitam laços

As trocas comerciais entre Macau e Angola foram o mote para reunir 18 profissionais angolanos na RAEM, que participaram em Agosto no Seminário sobre as Experiências de Desenvolvimento Económico para as Autoridades de Angola, a convite do Secretariado Permanente do Fórum Macau. O encontro incluiu visitas de prospecções e sessões de intercâmbio, com o objectivo de encontrar novas vias de fomentar as trocas comerciais entre o país africano, a China e a RAEM. Promovido pelo Ministério do Comércio da China e ministrado pelo Instituto Académico para as Autoridades do Comércio Internacional, o seminário trouxe à cidade o vice-governador da Província de Uíge, Carlos Mendes, e 17 representantes dos Ministérios da Economia, Finanças, Relações Exteriores e Planeamento.

Negócios que falam muitas línguas

São parceiras de negócios, rampas de lançamento para ideias e produtos que vêm de fora, ou, como não podia deixar de ser no contexto local, plataformas para quem deseja investir na RAEM. As câmaras de comércio que Macau viu nascer nos últimos anos, fruto do rápido desenvolvimento económico, estão a crescer e ultrapassam, em muitos casos, as fronteiras dos países que estão a representar. Diversificar é a palavra de ordem

T SANDRA LOBO PIMENTEL

F GONÇALO LOBO PINHEIRO

A **CÂMARA** de comércio norte-americana em Macau (AmCham, na sigla inglesa), foi estabelecida em 2007 e começou com apenas 15 membros. Nos últimos anos expandiu-se e aproxima-se já da meta dos 100 membros. Desse, 72 por cento são empresas, 18 por cento pessoas individuais e 10 por cento não residentes. São estas as categorias que a AmCham inte-

gra, explicou à Macau, Charles Choy, presidente da organização. As empresas envolvidas são variadas, incluindo operadoras de jogo, hotéis, sector imobiliário ou restauração.

De acordo com Charles Choy, a maioria dos membros individuais são cidadãos americanos ligados às mais diversas áreas, enquanto que os não residentes são, na maioria, de Hong Kong ou da China e até dos Estados Unidos, “pessoas que se mostram interessadas em saber mais sobre o que se passa em Macau”.



Charles Choy, presidente da câmara de comércio norte-americana (AmCham)

Sobre a evolução das actividades de matriz norte-americana na RAEM, o presidente sublinhou que “nos últimos dez anos, o investimento directo chegou perto dos 10 mil milhões de dólares americanos”, sublinhando que se trata de “um número fantástico”.

A representante britânica, British Business Association of Macau, conhecida pela sigla em inglês, BBAM, encontra-se em actividade há oito anos, tendo sido estabelecida em 2006. Esta câmara de comércio divide-se em várias categorias, tendo sido criada recentemente a figura dos membros que mais contribuem, no caso, companhias de maior dimensão, permitindo “gerir o escritório de forma mais eficiente e profissional”, explicou Eileen Stow, empresária local que está agora à frente dos destinos da BBAM. “As novas categorias foram criadas há cerca de um ano e têm feito, de facto, a diferença na organização”.

As trocas comerciais entre Macau e a Grã-Bretanha “têm aumentado”, garante Eileen Stow, sublinhando que o crescimento tem-se notado mais nos bens de luxo, o que não surpreende a responsável. “Sempre acreditei que havia espaço para os produtos britânicos em Macau. Nunca vamos competir com a França em termos de vinho ou comida gourmet”, reconhece, mas aos poucos o espaço tem sido conquistado. “Felizmente, o Governo de Macau terminou o embargo à carne britânica, que é um mercado enorme para explorarmos”.

Fundada em 1978, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa é a mais antiga de Macau. Ganhou vida quase a seguir ao 25 de Abril e numa altura em que Portugal estabeleceu relações diplomáticas com a República Popular da China. A sede fica em Portugal e tem mais de 300 associados. A delegação em Macau, chefiada por Filipe Cunha Santos, tem 35 membros, não só de matriz portuguesa, mas também de origem chinesa, entre os quais, bancos e muitas empresas de engenharia, que estão na região há bastantes anos. “O papel da Câmara tem sido o de ajudar as empresas em termos de lobby e de estabelecer contactos com a Administração e as entidades oficiais”.

Já a Associação Empresarial França-Macau, conhecida como FMBA, surgiu em 2008 e conta com 96 membros, um crescimento verificado em 2014, em especial em termos de empresas. Rutger Verschuren é o actual presidente. De nacionalidade holandesa, acredita que esse pormenor, aparentemente caricato, demons-



Eileen Stow, representante da British Business Association of Macau (BBAM)

tra bem o sentido de “grande família” que a organização tem. “Somos um grupo internacional de pessoas que trocam experiências sobre os negócios que fazem e que vivem em Macau. Parece-me um ângulo muito interessante, por isso me associei de forma mais activa”.

A FMBA quer “continuar a crescer” em termos do número de membros e de actividades. Os eventos organizados pela câmara estão abertos a qualquer pessoa e empresa, sublinha Rutger Verschuren, desse modo surgem também convites para que se tornem membros, até porque, “os preços são competitivos”, diz.

Palavra-chave: diversidade

Na AmCham, Charles Choy acredita que entre as principais mudanças verificadas, para além dos produtos e outros serviços que já se trocavam entre os territórios, a cultura e o entretenimento surgem como elementos novos “no último ano ou dois”, estando convicto de



Filipe Cunha Santos, responsável pela Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa em Macau

que “o mercado está, obviamente, a diversificar-se” e que 2014 foi um ano importante para isso. “Recordo-me de que, quando estabelecemos a AmCham, as operadoras norte-americanas estavam a consolidar-se no mercado. Mas, na altura, falámos que era necessária a diversificação da economia”.

No ano que passou, diz, “o objectivo da diversificação tornou-se ainda mais real”, em especial com os ganhos do mercado de massas sobre o mercado VIP do jogo. “O turismo está a mudar. Não vêm apenas jogadores, mas mais famílias. Vejo, pessoalmente, mais crianças”, sublinhou. Isso significa negócios de natureza diferente, obrigando aos operadores que cá estão a inovar e fazer diferente. “Em 2016, quando os novos complexos começarem a abrir no Cotai, esperamos muito mais entretenimento”.

O contributo da AmCham para esse objectivo, o responsável não tem dúvidas de que será conseguido através da coordenação com os membros da câmara de comércio. “Temos quatro companhias que têm contribuído com uma larga porção no passado, e também para o futuro, para concretizar o objectivo de tornar Macau um centro internacional de turismo e lazer.”

Mas outra vertente importante para conseguir este objectivo, entende Charles Choy, passa pelo aproveitamento da Ilha da Montanha, e a AmCham tem mantido conversações com os responsáveis de Hengqin. O presidente não esquece ainda Nansha e Zhongshan, “duas regiões fortes com as quais a RAEM está a trabalhar de perto para aumentar a cooperação regional, através de elementos como o turismo, para fortalecer a diversificação da economia de Macau”.

SEGUNDO INFORMAÇÕES DO IPIM, HÁ CERCA DE UMA DÚZIA DE ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS. CONTAM-SE ENTRE ELAS O CONSELHO CHINA-ÁFRICA, AS CÂMARA DO COMÉRCIO DA ROMÉLIA, DE SÃO PAULO, DA TAILÂNDIA E DO CANADÁ



Rutger Verschuren, presidente da Associação Empresarial França-Macau

A questão da mono indústria também preocupa Eileen Stow, mas reconhece que a ideia de estabelecer a BBAM surgiu em 2002, precisamente coincidindo com a liberalização do mercado do jogo em Macau. “Conseguimos perceber o que se iria passar aqui, mas sem nunca antevermos que iríamos estar tão envolvidos. Demos apoio à ideia mas sem nunca vislumbrar que negócios poderiam, de facto, ser feitos com companhias britânicas. Mas no fim de contas, vieram os grandes projectos”.

A diversificação da economia encontra obstáculos, diz. “Por muito que queiramos diversificar, penso que não é isso que os turistas procuram. Seria agradável ver grupos de visitantes mais orientados para as famílias e esperamos que isso aconteça porque com isso seria mais fácil a diversificação do que é a oferta de produtos e serviços”. E a BBAM pode ajudar. Eileen Stow acredita que “basta ser vigilante e dar ideias, em especial, aos casinos, em coisas que não foram ainda pensadas”.

Pequena dimensão lusa fica de fora

Na Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa, diz Filipe Cunha Santos, os novos membros não têm vindo necessariamente da parte portuguesa, contando-se, por exem-

plo, quase todas as concessionárias de jogo. “É bom termos as operadoras como membros porque dão outra dimensão à câmara, e alguns advogados portugueses também se têm juntado”.

Contam-se também algumas companhias ligadas à tecnologia. No entanto, o presidente explica que o processo normalmente passa por empresas que são associadas em Portugal e procuram os serviços da delegação de Macau para marcação de reuniões com vista a parcerias.

Sobre empresas de matriz lusa na RAEM, Filipe Cunha Santos afirma que as companhias de engenharia estão bastante representadas, mas, por exemplo, os restaurantes têm ficado à margem da Câmara. “Temos feito a nossa promoção, mas, talvez por razões de ordem económica, a restauração e outras lojas e empresas comerciais de pequena dimensão têm ficado de fora”.

Ainda assim, o presidente acredita que, sendo uma parte importante, trata-se de um mercado “mais retalhista”, confessando que tem abordado alguns empresários e representantes, mas estes “não mostram interesse”. O foco encontra-se, por isso, em “empresas de média e alta dimensão”, explicou.

TODOS OS MESES, E DOS MAIS FAMOSOS EVENTOS DAS CÂMARAS DE COMÉRCIO EM MACAU, A CÂMARA DE COMÉRCIO FRANCESA ORGANIZA PEQUENOS-ALMOÇOS COM CONVIDADOS DE VÁRIOS SECTORES DE ACTIVIDADE. OS TEMAS SÃO VARIADOS E, MAIS UMA VEZ, AS INICIATIVAS ESTÃO ABERTAS A TODOS OS RAMOS DE NEGÓCIOS

Mas a ideia de Macau como plataforma para a China tem colhido o interesse das empresas portuguesas. Filipe Cunha Santos dá como exemplo desse sucesso a última Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa), dizendo que ficou “agradavelmente surpreendido com a presença portuguesa, em especial, na área agro-alimentar, vinhos, azeites, enchidos, entre outros”. No entanto, reconhece que “essas empresas passam ao lado da câmara”.

Actividades famosas

Todos os meses, e dos mais famosos eventos das câmaras de comércio em Macau, a câmara de comércio francesa organiza pequenos-almoços com convidados de vários sectores de actividade. Os temas são variados e, mais uma vez, as iniciativas estão abertas a todos os ramos de negócios, pessoas individuais, e, mais importante, de todas as nacionalidades. “As empresas francesas não têm apenas funcionários franceses. Por isso, estamos sempre abertos a receber pessoas e empresas”, explicou Rutger Verschuren.

Os “amigos da FMBA” também são uma parte importante da estratégia da câmara de comércio para conquistar mais membros para a organização. “Começam por fazer parte apenas como ‘amigos’, mas depois, mais tarde, pode crescer o interesse”.

Sobre a parceria com a Alliance Française, uma organização com um peso conquistado na região, o presidente sublinha que passa, principalmente, pela promoção mútua de eventos. “Promovemos as actividades da

Alliance Française na nossa rede, como eles promovem as nossas”.

As outras câmaras de comércio também são parceiras em algumas actividades. “Por exemplo, quando sabemos que vamos ter um convidado ou orador importante, contactamos a câmara de comércio britânica ou americana, para saber se teriam interesse em promover o evento”.

Rutger Verschuren acredita que estas sinergias são importantes para actividade das várias câmaras e “juntar as comunidades de negócios”, ainda que o trabalho de promover os produtos e negócios de cada país representado não seja esquecido.

Depois do Interior da China e da região vizinha de Hong Kong, os produtos franceses são os mais desejados em Macau. Entre eles estão os artigos de luxo e os vinhos, mas também, sublinha o presidente, utilitários e infra-estruturas. A França é um dos maiores parceiros comerciais de Macau e o tipo de produtos que geram interesse tem-se mantido. “Cerca de 98 por cento das importações são bens de consumo, num total de sete mil milhões de patacas em 2014 de valor importado. O vinho tinto e o conhaque são os produtos que ocupam maior percentagem”, indicou. “As pessoas de Macau gostam muito dos produtos franceses, mas também os visitantes, sejam do Continente ou de Taiwan, são grandes apreciadores. Macau é um paraíso para fazer compras”, sublinha.

Outro facto que aponta é a confiança dos consumidores em comprarem esses produtos na RAEM. “Aqui os produtos são 100 por cento originais. Não há engano. As pessoas sentem-se seguras a comprar, e Macau oferece também um bom preço”, apontou.

Rutger Verschuren tem confiança no futuro, mas não ignora o panorama que envolve a RAEM e a dependência da indústria do jogo. “O crescimento nos últimos cinco ou seis anos quase não foi normal. Meses atrás de meses com dois dígitos de crescimento”. O cenário agora é outro: as receitas do jogo estão a descer. Mas o presidente da FMBA prefere olhar para os números na sua totalidade. “Talvez seja uma espécie de despertar, para não tomarmos tudo por garantido”. A solução está em diversificar, mas o futuro, já em andamento, pode voltar a ser risonho. “Penso que podemos, eventualmente, ter outra vez um grande crescimento com a segunda fase do Cotai”. ■

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O Banco Nacional Ultramarino é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre damos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —

Em busca de outras áreas

 LUCIANA LEITÃO

Muitos residentes têm vindo a escolher outros países para completar licenciaturas em Agricultura, Veterinária, Medicina, Higiene Dental, Antropologia e Ciência Espacial



SE HÁ alguns residentes que optam por prosseguir os estudos superiores fora de Macau para ter uma experiência diferente, há outros que o fazem apenas porque os cursos pretendidos não fazem parte do currículo das universidades locais. É o caso dos interessados em cursos como Agricultura, Veterinária, Medicina, Higiene Dental, Antropologia e Ciência Espacial.

Madalena Cheong é uma residente de Macau que optou por tirar uma licenciatura em Osteopatia no Canadá, na Universidade de Waterloo, dada a falta de opção na RAEM. “Depois de terminar a licenciatura ainda fiz um curso de massagista também no Canadá”, conta. Passados alguns anos, a jovem regressou para junto da família, mas não encontrou boas oportunidades na sua área. “Cheguei a trabalhar em algumas clínicas de fisioterapia, mas o salário e as condições não eram bem o que esperava”, diz, explicando que depois acabou por entrar na indústria hoteleira, em busca de

melhores oportunidades. A experiência no Canadá foi muito boa, já que “conheceu pessoas diferentes, uma cultura diferente e a paisagem também era boa”.

Madalena não é caso único, já que muitos amigos tomaram a mesma opção. “Conheço muita gente que tirou licenciatura no estrangeiro, escolhendo um curso sem um futuro profissional em Macau”, diz, acrescentando: “Muitos não regressaram, mas alguns sim.”

Segundo dados facultados pelo Gabinete de Apoio ao Ensino Superior (GAES), entre os candidatos elegíveis ao subsídio para apoio na compra de material para o ensino superior em 2012/2013, 15.745 residentes inscreveram-se em universidades no exterior e 18.449 em Macau. No ano lectivo seguinte, o número de inscritos na RAEM ascendeu a 18.649, enquanto que o número dos que estudavam fora correspondia a 14.713.

Entre as principais áreas que os estudantes de Macau procuram no estrangeiro encon-

ENTRE AS PRINCIPAIS ÁREAS QUE OS ESTUDANTES DE MACAU PROCURAM NO ESTRANGEIRO ENCONTRAM-SE A AGRICULTURA, HIGIENE DENTAL, CIÊNCIA ESPACIAL, ANTROPOLOGIA, MEDICINA E VETERINÁRIA



tram-se a Agricultura, Higiene Dental, Ciência Espacial, Antropologia, Medicina e Veterinária, escolhendo, dependendo do curso, como principais destinos Taiwan, Austrália, Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos ou Alemanha.

Por exemplo, o curso de Ciência Espacial foi dos mais concorridos entre os que não oferecem perspectivas profissionais na RAEM, tanto no ano lectivo de 2012/2013 (32 alunos), como em 2013/2014 (33 alunos), com a maioria a optar pela Austrália, Estados Unidos e Taiwan.

A licenciatura em Higiene Dental foi a mais concorrida entre este leque de cursos, com 81 residentes a inscreverem-se em universidades no estrangeiro em 2012/2013 e 92 no ano lectivo seguinte. Neste caso, a maioria escolheu a China e Taiwan para concluir a licenciatura.

Programas limitados

A directora do Centro de Investigação em Educação da Universidade de Macau, Teresa Vong, afirma que tratando-se Macau de um sítio pequeno é “difícil oferecer uma grande variedade de cursos”. Por isso, aqueles que queiram prosseguir determinados estudos acabam por ter de fazê-lo no estrangeiro. “Por exemplo, os que queiram completar a licenciatura em Medicina, têm de ir para fora de Macau.”

De acordo com a académica, ainda se vê muito no território estudantes que optam por prosseguir uma área em função das oportunidades profissionais em Macau. “Muitas vezes, os estudantes locais preferem escolher um curso que se encaixe numa indústria”, diz, acrescentando: “Não me parece correcto – este pensamento é muito prático e técnico”. Aliás, para Teresa Vong, é importante, quando se está no ensino superior, a capacidade de movimento, para trabalhar seja em Macau ou noutros lugares. E isso é ainda mais importante, considerando a falta de opções no ensino superior local. “Mesmo assim, depois de estudarem fora, podem regressar e abrir novas oportunidades, arrancando um determinado sector ou indústria. Tudo depende de quão corajosos são os alunos.”

Geralmente, os estudantes da RAEM são “mais conservadores”, optando por tirar cursos que depois tenham saídas profissionais em Macau. Mas ainda há uns quantos que escolhem o curso em função do seu interesse. “Para mim, toda a gente devia estudar Filosofia, por-



AS ÁREAS DE ESTUDO MAIS POPULARES EM MACAU

NAS DEZ INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DA RAEM NO ANO ACADÉMICO 2012/2013, HAVIA 27.776 ESTUDANTES INSCRITOS. OS CURSOS LIGADOS ÀS ÁREAS DAS CIÊNCIAS SOCIAIS, GESTÃO COMERCIAL E DIREITO SÃO OS QUE MAIS ATRAEM ALUNOS.

CIÊNCIAS SOCIAIS,
GESTÃO COMERCIAL E DIREITO
14.507

SERVIÇOS
5.472

ESTUDOS HUMANÍSTICOS E ARTES
2.988

SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL
1.748

EDUCAÇÃO
1.030

CIÊNCIAS
1.197

CONSTRUÇÃO E ENGENHARIA
822

Fonte: GAES

O CURSO DE CIÊNCIA ESPACIAL FOI DOS MAIS CONCORRIDOS ENTRE OS QUE NÃO OFERECEM PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NA RAEM, TANTO NO ANO LECTIVO DE 2012/2013 (32 ALUNOS), COMO EM 2013/2014 (33 ALUNOS)

que aprendem a pensar, mas a Universidade de Macau tem muitos poucos alunos nesse curso.”

Segundo a professora, há muitos alunos locais a optar por prosseguir os estudos superiores em Taiwan ou noutras regiões vizinhas. “Conheço muitos jovens que escolhem Taiwan para tirar Belas Artes e, se tiverem mais dinheiro, chegam a ir para Londres”, diz. “O Instituto Politécnico tem o curso de Belas Artes, mas alguns residentes preferem ir para fora.” E muitos desses que tiram cursos como o de Belas Artes, acabam por ficar a trabalhar fora de Macau, já que têm mais oportunidades na área. Para este e outros sectores, como marketing ou média, o território “não precisa de profissionais para já”, ainda que não se saiba o dia de amanhã.

Assim, a investigadora vê dois tipos de estudantes em Macau: “Há aqueles que escolhem os seus estudos em função das possibilidades de trabalho, ou seja, são mais práticos, e há os que vão em busca de algo que os interesse e depois terão de procurar oportunidades.”

Tudo isto acaba por estar directamente ligado ao sistema do ensino secundário. “Sei, por exemplo, que há jovens em escolas como o Colégio Anglicano, que já desenvolveram bons hábitos de leitura e alguns preferem simplesmente tornar-se escritores”, declara. “Acredito que dependa realmente de quão bem o ensino secundário prepara-os para prosseguir com os estudos.” E a maior parte das escolas é “bastante prática”, inculcando algum pragmatismo nos respectivos alunos.

Assim, normalmente os residentes de Macau acabam por preferir prosseguir os estudos superiores em Macau, até porque podem recorrer a trabalhos a tempo parcial para ganhar experiência. “Têm uma mentalidade bem mais prática”, diz. ■

O QUE QUEREM FAZER OS JOVENS GRADUADOS

A GRANDE MAIORIA DOS JOVENS GRADUADOS SONHA COM UM EMPREGO NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. INQUÉRITOS DO GAES AOS RECÉM-GRADUADOS EM 2013 SOBRE AS SUAS INTENÇÕES DE CARREIRA INDICAM AINDA QUE MAIS DE 12% GOSTAVA DE TER O SEU PRÓPRIO NEGÓCIO.

FUNÇÃO PÚBLICA

72,85%

BANCA, FINANÇAS E SEGUROS

34,25%

EDUCAÇÃO

29,33%

TURISMO

27,83%

JOGO

27,40%

SERVIÇOS SOCIAIS

12,70%

CRIAÇÃO DO PRÓPRIO NEGÓCIO

12,52%

INDÚSTRIAS CRIATIVAS

10,77%

COMÉRCIO

10,21%

SAÚDE

9,46%

INFORMÁTICA

6,23%

JORNALISMO E COMUNICAÇÃO

5,17%





O lado cultural da plataforma

Como ponto de encontro secular entre o Oriente e o Ocidente, Macau tem potencial para ser um palco privilegiado para o intercâmbio cultural entre a China e os países de língua portuguesa. Apesar das crescentes iniciativas, muitos defendem uma estratégia ainda mais abrangente para que o lado cultural da plataforma se mostre em força

T DIANA DO MAR e FÁTIMA VALENTE

CHEGA COM o cair de Outubro, juntando as culturas das diversas comunidades numa montra chamada Festival da Lusofonia. Embora sob a forma de arraial popular, reveste-se de particular simbolismo pelo intercâmbio cultural que promove. Da gastronomia, à música ou à dança, até ao artesanato, o Festival da Lusofonia, inserido na Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa, conquistou um espaço com o desenrolar dos anos no calendário de Macau.

Esta é, aliás, o único momento que tem o condão de juntar actividades culturais de todos os países de língua portuguesa, num programa com organização e apoio institucionais, como assinala a presidente da Associação dos Amigos de Moçambique (AMM). Helena Brandão recorda que existem outros eventos ao longo do ano que as comunidades organizam ou nas quais participam, mas de forma pontual e individual, pelo que nenhum ou-

tro congrega toda a lusofonia num único momento.

“De ano para ano nota-se um maior interesse, uma maior percepção por parte das pessoas de Macau”, afirma Helena Brandão, radicada em Macau há três décadas, para quem “a Semana Cultural e o Festival da Lusofonia têm contribuído muito para um maior conhecimento da cultura desses países e depois as associações também tentam mostrar sempre coisas diferentes”.

O próprio Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) também elenca como o “contributo mais significativo e mais visível” a organização, a partir de 2008, da Semana Cultural, “uma verdadeira mostra multifacetada” que vem alargar a componente “mais festiva” ou “recreativa”, planeada em conjunto com o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM). “Pese embora o objectivo primeiro seja a cooperação económica e comercial, a componente cultural tem-se afirmado com grande ênfase nos últimos anos”, realça Echo Chan que coordena, desde Março, o Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum Macau. Como recorda, “a cooperação no plano cultural foi introduzida nos Planos de Acção para que esse intercâmbio cultural – quer bilateral, quer multilateral – possa beneficiar o conhecimento mútuo entre os povos e permitir que a China seja, pela vertente cultural, mais e melhor conhecida”. De facto, a Chi-



GONCALO LOBO PINHEIRO

GONÇALO LOBO PINHEIRO



“ PESE EMBORA O OBJECTIVO PRIMEIRO SEJA A COOPERAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL, A COMPONENTE CULTURAL TEM-SE AFIRMADO COM GRANDE ÊNFASE NOS ÚLTIMOS ANOS”

ECHO CHAN, COORDENADORA DO GABINETE DE APOIO AO SECRETARIADO PERMANENTE DO FÓRUM MACAU

na também tem um espaço no evento “dois em um” que se realiza anualmente, já que tem vindo a ser seleccionada uma província para se exibir lado a lado com os países de língua portuguesa.

“Foi uma ideia muito boa agregar sempre uma província convidada. Não tem um grande impacto no momento, mas tem um efeito. As pessoas começam a interessar-se pela cultura do outro. Quando vêem que nos interessamos por aquilo que é deles, também se vão interessar pelo que é nosso. É uma questão de reciprocidade e de amabilidade”, sustenta Maria Antónia Espadinha,

vice-reitora da Universidade de São José.

Para o editor e jornalista Rogério Beltrão Coelho, o Festival da Lusofonia tem, de facto, essa valia de ser “um ponto de encontro”. “Como todos os arraiais de acto paroquial, [o festival] é provinciano, mas tem todo o mérito. É capaz de ser um pouco pimba, mas o pimba faz parte da nossa cultura.” No entanto, “se se disser que – a par daquilo que se faz – se devia fazer outro tipo de coisas, se calhar deveria”, observa.

Jorge Rangel, que preside ao Instituto Internacional de Macau (IIM), afina pelo mesmo diapasão. “É evidente que [o intercâmbio cultural] existe, mas podemos ir mais longe”. Após a transição, em 1999, andou-se um pouco à procura do que devia (ou não) ser valorizado, até que chega um “sinal” da China – que, em 2003,

atribui a Macau esse papel de plataforma económica e comercial. Ora, “a cultura tinha que vir a seguir, porque esta ligação não foi criada de uma forma artificial. Era o retomar de uma vocação histórica de Macau como entreposto privilegiado dos países de língua portuguesa. O melhor legado de Portugal – do Ocidente – foi a parte cultural (...) e Macau só podia manter a sua diferença, justificando que fosse especial, e mostrando a visão que a China tinha”.

Antropólogo, e também jornalista e editor, Carlos Moraes José subscrive: “É graças a Pequim que há um novo impulso no intercâmbio cultural, começando-se a sentir, logo em 2003, pelas autoridades de Macau muito mais apoio e interesse nas relações com os países lusófonos. É perceber, de alguma maneira, que esse é o destino de Macau”.

Letras com significado

Outras acções para propiciar um maior intercâmbio foram florescendo nos últimos anos, destacando-se o Festival Literário Rota das Letras. Inaugurado em 2012, faz convergir na Primavera em Macau dezenas de escritores, músicos ou tradutores provenientes de diferentes países de língua

“ QUANDO VÊEM QUE NOS INTERESSAMOS POR AQUILO QUE É DELES, TAMBÉM SE VÃO INTERESSAR PELO QUE É NOSSO. É UMA QUESTÃO DE RECIPROCIDADE E DE AMABILIDADE”

MARIA ANTÓNIA ESPADINHA

portuguesa e da China, criando terreno fértil para o entrosamento.

“O festival aparece um pouco porque olhámos à nossa volta e havia muito boas intenções (...), mas não algo palpável e real, que não fosse uma conferência, uma sessão, um dia. Queríamos fazer uma coisa visível, mais longa, e que deixasse um rasto e pensámos num festival que juntasse em Macau ao longo de vários dias pessoas desses dois mundos”, explica Hélder Beja, subdirector do Rota das Letras.

Precisamente na tentativa de deixar esse “rasto”, o festival culmina com a publicação de um livro trilingue (português, chinês, inglês) de contos subordinados a Macau escritos pela pena de autores convidados – a maioria aceita esse desafio – e pelos participantes de um concurso de contos aberto para o efeito. “Temos conseguido”, sublinha Hélder Beja, reconhecendo que “o festival tem de crescer” e “sedimentar-se” antes de voos mais altos.

Fundado pelo jornal *Ponto Final*, o festival tem outros parceiros privados e conta com o apoio do Governo. “Se o festival não fosse parcialmente subsidiado seria insustentável. O apoio do Governo é fundamental, do ponto de vista da infra-estrutura é essencial – não o poderíamos fazer sem os espaços que eles concedem, e do dinheiro também”, admite Hélder Beja.

Yao Jing Ming, também subdirector do Rota das Letras, ex-vice-presidente do Instituto Cultural e tradutor de obras de autores portugueses como Fernando Pessoa ou Eugénio de Andrade, também viu no aparecimento do festival um balão de oxigénio. Global-



“ O FESTIVAL APARECE UM POUCO PORQUE OLHÁMOS À NOSSA VOLTA E HAVIA MUITO BOAS INTENÇÕES (...), MAS NÃO ALGO PALPÁVEL E REAL, QUE NÃO FOSSE UMA CONFERÊNCIA, UMA SESSÃO, UM DIA ”

HÉLDER BEJA, SUBDIRECTOR DO ROTA DAS LETRAS

mente, constata um aumento do intercâmbio cultural sino-lusófono que radica na abertura da China ao mundo. “A actividade económica e comercial dá impulso, dinamiza o movimento cultural: há mais livros publicados, um maior intercâmbio, mais actividades, mais visitas, mas sobretudo entre a China e o Brasil”, anota Yao Jing Ming.

Márcia Schmalz, académi-

ca, natural do Brasil e falante de mandarim, também coloca a abertura da China ao mundo – em particular a entrada na Organização Mundial do Comércio em 2001 – como o ponto de viragem. “Foi o momento em que desabrochou. A partir de então, passou a intensificar essas relações. Depois chega o *boom* económico, com o movimento cultural a reboque. Começam a sur-

gir estudiosos interessados, acordos de cooperação, estabeleceram-se agendas e começou-se a dar importância à vertente cultural.”

“Estamos a ver crescer esse intercâmbio entre Macau, China e os países de língua portuguesa e há cada vez mais curiosidade de ambas as partes, transcendendo, inclusive, as questões meramente linguísticas”, sublinha a docente,



GONÇALO LOBO PINHEIRO



ANTÓNIO MIL-HOMENS

acabada de regressar do “Cruzamentos: Brasil, Portugal e Grande China”, um evento que teve a sua segunda edição em Julho, em São Paulo, depois de uma primeira na Universidade de Macau no início de 2013.

Com efeito, precisamente na Universidade de Macau, por via do Mestrado de Chinês/Português do Departamento de Português, têm vindo a ser concebidas iniciativas para um melhor conhecimento da cultura do outro, com a produção literária a surgir como resultado. Foi no âmbito do curso que, em 2012, nasceu a ideia de traduzir clássicos da literatura brasileira para o chinês, um projecto com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional do Brasil e o Ministério das Relações Exteriores através do Consulado do Brasil em Hong Kong e Macau, que aconteceu no âmbito das acções de promoção da literatura do Brasil em todo o mundo.

Trabalhando só com os clássicos da literatura brasileira que integram o domínio público – cuja data de publicação data de há mais de 60 anos – a escolha recaiu sobre *O homem que sabia japonês*, de Lima Barreto, *Laranja da China*, de António de Alcântara Machado, num catálogo que inclui *Macário*, de Álvares de Azevedo. Também vertido para o chinês por estudantes foram obras da autoria de Isabel Mateus, escritora portuguesa radicada no Reino Unido ao abrigo de uma parceria. A publicação mais recente, composta por 14 contos d’ *O Trigo dos Pardais*, obra dada à estampa em 2009 e incluída no Plano Nacional de Leitura, foi lançada em Abril em Macau. Em 2012, a Universidade de Macau co-

meçou a ser palco da Semana da Cultura Brasileira, com mostras culturais, filmes, exposições, gastronomia e encontros literários.

A aproximação também se faz, naturalmente, pela língua. Maria Antónia Espadinha dá o exemplo dos Institutos Confúcio que “não levam só a língua, mas também a cultura, pequenas realizações culturais que vão cativar as pessoas”. Já no sentido inverso, e no particular de Macau, às vezes de tudo o que se precisa é de um pretexto para descobrir, seja

através da gastronomia ou da música. “Basta pensar nas crianças que frequentam uma escola onde aprendem português e depois têm uma actividade: os pais vão e gostam e cultivam.” Contudo, ressalva, “não se pode fazer em dez anos aquilo que não foi feito em 450. É devagarinho”.

Concertar estratégias

Apesar da percepção de que se tem vindo a propiciar o encontro cultural em Macau – ou pelo menos mais do que no passado –, para o consen-



GONÇALO LOBO PINHEIRO

“ ESTAMOS A VER CRESCER ESSE INTERCÂMBIO ENTRE MACAU, CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E HÁ CADA VEZ MAIS CURIOSIDADE DE AMBAS AS PARTES, TRANSCENDENDO, INCLUSIVE, AS QUESTÕES MERAMENTE LINGUÍSTICAS ”

MÁRCIA SCHMALTZ



GONCALO LOBO PINHEIRO

so de que falta uma estratégia concertada e mais abrangente para um efectivo fomento do intercâmbio. Esta deve reunir a parte institucional e todos os agentes culturais adstritos, a começar pelas próprias associações representativas de cada uma das comunidades da lusofonia. “Se cada entidade quiser avançar há muita coisa que se pode fazer”, aponta o presidente do IIM, dando o exemplo de uma iniciativa que coorganiza que cai na esfera do intercâmbio cultural e que juntou apoios em diversas frentes: o Encontro de Poetas Lusófonos e Chineses.

Depois de duas edições em Macau (2006 e 2013), poetas lusófonos e chineses voltaram a reunir-se, em Junho, em Lisboa, uma iniciativa que contou com o apoio da Fundação Macau e do Instituto Cultural.

Neste capítulo de iniciativas, Yao Jing Ming aponta algumas sugestões. Uma delas é a eventual criação de uma entidade com objectivos idênticos ao Fórum Macau, mas com a missão de servir como plataforma entre dois mundos no prisma cultural. “Não precisava de uma estrutura tão grande, mas era bom poder congregiar pessoas de todos os países lusófonos e da China para puderem planear, discutir e falar”, defende. O académico considera que um “fórum cultural” seria “bastante eficaz”. Outra alternativa, adianta, poderia passar por “uma comissão, com um representante de cada país, que reuniria uma ou duas vezes por ano para debater assuntos de interesse, aproveitando as condições vantajosas de que Macau goza”.

“ A ACTIVIDADE ECONÓMICA E COMERCIAL DÁ IMPULSO, DINAMIZA O MOVIMENTO CULTURAL: HÁ MAIS LIVROS PUBLICADOS, UM MAIOR INTERCÂMBIO, MAIS ACTIVIDADES, MAIS VISITAS, MAS SOBRETUDO ENTRE A CHINA E O BRASIL ”

YAO JING MING

Já para Jorge Rangel, atendendo a que Pequim declarou posteriormente que o Fórum Macau tem “uma missão mais abrangente”, que “vai muito para além da economia e do comércio e pode entrar em todas as áreas, desde a administração pública até ao desporto, passando obviamente pela cultura”, o Fórum deveria chamar a si essa incumbência. Echo Chan reconhece que “há sempre espaço para mais e melhor”, até porque “o intercâmbio cultural é um importante instrumento para incentivar o desenvolvimento das relações económicas”, mas entende que, volvida uma década, o Fórum Macau se tornou “uma referência também ao nível cultural”.

Por sua vez, Carlos Morais José lamenta que “não tenha havido uma estratégia de permanência cultural” na China por parte de Portugal. “A prova disso é que não temos sequer

ACTUALIDADE CHINA E LUSOFONIA À SEXTA EM PROGRAMA DE TV

O canal em língua portuguesa da Teledifusão de Macau (TDM) estreou, no início de Agosto, o programa “Macau 360°” que dá destaque à actualidade das relações China-países de língua portuguesa. Apresentado pela jornalista Catarina Vaz, o programa vai para o ar às sextas-feiras pelas 21h15, a seguir ao Telejornal.

um Instituto de Sinologia. Isso podia ter sido feito em Macau. Portugal tem 500 anos de contacto com a China e não temos uma sinologia constituída, ao contrário de países que nunca

tiveram esse tipo de contacto, como a Alemanha, Inglaterra, França, Espanha e Itália (...). Começámos há pouco tempo e muito limitadamente em Portugal, numa ou duas universidades, mas paradoxalmente Macau nunca foi aproveitado nesse sentido”, considera.

O editor e jornalista vê no capital humano a via do reforço do intercâmbio cultural. Por isso diz apoiar e muito as trocas de estudantes entre Portugal e Macau, “porque, de facto, assim se consegue criar laços reais”. Mas, por outro lado, insiste que “é preciso investimento na parte mais teórica, mais chata: temos de ir à procura daquilo que é fundamental na cultura chinesa, para podermos compreender a contemporaneidade”. Por outras palavras, “não a podemos compreender sem sabermos de onde é que ela vem”. ■



ANTÓNIO MIL-HOMENS

O poder dos livros

As mostras e festivais são importantes para ver e conhecer as diferentes culturas, mas é nos livros que se firma o pensamento do outro. A estrada aberta pela tradução é um caminho longo a percorrer

T DIANA DO MAR E FÁTIMA VALENTE

UMA MESA de café em Paris põe um grupo de amigos de roda de Fernando Pessoa. O *Livro do Desassossego* é o grande banquete dos franceses, de que o autor chinês Han Shaogong ouviu falar pela primeira vez. Mas o entusiasmo na tertúlia é tal que faz o escritor entrar numa livraria para comprar a versão inglesa da obra e, mais tarde, aventurar-se na sua tradução para a língua chinesa. Por essa altura, na viragem do século, tanto em Macau como na China já havia obra publicada de Fernando Pessoa, mas esta ainda “não tinha provocado fogo entre os chineses”, discorre Yao Jing

Ming. “Como Han Shaogong é muito conhecido na China, os leitores ficaram muito curiosos: Han Shaogong traduziu Fernando Pessoa? Quem é Fernando Pessoa?”, conta, ao relatar o episódio “decisivo” para a projecção ganha, entretanto, pelo poeta português. “Hoje em dia, [José] Saramago e logo a seguir Fernando Pessoa estão entre os escritores estrangeiros preferidos dos chineses, mas ainda me lembro que na década de 1990 pouca gente conhecia esses autores portugueses”, relata Yao Jing Ming.

O facto de Macau ser um “mercado muito pequeno e de as publicações feitas localmente não poderem circular na China” também explica, segundo o académico, o desconhecimento da literatura portuguesa entre os falantes de língua chinesa. Mas essa é uma barreira que na perspectiva de Yao Jing Ming – que esteve envolvido no projecto “Biblioteca Básica de Autores Portugueses”, uma co-produção do Instituto Cultural com uma editora do Interior da China que incluía Eça de

Queiroz – pode ser ultrapassada. “Acho que é boa ideia reeditar alguns livros com interesse para o leitor chinês. Também podemos fazer uma nova colecção que poderá incluir escritores da nova geração. De facto, não param de aparecer bons escritores”, atenta. O crescente interesse de alguns autores chineses por escritores portugueses também abre portas à negociação para dividir responsabilidades na produção e distribuição entre Macau e a China. “É bom pensar e começar”, sugere Yao Jing Ming.

Exportar os clássicos

Para vencer a exiguidade de Macau, o editor Rogério Beltrão Coelho mantém as esperanças na dinamização de uma associação de editores para atacar o mercado da lusofonia. Mas dentro de portas também defende uma política cultural com linhas fundadas no princípio da divulgação. “Eu falo de (...) traduzir para português obras de referência chinesa, de recuperar edições antigas, com boas biografias de autores e o aparato crítico das suas obras. Há uma série de coisas que é obrigatório fazer em que, obviamente, o investimento não vai ser recuperado”, acrescenta. Para o responsável da Livros do Oriente, “Macau tem a obrigação de ser a ponte, de, enquanto terra que trabalha com duas línguas, levar para as línguas ocidentais, através do português, uma série de obras desconhecidas do Ocidente”.

“MACAU TEM A OBRIGAÇÃO DE SER A PONTE, E DE, ENQUANTO TERRA QUE TRABALHA COM DUAS LÍNGUAS, LEVAR PARA AS LÍNGUAS OCIDENTAIS, ATRAVÉS DO PORTUGUÊS, UMA SÉRIE DE OBRAS DESCONHECIDAS DO OCIDENTE”

ROGÉRIO BELTRÃO COELHO



Carlos Morais José considera que esse labor minucioso é “silencioso” mas necessário. “A tradução de todos os clássicos chineses [para português] é um trabalho que já se deveria ter começado a fazer, já devia haver grupos de trabalho para isto. (...) Se calhar já não era preciso ler Confúcio em inglês ou francês, lia-se em português. E ler em português tem uma dimensão especial.” É também no sentido de dar a conhecer a literatura e o pensamento chinês que Carlos Morais José olha para o mercado lusófono numa visão alargada, sugerindo, por exemplo, que o governo subsidie os livros para assim chegarem às livrarias destes países. “Pagar a divulgação da cultura chinesa nesses países era uma coisa que deveria existir de facto”, afirma, defendendo uma estratégia de marketing baseada no conceito de ‘Livro de Macau’, a desenvolver pelo Instituto Cultural.

“ A TRADUÇÃO DE TODOS OS CLÁSSICOS CHINESES [PARA PORTUGUÊS] É UM TRABALHO QUE JÁ SE DEVERIA TER COMEÇADO A FAZER, JÁ DEVEIA HAVER GRUPOS DE TRABALHO PARA ISTO. (...) SE CALHAR JÁ NÃO ERA PRECISO LER CONFÚCIO EM INGLÊS OU FRANCÊS, LIA-SE EM PORTUGUÊS. E LER EM PORTUGUÊS TEM UMA DIMENSÃO ESPECIAL ”

CARLOS MORAIS JOSÉ

Nessa senda da divulgação da cultura chinesa, o responsável da editora Livros do Meio assumiu a empreitada de reunir em português *Quinhentos Poemas Chineses*, uma obra lançada em parceria com a Casa de Portugal em Macau. Yao Jing Ming, que também deu o seu contributo ao livro não lhe poupa elogios. “*Quinhentos Poemas Chineses* é fantásti-

co. Ele [Carlos Morais José] disse-me que é uma prenda dos portugueses para os chineses. E já começámos a falar em fazer o inverso com poetas portuguesas”, acrescenta entusiasmado. “Acho que seria possível arranjar uma editora para publicar esse livro. De facto Portugal tem bons poetas. (...) E tem de exportar mais literatura – não só a lata de sardinha.” ■



Macau com estatuto multilinguístico

São várias as línguas a cruzarem o passado e o presente de Macau. Um estatuto multilinguístico que pode fazer a diferença na Grande China, acredita o presidente do Centro Científico Cultural de Macau, Luís Filipe Barreto. É exactamente para aprofundar esse conhecimento fruto da multiculturalidade que Lisboa acolhe, em Outubro, o II Encontro sobre a História da Tradução em Macau

T PATRÍCIA LEMOS **F** PAULO CORDEIRO
Em Portugal

DEPOIS DE debutar com sucesso no Instituto Politécnico de Macau (IPM) em 2011, o Encontro sobre a História da Tradução em Macau viaja até Lisboa, sob o lema China/Macau: Tradução e Interpretação – Passado e Presente. Esta segunda edição, a decorrer entre 12 e 14 de Outubro no Centro Científico Cultural de Macau (CCCM), vai ser mais abrangente e contar com novos convidados.

Co-organizado pelo CCCM, IPM e Fundação Macau, o Encontro pretende “aprofundar o conhecimento do estatuto multilinguístico de Macau, articulando-o mais e melhor à China, Japão, Filipinas, etc. e à disseminação na Europa de informação e cultura material chinesas em múltiplas línguas ocidentais”, explica o presidente do CCCM, Luís Filipe Barreto, revelando ainda que “um dos conferencistas presentes vai abordar traduções e impactos na Filosofia e Ciências Sociais chinesas a partir do alemão – muitas vezes via prévia tradução japonesa”.

O responsável acredita que “o estatuto multilinguístico é muito importante para a RAEM a nível estratégico, porque a potencialidade nessa área em Macau é um dos pilares da região na China”, aquilo que pode demarcá-la das restantes regiões chinesas. E não se refere apenas ao chinês e português: “Existem potencialidades ao nível das línguas latinas, do inglês e do japonês”. Por essa razão, eleger a afirmação do estatuto multilinguístico de Macau como o projecto mais importante do CCCM ao nível da cooperação com as instituições da RAEM, a realizar

num horizonte de cinco a dez anos, através de estudos de passado e de presente.

Segundo o presidente, este enfoque na tradução em Macau faz todo o sentido. Afinal, já nos idos séculos XVI e XVII, “era o único sítio do mundo onde se seleccionava, aprendia, editava e acumulava em biblioteca documentação em chinês e japonês, juntamente com latim, português e línguas ocidentais e asiáticas”. Macau sempre foi um lugar de diversidade, de pluralidade. “A maioria dos portugueses que chegou ao território nos séculos XVI e XVII já é fruto da experiência com o mundo malaio e com a Índia, ou seja são filhos de mães desses países. Por isso, até a condição portuguesa de Macau é plural. E são muitos os espanhóis e italianos a passarem pela região”, justifica.

Motivar a investigação sobre Macau

A par da crescente projecção da China no mundo, a RAEM tem encontrado forma de se destacar além da sua monumental indústria do jogo. “Tem suscitado cada vez mais o interesse dos investigadores”, o que se prova na “qualidade e quantidade de edições em várias línguas”. Barreto considera que “aquela ideia de que Macau se reduzia aos casinos está muito ultrapassada”, existindo agora “uma maior consciência por parte das pessoas de que a região foi uma placa estratégica essencial entre a China e o Japão, bem como com o Índico e o Pacífico”.

Para aumentar a produção da investigação nas áreas de interesse que envolvem a China, Macau e Portugal e outros países europeus, o CCCM tem trabalhado com as universidades para motivar os alunos a fazerem mestrados e

doutoramentos sobre muitos temas relacionados que precisam de ser estudados e podem ser depois aproveitados.

Desenvolvido “em rede”, o trabalho de investigação do Centro tem ganho profundas raízes desde 2006 e 2007, conforme explica o historiador, salientando que hoje em dia só é possível fazer investigação com sucesso num espírito de cooperação lato. Aliás, “uma parte significativa das nossas edições é vendida para o estrangeiro, graças às recensões críticas a nível universitário e em revistas de divulgação em várias línguas”. As parcerias do Centro de maior destaque incluem a Fundação Jorge Álvares, a Fundação Macau, Verlag, universidades como as de Munique e Coimbra, Lisboa, Macau, Lovaina e IPM.

“As edições do CCCM em parceria internacional são cada vez mais a regra”, garante o responsável, como foi o caso da obra de Roderich Ptak e Baozhu Hu – *The Earliest Extant Bird List of Hainan: Annotated Translation of the Avian Section in Qiongtai zhi*, uma co-edição CCCM/Harrasowitz Verlag-Wiesbaden.

O Centro tem cada vez mais acordos e relações de cooperação: na Alemanha, Espanha, Inglaterra, Itália, nos Estados Unidos e até no México, porque não é possível reduzir o trabalho à dimensão da escala Portugal-China-Macau,

PARA AUMENTAR A INVESTIGAÇÃO, O CCCM TEM TRABALHADO COM AS UNIVERSIDADES PARA MOTIVAR OS ALUNOS A FAZEREM MESTRADOS E DOUTORAMENTOS RELACIONADOS QUE PRECISAM DE SER ESTUDADOS E PODEM SER DEPOIS APROVEITADOS

exactamente porque “uma das funções mais notáveis de Macau foi potenciar muitas articulações”, uma capacidade que se manifestou pelo papel que teve no comércio internacional.

Articular conhecimento e interesses

Na RAEM as parcerias do CCCM também têm vindo a ser reforçadas, resultando daí, por exemplo, só para este ano várias co-edições, tanto com Universidade de Macau, no caso da obra de Carmen Amado Mendes – *As Negociações de Macau (1986-1999)*, como com a Fundação Macau no que se refere ao livro de Lucio de Souza – *The*

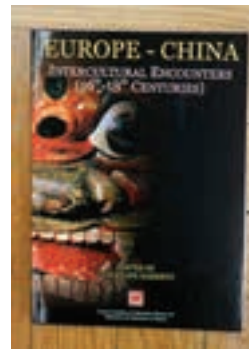


Jewish Diaspora and Phillipines, and the Americas (16th Century), entre outras. São frutos da relação estreita do CCCM com as instituições de referência de Macau, com quem tem trabalhado em equipa ao nível da investigação das relações luso-chinesas e do estudo de Macau. Esse trabalho tem sido “bem-sucedido”, qualifica Barreto que logo sublinha: “Esse é o caminho a seguir”.

O responsável acredita que os grupos de trabalho a formar para a investigação sobre Macau terão de ser “multilinguísticos, multidisciplinares e comparativos”, não só incluindo chineses e portugueses como também outros europeus e asiáticos. Barreto refere-se a um estudo multifacetado de várias disciplinas e consequente convergência, bem como uma abordagem multilinguística dos vários saberes. É um diálogo de conhecimentos que o CCCM pretende continuar a fomentar. O bilinguismo em que o governo da RAEM está a apostar poderá ter também um contributo futuro importante na área da investigação, salienta.

À semelhança do que acontece noutras partes do mundo, esta investigação tem de ser igualmente articulada com questões contemporâneas de utilidade social. Hoje em dia, é muito importante reunir esses interesses. “No presente quadro europeu os institutos públicos de ciências sociais e humanidades, bem como muitas outras instituições, públicas e privadas, vivem um difícil desafio de sobrevivência”, lamenta, explicando que “é cada vez mais importante captar outros apoios e patrocínios, internacionais e nacionais, privados e públicos, que viabilizem actividades de referência científicas e culturais, programas de investigação, formação, edições, exposições, etc.”

O CCCM pretende aproveitar não só as referidas articulações internacionais da história de Macau, mas também as relações sino-lusófonas que a região tem protagonizado. Organizou inclusivamente colóquios que abordam essa temática, como foi o caso de Património Cultural Chinês em Portugal, em 2013, que teve participação brasileira, porque o interesse do Brasil na China não é só dos nossos dias. Barreto recorda as palavras dum português do Brasil em Pernambuco que, nos inícios do século XVIII, dizia que a porcelana chinesa era a ‘droga’ que mais se consumia no Brasil. O presidente explica que a partir dos séculos XVII e XVIII as colecções de porcelana, populares na América do Sul, passam a servir muito de moeda de troca para adquirir o tabaco brasileiro que vai depois de Macau para Cantão.





ATIVIDADES DE 2015

- Exposição de cerâmica “Paz e Serenidade – Cerâmica Song da Coleção Qingjingtang”, acompanhada por um catálogo em português, inglês e chinês, com mais de 300 páginas.
- Colóquio Internacional China-Macau: Tradução e Interpretação – Passado e Presente, conjuntamente com a Fundação Macau e o Instituto Politécnico de Macau.
- Publicação de *Macau: Past and Present*, editado por Luis Filipe Barreto e Wu Zhiliang, numa edição CCCM/Fundação Macau.
- Publicação de Património Cultural Chinês em Portugal, editado por Luis Filipe Barreto e Vitor Serrão, numa edição CCCM/Fundação Jorge Álvares

Apesar de nos últimos anos se ter acentuado o papel estratégico de Macau no Atlântico da língua portuguesa, estas relações não são recentes. “O impacto da dimensão chinesa por via de Macau naquilo a que chamamos hoje de PALOP é muito mais antigo do que pensamos”, garante o académico, que chama a atenção para a existência de muito trabalho de investigação a fazer nessa área, por exemplo ao nível da ecologia, da economia e da cultural material.

Mais chinês para os portugueses

Valendo-se da sua experiência no ensino na língua portuguesa na Universidade de Macau, em 1992 e 1994, Barreto considera que houve “um grande salto” no interesse do nosso idioma por parte das potências asiáticas, considerando que muito se deverá à globalização económica mundial. Afinal, “o multilinguismo é tanto mais forte quanto maior for a dimensão económica e a riqueza do que está em jogo”. Mas nem sempre foi assim. “Nos anos 1990, essa importância estratégica na articulação com o Brasil, países de expressão portuguesa em África, na Ásia e até com as comunidades migratórias portuguesas nos Estados Unidos não era por vezes tão visível a muitos dos decisores.” As línguas chinesa e portuguesa são hoje em dia as que mais



crescem no século XXI, também pelo potencial demográfico internacional.

Apesar do interesse nas línguas chinesa e portuguesa ter vindo a aumentar com a necessidade de intercâmbio económico, também o desenvolvimento do sector turístico, tanto em Macau como em Portugal, tem contribuído para a crescente importância do multilinguismo. A terra de Camões recebe cada vez mais visitantes asiáticos, daí que haja “uma crescente solicitação de traduções nessas línguas, o que também se reflecte em termos comerciais”, explica o presidente do CCCM. E não é só o chinês a despertar o interesse dos portugueses, garante logo adiantando: “É cada vez maior a procura de ensino das línguas asiáticas, incluindo o japonês, o coreano ou o híndi”.

O interesse dos chineses em Portugal, em termos turísticos e económicos, tem estimulado uma corrida às salas de aula do CCCM. Para além do Curso livre de Língua e Cultura Chinesa, vão ainda decorrer aulas sobre os Jesuítas na China Ming e Qing, em Junho, estando ainda nos planos outro curso sobre Património e Mercados de Arte Chinesas. Merece ainda destaque, na área da formação em 2015, a parceria do CCCM com as universidades de Lisboa e Católica Portuguesa na área dos Estudos Asiáticos (licenciatura e mestrado). ■

BIBLIOTECA PLENA DE MACAU

É um dos melhores repositórios de livros sobre Macau. A Biblioteca do Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM) tem contribuído “para aumentar o interesse sobre Macau, a China e a Ásia Oriental, sobretudo ao nível dos estudantes do ensino secundário terminal e universitário”, garante Luís Filipe Barreto, presidente do CCCM. Em sala própria na Biblioteca do CCCM desde 2012 estão os mais de 1500 livros doados, que pertenceram ao investigador e advogado Francisco Gonçalves Pereira, sobre Macau, China e Ásia. Barreto acredita que este “devia ser o único caso português de posse de uma biblioteca tão especializada em termos de China contemporânea”. Esta é uma das várias doações importantes que o CCCM tem recebido ao longo dos anos. Para além de parte do espólio documental de Monsenhor Manuel Teixeira, o Centro também guarda material de Ana Maria Amaro e do arquitecto Manuel Vicente.



INDÚSTRIAS CULTURAIS

O futuro das artes

Os 73 projectos vencedores do Fundo das Indústrias Culturais são, na sua maioria, comerciais, contando-se ainda sete plataformas de serviços. O *design* comercial e de marcas, seguido da moda e vestuário foram os sectores mais beneficiados

T LUCIANA LEITÃO

AINDA ESTE ano 73 empresas deverão receber apoio financeiro do Fundo das Indústrias Culturais para levar adiante projectos que visam desenvolver o sector. A julgar por aqueles que mais dinheiro irão receber, entre os grandes beneficiados contam-se marcas de moda e vestuário, empresas de *design* comercial e de marcas, além de firmas que querem lançar plataformas de serviços.

O Fundo foi anunciado em Outubro de 2013, destinando-se a garantir apoios a fundo perdido ou empréstimos sem juros a empresas da área. Na primeira ronda de candidaturas, que decorreu no ano passado, 321 projectos concorreram, mas apenas 86 (ou 27 por cento) foram aprovados, no valor de 110 milhões de patacas. Entre esses candidatos bem sucedidos, 13 desistiram por considerarem diminuto o apoio financeiro oferecido. Entre o núcleo de aprovados, sete propõem

criar plataformas de serviços, enquanto os restantes constituem projectos comerciais.

Além das plataformas de serviços (ver caixa), que deverão arrecadar os maiores montantes, contam-se ainda entre os principais vencedores empresas como a Criações de Macau Limitada, Criação Character (Macau) Limitada e a Chun Man Publishing Co. Ltd, que irão receber um empréstimo sem juros de mais de cinco milhões de patacas, pelo desenvolvimento do produto Faísca-E, de uma marca de vestuário feminina designada Estilo e Arte Criativa de Macau e pela criação do Plano de Desenvolvimento Estratégico de Marcas Man Tou, respectivamente.

No sector do audiovisual, um dos grandes vencedores foi a empresa E.C. Produções de Vídeo, que irá receber mais de 2,2 milhões de patacas para uma co-produção entre Pequim e Macau do filme *Dear, Please Forget me*.

Além destes beneficiados, contam-se ainda a Soda Panda Product Design, que terá direi-

to a mais de 1,6 milhões de patacas pelo plano de industrialização da marca. O fundador da Macau Creations, Wilson Lam, – responsável pela Soda Panda Product Design – decidiu requerer o apoio do fundo para vender online um dos seus produtos mais bem sucedidos. “Tendo em conta que as rendas e os recursos humanos são muito caros, preferi fazê-lo online”, afirma, acrescentando que “continua à espera que a verba seja libertada”.

Também há, ainda que poucos, projectos contemplados no campo musical. É o caso da Companhia de Diversões e Produção Reino Limitada, que irá receber mais de 1,5 milhões de patacas por um plano de optimização da música popular local. Noutros sectores, está a Casa de Cha Long Wah, que irá receber mais de 1,2 milhões de patacas para lançar um Centro Cultural do Chá Puher de Macau.

Entram uns, saem outros
No domínio das artes, um dos grandes vencedores foi a Com-

O APOIO FINANCEIRO CONCEDIDO PELO FUNDO DAS INDÚSTRIAS CULTURAIS É UM COMPLEMENTO AO INVESTIMENTO DAS EMPRESAS QUE TENCIONEM DESENVOLVER PROJECTOS CULTURAIS E CRIATIVOS, DEVENDO MAIS DE 50 POR CENTO DO CAPITAL SER DETIDO POR RESIDENTES DE MACAU



panhia de Investimento Long Hei Grupo (Macau) Limitada, uma casa de leilões da China responsável também pela organização da Art Macau, que irá receber mais de um milhão de patacas para estabelecer um Centro Artístico da Ásia. O

○ APOIO PODE SER NA FORMA DE SUBSÍDIO A FUNDO PERDIDO, DE PAGAMENTO DE PROJECTOS E PAGAMENTO DE JUROS DE EMPRÉSTIMOS BANCÁRIOS E EMPRÉSTIMO SEM JUROS



MILHÕES PARA AS PLATAFORMAS

Entre os projectos vencedores do Fundo das Indústrias Culturais contam-se sete plataformas de serviços, arrecadando também os maiores montantes de dinheiro, para servir de apoio a empresas nas áreas do design de marcas, moda e comercial, além da organização de espectáculos e exposições.

Assim, dos 86 projectos, em primeiro lugar encontra-se o recém-criado Centro de Incubação de Marcas Macau Originário Limitada, que irá receber mais de 8,8 milhões de patacas para criar um centro de incubação de marcas, na área do design criativo. Logo de seguida, surge o Centro dos Serviços Integrados Culturais e Criativos de Macau, que será responsável pela criação de uma plataforma de serviços comerciais às empresas culturais e criativas, recebendo para o efeito mais de 8,3 milhões de patacas.

Em terceiro lugar, está o MCDC Centro de Design Macau Companhia Limitada, que deverá receber mais de sete milhões de patacas para montar um plano de desenvolvimento a cinco anos do Centro de Design de Macau, uma iniciativa da Associação de Design de Macau, que tem o artista James Chu como presidente. Esta plataforma deverá funcionar como serviço de consignação de produtos.

Segue-se então a empresa Consultadoria de Projecto Team Mei que deverá receber, na modalidade de pagamento de projecto, mais de 6,3 milhões de patacas pela criação de um Centro de Incubação de Marcas de Moda de Macau.

O Fundo de Indústrias Culturais irá também atribuir perto de 5,1 milhões de patacas à Companhia do Desenvolvimento Cultural e Criativo 100 Plus Limitada, para lançamento do Espaço Criativo e Cultural 100 Plus, na área das exposições e espectáculos culturais, desenvolvendo serviços para estas actividades. Esta empresa já é actualmente responsável pela revista das indústrias criativas de Macau, tendo recebido do governo cerca de dois milhões de patacas repartidos por três anos.

Segue-se então a empresa Chao Chong U E. I., que irá receber 3,8 milhões de patacas para desenvolver o San Seng Fung – Centro de Incubação de Produtos Culturais e Criativos, na área do *design* comercial e de marcas. Finalmente, a sétima contemplada, por ordem de montante, é a Fábrica de Artigos de Vestuário Lei Un, devendo receber 2,6 milhões de patacas para avançar com a promoção da produção e *design* de roupas criativas e culturais, além de um plano de arrendamento para a diversificação industrial.

grupo já tem uma casa de leilões em Macau e um museu privado na cidade chinesa vizinha de Zhuhai com artefactos antigos chineses.

Também a empresa Iao Hin Design e Eventos, proprietária da galeria com o mesmo nome,

deverá receber a título de pagamento de projecto mais de um milhão de patacas para renovar o espaço. Segundo a directora Florence Lam, a verba surge em boa hora. “Estamos felizes, não é uma quantia muito grande, mas quando nos can-

didatámos fizemo-lo com uma mente aberta”, diz, revelando que o dinheiro será utilizado para reestruturação da galeria, devendo o espaço abrir com uma nova face ainda este ano.

Admitindo que se tratou de um processo burocrático e

algo moroso, Florence diz, porém, que tal não foi encarado como um problema para a empresa. “No nosso caso em particular, não dependíamos apenas do Fundo. Tínhamos o objectivo claro de ajudar, mas não de depender dele”, assegura. Contudo, diz que requereram um apoio maior, com base nas previsões da expansão do projecto nos próximos dois a quatro anos. “Mas não nos queixamos, queremos estar concentrados”, afirma.

Em relação aos outros projectos contemplados pelo Fundo, Florence Lam afirma que apenas espera que o governo tenha em atenção que nas indústrias criativas não se pode pensar apenas em lucro. “Pode haver benefícios sociais pequenos que outros projectos individuais pequenos possam contribuir”, afirma.

Por seu turno, a conhecida associação Art for All (AFA) foi uma das candidatas rejeita-

das. “Concorremos da primeira vez e falhámos. Não nos deram uma resposta específica, apenas anunciaram o resultado e enviaram-nos uma carta, dizendo que não tínhamos sido aceites”, afirma o curador da associação. James Chu explica que a associação mudou a natureza do organismo, de não lucrativo para lucrativo para poder beneficiar do Fundo. “Queremos desenvolver a AFA mais de acordo com um modelo de negócios, a longo prazo”, afirma.

Entre os vencedores que deverão receber as menores quantias, conta-se a Phoenix Skyscape Publisher, que irá arrecadar quase 500 mil patacas pelo lançamento de uma revista. Há também várias marcas de roupa, que procuram com o apoio do Fundo lançar novos projectos, como a Cocoberryeight, da designer Barbara Barreto Ian, que irá receber mais de 160.000 pata-

cas para lançar um Centro de Moda de Macau, ou a VCSL Vanessa’s, da estilista Vanessa (quase 500 mil patacas), que procura apoio para lançar o V Corset, além do Grupo de Vestuário de Marca Internacional Ao Loi A, Limitada (mais de 350 mil) ou a Worker Playground (mais de 680 mil patacas) que pretendem firmar a sua marca.

O montante mais baixo, de quase 44 mil patacas, foi atribuído para realizar este ano um espectáculo de *stand-up comedy*, organizado pela Xadrez Entretenimento Produção. Esta associação recebeu mais dois apoios para álbuns de música de um cantor (132.740 patacas) e um concerto individual de Rico Long (95.648 patacas).

Até 30 de Junho, já estavam agendadas 50 marcações para a segunda ronda de candidatura de projectos a apoio financeiro do Fundo. ■



澳門

Macao

盛事精華 薈萃
GREAT THINGS
come in Compact Packages

- 世界旅遊休閒中心，國際級會展設施
A World Tourism and Leisure Centre Equipped with World-class Convention and Exhibition facilities
- 位處大珠三角地區，地理位置優越
Advantageous location in the Greater Pearl River Delta region
- 政府提供鼓勵會展優惠政策
The Government provides preferential policies to encourage the development of the convention and exhibition industry
- 貿易投資促進局提供會展競投及支援“一站式”服務
IPIM provides “One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macao
Macao Trade and Investment Promotion Institute

聯絡資料 / Contact Information :

地址：澳門友誼大馬路916號世貿中心一至四樓

Address : Av. Amizade, No. 916, Edif. World Trade Centre, 4 andar, Macao

網址 Website : www.ipim.gov.mo / 電郵 E-mail : mice-onestop@ipim.gov.mo

電話 Tel. : (853) 2871 0300 / 傳真 Fax : (853) 2859-0309 / 2872 6777

辦公時間 / Office Hours :

上午 Morning : 09:00 - 13:00 (星期一至五 / Monday to Friday)

下午 Afternoon : 14:30 - 17:45 (星期一至四 / Monday to Thursday)

18:30 - 17:30 (星期五 / Friday)

會展競投及支援“一站式”服務

“One-Stop Service” for MICE Bidding and Support in Macao

服務內容 • SERVICE FIELDS

推廣、引進會展活動在澳門舉辦 ◆ Attract and introduce convention and exhibition projects to Macao

協助競投會展項目 ◆ Assist in bidding for convention and exhibition projects

“一站式”會展資訊 ◆ “One-stop” Convention and exhibition updates

委派專人協助跟進落實於澳門舉辦會展項目 ◆ Designated staff to provide follow-up service and assist in organising events in Macao

協助申請會展活動獎勵計劃 ◆ Assist in the application for the Convention and Exhibition Stimulation Programme

協助於本局參與之活動（澳門境內外）進行宣傳推廣 ◆ Provide publicity and promotion opportunities in local and overseas events participated by IPIM

協調與本澳相關政府部門聯繫 ◆ Co-ordinate and liaise with Macao government departments

協助在澳成立公司開展會展項目 ◆ Assist Macao Companies to develop MICE projects

提供會展合作配對服務 - 協助尋找合作夥伴 ◆ Provide MICE cooperation matching service in search for potential partners





Há vegetais chineses a crescer no Alentejo

T MÓNICA MENEZES F PAULO CORDEIRO
Em Portugal

Ao longe é uma grande estufa como tantas outras que se vai vendo pela paisagem alentejana, em Portugal, mas a que ocupa dois hectares no meio de Montemor-O-Novo não é, afinal, uma estufa qualquer. Há cerca de cinco anos, Li Yonggang cansou-se de comer vegetais portugueses e começou a plantar os sabores da sua infância. A pequena horta cresceu e é agora um grande negócio de família

NUMA TRADUÇÃO livre, até podem ter nomes iguais aos portugueses, mas a verdade é que o que Li Yonggang e Chen Guangsong plantam na Fazenda da Lagoa do Passa Figo quase nada tem a ver com os vegetais que se produzem e comem em Portugal. Tirando as ervilhas, a abóbora e o aipo, tudo o resto é uma novidade para os que gostam de estar informados sobre a gastronomia de cada país. A alface não é mais do que umas folhas estreitas e compridas presas a um caule, o nabo é branco, grande e comprido, a couve até tem parecenças com o repolho, mas o sabor afasta qualquer semelhança. E

depois há o *pak choy*, o pepino amargo, o feijão metro, o crissântemo... Tudo sabores que Li comia na China e que em Portugal era difícil, para não dizer quase impossível, de encontrar. E foi por que esta estufa nasceu.

Primeiro Chen veio de armas e bagagens para o Alentejo, já lá vão 14 anos. Abriu uma loja e o negócio corria de feição. Animado com as boas notícias que o cunhado fazia chegar à China, Li partiu para Portugal dois anos depois. Trabalharam juntos na loja ano após ano, mas Li não se habituava aos vegetais portugueses e os que encontrava de sabor oriental vinham de

Espanha e não tinham a frescura necessária. Então, arranjou um pedaço de terra e com as próprias mãos cavou, cavou, cavou e plantou os vegetais de que já sentia falta. Primeiro foram os *pak choy* e as couves chinesas, só mais tarde é que Li se aventurou em outras plantações.

Prestes a fazer 40 anos, Li conta que nunca tinha trabalhado em horticultura. No Norte da China a sua experiência profissional resumia-se ao trabalho que tinha na tropa. “Nós na tropa fazemos muita coisa, não é como aqui, é muito diferente”, assegura. Li nunca tinha aprendido qual a melhor terra para cul-



COM O CUNHADO E COM A FAMÍLIA QUE VOLTA NÃO VOLTA VEM DA CHINA PARA AJUDAR, LI CONSEGUIU PÔR DE PÉ UM PROJECTO QUE JÁ ABASTECE VÁRIAS MERCEARIAS E RESTAURANTES CHINESES DE LISBOA

tivar, qual a melhor água para regar e que vegetais sobreviveriam ao clima alentejano. A sua pequena horta dava para alimentar a família, até que os amigos começaram a pedir para eles também. E Li e o cunhado Chen começaram a pensar se não estaria ali o negócio do futuro. “Tínhamos

uma horta pequena, começámos a pouco e pouco. E de repente começámos a perceber que aquele era um bom caminho”, recorda Li.

Primeiro conheceram quem fazia a montagem de estufas e, dado o primeiro passo e aprendidos os primeiros procedimentos, chegaram ao en-

genheiro que agilizou toda a obra. O apoio conseguiram no ProDer [ver caixa]. “Não foi fácil arranjar dinheiro, aliás, nunca é fácil ter dinheiro”, diz a rir Li Yonggang. E acrescenta: “Fiz um curso de horticultura para depois conseguir apoios. Foi um investimento de cerca de 300 mil euros.” Começaram por plantar *pak choi* e couve chinesa e à medida que foram percebendo do que os chineses mais sentiam a falta, foram alargando o leque. Tem sido um trabalho gradual e cansativo. “Demorámos cerca de cinco anos a ter esta estrutura. Não é fácil o trabalho no campo. Às vezes corre bem, às vezes corre mal. Temos sem-





pre de ir experimentando. Temos de fazer análises à terra, à água, há sempre coisas a estudar. Ainda hoje passamos os dias a fazer estudos.”

Foram e são muitas as horas que Li passa na estufa da Fazenda a fazer experiências. “Foi muito difícil, muito difícil mesmo pôr este projecto de pé porque eu não conhecia as coisas, não conhecia a horticultura, não sabia como nasciam as coisas, quanto tempo demoravam a nascer, o que podia plantar em cada altura do ano, eu não sabia nada.” Mas Li não gosta de virar as

costas a um bom desafio. Com o cunhado e com a família que volta não volta vem da China para ajudar, conseguiu pôr de pé um projecto que já abastece várias mercearias e restaurantes de Lisboa.

Até chegar a este ponto errou, errou muito, mas sabe que é assim que se aprende. “Tudo se aprende, o que é preciso é ter conhecimentos. Tive de estudar, se não estudar vou cometer erros e se cometer erros não vai correr bem e perco dinheiro.” Não esconde que errou muitas vezes até tudo correr bem, mas como se diz

em Portugal “faço, aprendo” e as lições foram sendo adquiridas. “A horticultura tem muito a ver com o clima e com isso ninguém consegue fazer contas. Pode ser muito frio, pode ser muito calor, pode chover muito, pode chover pouco. É sempre difícil encontrar o equilíbrio, mas vida de camponês é mesmo assim. Se tem sorte, ganha, se não tem sorte, tem mais trabalho.”

Dia sim, dia não os vegetais seguem viagem até Lisboa. Por enquanto, não faz sentido a viagem ser feita todos os dias. Embora haja muitos chi-



neses em Portugal, é uma minoria os que vão ao Martim Moniz fazer compras e os portugueses são em número ainda mais reduzido. Aliás, são poucos os portugueses que conhecem estes vegetais, os que conhecem têm ou tive-

ram, quase todos, alguma ligação com a China. Em Montemor-O-Novo, Li e Chen não têm clientes portugueses. Li recorda-se apenas do senhor que lhe vende as alfaias e que gosta muito de couve chinesa. “Ofereço porque é um amigo.

Aqui no Alentejo muitas pessoas já experimentaram e gostam especialmente do nosso nabo que é mais doce, mas comprar não compram, comem quando lhes ofereço. Só vendemos a algumas famílias chinesas, mas para consumo próprio, não para cozinhares nos seus restaurantes.”

As sementes que cultiva encontra-as quase todas em Portugal. “Há uma empresa no Norte, há uma loja aqui perto que também tem. Tenho é de explicar bem à senhora senão dá-me repolho em vez de couve chinesa”, graceja. Algu-

LI NÃO SE HABITUAVA AOS VEGETAIS PORTUGUESES E OS QUE ENCONTRAVA DE SABOR ORIENTAL NÃO TINHAM FRESCURA. ENTÃO, ARRANJOU UM PEDAÇO DE TERRA E PLANTOU AQUILO DE QUE SENTIA FALTA



mas lojas indianas também têm o que Li procura e quando a busca torna-se difícil nada como pedir ajuda à família que está na China. “Mas encontro quase tudo aqui. As ervilhas são iguais, a abóbora é igual... Basta procurar bem para encontrar o que quero.”

E o que quer Li para o futuro da sua estufa? “Que continue pelo menos como está. A economia está mal, mesmo na alimentação as pessoas estão a poupar e o que compram é sempre o mais barato, mas mesmo assim temos lucro. É difícil, mas dá alguma coisa, claro. Enquanto assim for, continuamos para a frente.” Como gosta de dizer: “Está tudo a andar. Agora só podemos olhar para a frente, nada de olhar para trás.”

O horticultor encontrou esta Fazenda através de um vizinho, na altura era tudo erva, pasto para os animais. Li tem consciência que esta localidade nem é o melhor sítio para os seus vegetais chineses – tanto faz muito calor, como faz muito frio – e a melhor opção seria mesmo na costa alentejana. Mas já não há volta a dar. A estufa cresce de dia para dia e cada vez com mais sucesso.

Li fala pausadamente. Parece que já foi contagiado pelo vagar alentejano, o mesmo que faz com que goste tanto de viver no sul de Portugal. “As pessoas alentejanas são muito boas. São mais sossegadas e muito simpáticas. Gostam muito de nós e tratam-nos muito bem. Quando trabalhei na loja sempre me trataram bem, com vagar, mas com muita simpatia! Dizem sempre “devagar”, mas vão fazendo tudo!”. Li diverte-se com esta expressão e com este modo de estar alentejano.



Voltar à China já não faz parte dos seus planos. Os filhos já nasceram no Alentejo e mesmo Li, que nasceu do outro lado do mundo, em 12 anos só voltou uma vez a casa. “Já não conheço aquilo, já estou habituado a viver aqui”, revela. E, por isso, até os sabores portugueses, ao contrário do que aconteceu no início da sua es-

tadia no Alentejo, já lhe sabem bem. “Gosto muito de bacalhau cozido e quando como gosto de acompanhar com couve e não é a couve chinesa, é mesmo a couve portuguesa, de outra forma estava a enganar-me!” Quando não come em casa, Li nunca vai a um restaurante chinês, opta sempre por ir experimentando as iguarias portuguesas porque essas não as come em casa. Hoje em dia, já é fã do Cozido à Portuguesa e da Carne de Porco à Alentejana.

À porta da sua Fazenda, Li agarra em dois nabos gigantes e aproveita para dar conselhos médicos: “quem come isto nunca fica doente no Inverno. Pode comer-se cru ou na sopa. Faz muito bem. Há um ditado na China que diz mais ou menos isto: ‘No Verão gengibre, no Inverno nabo e o médico tem de vender a mulher para ganhar dinheiro!’” Fica o conselho dado... ■

O QUE É O PRODER

Este instrumento estratégico e financeiro serve de apoio ao desenvolvimento rural. O seu grande objectivo é aumentar a competitividade dos sectores agrícola e florestal; promover a sustentabilidade dos espaços rurais e dos recursos naturais; revitalizar económica e socialmente as zonas rurais.

MOÇAMBIQUE

O regresso dos leões à Gorongosa

T F CLÁUDIA ARANDA
Em Moçambique

No Parque Nacional da Gorongosa, no centro de Moçambique, todos os dias se tenta salvar a floresta, melhorar a vida das populações e recuperar a vida selvagem quase extinta nos anos de guerra civil. Hoje persistem ameaças como a desflorestação e a caça furtiva. Esta é uma história de determinação e perseverança que nasce do sonho de um homem, o americano Greg Carr, mas que tem também como protagonistas os moçambicanos que querem que a Gorongosa seja um exemplo em África e no mundo





NO PRINCÍPIO só havia ruínas e desolação. Hoje, os trabalhadores e protagonistas da história da restauração do Parque Nacional da Gorongosa, na província de Sofala, no centro de Moçambique, orgulham-se dos “passos enormes” que foram dados entre 2004 a 2015 para salvar a biodiversidade desta região e recuperar a fauna bravia perdida nos anos da guerra civil (1977-1992), seguidos de uma década de abandono.

A nossa aventura começa connosco instalados num jipe sem capota – sobre nós apenas o céu a proteger-nos. Ao volante está o guia Simba Munyambo – Simba como o *Rei Leão* do filme da Walt Disney – que é original do vizinho Zimbábue, e é quem nos vai levar no nosso primeiro safari na selva da Gorongosa. A expectativa é enorme, que animais vão cruzar-se com o jipe de Simba?

A savana estende-se à nossa frente, pontilhada de verde e dourado. O horizonte recortado pelas esguias palmeiras ilala e os ramos de embondeiros gigantes. Entramos na floresta de acácias amarelas. Ao longe a serra da Gorongosa, envolta na neblina e protegida pela floresta tropical. É lá onde nascem os rios que alimentam as planícies da humidade indispensável à vida. As chuvas e as inundações sazonais da savana permitem a existência de uma variedade de ecossistemas e desenvolver aquela que já foi uma das mais densas concentrações de vida selvagem em África. No lago Urema, desaguam os rios Vunduzi, Urema, Nhandugue, Muaredzi, que chega do planalto de Cheringoma. É aqui, nas margens verdes do lago que a vida animal converge para matar a sede.





No horizonte desenham-se os dorsos graciosos e as poderosas armações de uma variedade de antílopes, que nos observam à distância, desconfiados, enquanto nós os olhamos, maravilhados. Ao longe, junto às águas turvas do lago, há crocodilos-do-nilo que, dengosos, nos espreitam.

A Gorongosa é “o parque ecologicamente mais diversificado do mundo”, escondendo “tesouros de biodiversidade”, descreveu o professor Edward O. Wilson, uma autoridade mundial em biologia da conservação. Em 2011

A RESTAURAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DA GORONGOSA É HOJE UM PROJECTO EMBLEMÁTICO PARA A CONSERVAÇÃO DA NATUREZA EM ÁFRICA, DEPOIS DE TER SIDO QUASE COMPLETAMENTE DESTRUÍDO DURANTE A GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE

o professor juntou-se ao esforço de salvar o ecossistema do parque e escreveu um livro, *Uma Janela para a Eternidade: A Caminhada de um Biólogo pelo Parque Nacional da Gorongosa*. No capítulo “A

preservação da eternidade”, o professor alerta: “Desde que nasci, há 84 anos, a população humana triplicou. As regiões em estado selvagem da terra estão a diminuir em conformidade, em área e



na mente humana. A natureza permanece algo que existe por aí, remota, uma caricatura no ecrã de um televisor, dispensável, a acabar, acabada – incorporada no custo de um campo de petróleo ou de uma operação de exploração de madeira”. Wilson prossegue, dizendo que a salvação da biodiversidade deve ser concebida como “meio de melhorar a qualidade da vida humana”. É esse mundo alternativo que se está a tentar salvar na Gorongosa e em outros parques e reservas do mundo.

Levantar a Gorongosa das cinzas

Foi no acampamento do Chitengo, que acomoda quem chega, que conversámos com muitos dos protagonistas da história de restauração do parque. Domingos João Muala, mestre em história, dedica-se a documentar e a analisar a evolução do parque. Ele, que é também autor do livro *Contos da Gorongosa*, que colecciona histórias da tradição oral local, deseja que a zona constitua “um exemplo para Moçambique e para o mundo” de recuperação e conservação da natureza e da melhoria de vida das populações. “Um parque natural não deve servir só para turismo, é também um lugar histórico, um museu vivo. Temos que trazer cá estudantes locais e internacionais para verem como é possível, em África, restaurar um parque que estava totalmente destruído”, diz.

Hoje, a Gorongosa é lugar de confluência de cientistas, ambientalistas e especialistas em desenvolvimento, moçambicanos e estrangeiros, vindos de universidades lo-

A ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE MOÇAMBIQUE ORGANIZA EM NOVEMBRO UMA EXPOSIÇÃO NA TORRE DE MACAU PARA DAR A CONHECER O PROJECTO DE RESTAURAÇÃO DO PARQUE NACIONAL DA GORONGOSA

cais, portuguesas, mas, sobretudo, norte-americanas. Uns trabalham para a ciência; outros para melhorar a vida das pessoas e das comunidades locais. Em redor da área protegida, designada por zona tampão, com 3300 quilómetros quadrados, vivem 16 comunidades.

Quem acreditou ser possível levantar Gorongosa e o acampamento do Chitengo das cinzas e meteu mãos à obra foi o milionário americano Greg Carr, que todos os dias inspira os trabalhadores moçambicanos e os visitantes nacionais e estrangeiros a não desistirem deste esforço





GORONGOSA EM MACAU

Fotografia e imagens em movimento para mostrar a fauna bravia e as paisagens do Parque Nacional da Gorongosa vão ser o conteúdo principal da exposição que vai ter lugar na Torre de Macau, entre 13 e 29 de Novembro. A iniciativa é da Associação dos Amigos de Moçambique.

Para o vice-presidente da associação, Carlos Barreto, o Parque Nacional da Gorongosa “é uma história linda com 95 anos de vida, com momentos altos, crises de existência, e é hoje um caso de reabilitação e restauração da vida selvagem com grande sucesso, graças à visão de um filantropo americano [Greg Carr] e do Governo da República de Moçambique que percebeu, em boa hora, a viabilidade desta parceria”. É essa a intenção da associação ao promover a iniciativa: “Mostrar em Macau, aos seus residentes e visitantes, este exemplo bem sucedido”, explica Carlos Barreto.

Vasco Galante, director de comunicação do parque, vê este convite para a Gorongosa se promover em Macau como “uma honra e uma oportunidade”. “Temos participado desde 2006 nestas iniciativas de promoção. Vejo Macau como mais uma janela e mais uma oportunidade de mostrar um sítio que é fantástico, um dos locais mais emblemáticos do mundo no que diz respeito à biodiversidade”, aponta. “É mais uma oportunidade para conquistarmos mais uns corações e mais uns cérebros para a causa” da protecção e conservação da natureza, acrescentou o director da comunicação, que acompanha o projecto desde o seu início.

A Associação dos Amigos de Moçambique organiza a exposição em parceria com a Associação dos Trabalhadores da Função Pública de Macau (ATFPM) e o Parque Nacional da Gorongosa (PNG), com o apoio da Torre de Macau e do Fórum Macau.

de conservação e a aplicarem esta filosofia noutros lugares do mundo. O filantropo, que fez fortuna nas décadas de 1980 e 1990 com o desenvolvimento e marketing de serviços de *voice-mail* e Internet, decidiu dedicar 40 milhões de dólares norte-americanos ao projecto de restauração do parque. Lançou-se nesta aventura em 2004 com o acordo do Governo de Moçambique, que assumiu o projecto como estratégico para o país.

Entre 2004 e 2007, Carr investiu mais de dez milhões de dólares na reconstrução e reintrodução de animais no ecossistema. Em 2008, o Governo de Moçambique e a Carr Foundation, que passou a designar-se por “Projecto de Restauração da Gorongosa”, presidido por Carr, anunciaram um acordo de 20 anos para a gestão conjunta do parque.

O objectivo de Carr e desta parceria público-privada é proteger e restaurar o ecossistema local, desenvolver uma indústria turística sustentável que beneficie as populações locais e voltar a colocar a Gorongosa no mapa dos melhores parques de vida selvagem em África.

A maior concentração de leões de África

A primeira tentativa de reconhecer o valor da paisagem e a riqueza da fauna bravia da Gorongosa aconteceu em 1920, quando foi criada uma reserva de caça. Em 1960, a administração colonial portuguesa aumentou a área protegida e declarou a Gorongosa como parque nacional, resultado da reputação que o parque havia alcança-

do enquanto reserva de caça e destino turístico.

Em 1976, um ano depois de Moçambique obter a sua independência de Portugal, contaram-se 6000 elefantes e cerca de 500 leões, “provavelmente a maior concentração de leões em toda África”, disse-se na altura.

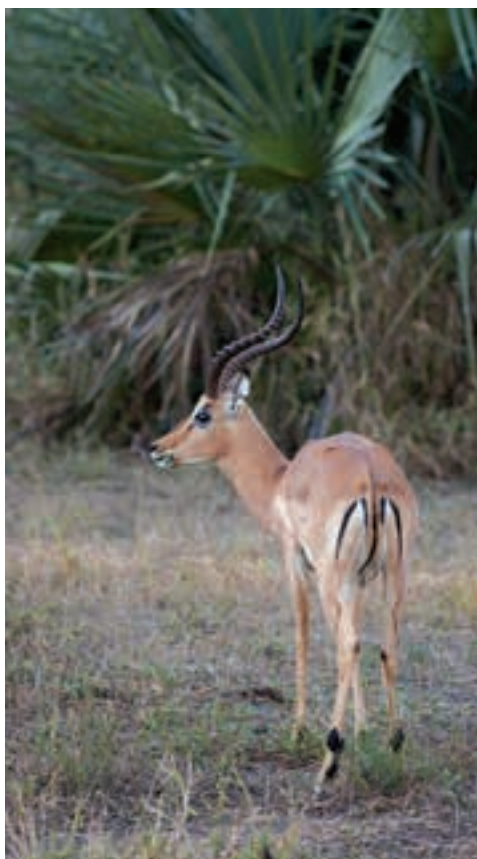
Em 1992, no fim da guerra civil entre as forças do Governo liderado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), que matou mais de um milhão de moçambicanos e arruinou o país, “o parque estava destruído”, conta Pedro Muagura, director de conservação e coordenador do programa florestal do parque. “Mataram-se muitos animais”, que foram utilizados como “fonte de proteínas e de dinheiro para a guerra”, explica Muagura. As populações de mamíferos de grande porte, incluindo elefantes, hipopótamos, búfalos, zebras e leões, haviam sido reduzidas em mais de 90 por cento.

Hoje, os resultados do projecto de restauração começam a ser visíveis. Na última contagem aérea realizada entre Outubro e Novembro de 2014, contabilizaram-se, por exemplo, 535 elefantes (havia 100 em 1992), 11.912 changos (300 em 1992) e 34.507 pivas ou inhacosos (100 em 1992). Os leões mantêm-se em número reduzido. O projecto de monitorização e conservação de leões, do qual Celina Dias faz parte, localizou até agora apenas uns “50 a 60” felinos.

Turistas a salvar a natureza

O turista que visita a Gorongosa está a contribuir para valo-





○ TURISTA QUE VISITA A GORONGOSA ESTÁ A CONTRIBUIR PARA VALORIZAR E PROTEGER A FAUNA BRAVIA E AS PAISAGENS E A MELHORAR A VIDA DAS POPULAÇÕES LOCAIS — PORQUE AS COMUNIDADES BENEFICIAM, TAMBÉM, DA ACTIVIDADE DE CONSERVAÇÃO E DE TURISMO

rizar e proteger a fauna bravia e as paisagens e a melhorar a vida das populações locais – porque as comunidades beneficiam, também, da actividade de conservação e de turismo. “Há 20 por cento das receitas do turismo que vai para cada uma das comunidades”, explica Muala. Para receberem esses 20 por cento as 16 comunidades da periferia do parque têm de cumprir a sua parte do contrato de conservação e zelar pela manutenção e conservação dos recursos. “Se aquela comunidade tem mais caçadores furtivos a entrarem para o parque ou mais fogos descontrolados, então não se qualifica para receber os 20 por cento”, diz.

O mercado interno, composto por turistas nacionais e estrangeiros residentes no país, é quem mais visita a Gorongosa. “Aos fins-de-semana estamos a ter uma grande afluência, acima de 60 a 70 por cento da ocupação, basta termos um feriado para termos 100 por cento de ocupação”, declarou Pedro André Sousa, administrador da Visabeira Moçambique, grupo português proprietário do Girassol Gorongosa Lodfe & Safari, que gere a parte turística do parque.

Na opinião de Greg Carr, o turismo é uma via importante para a sustentabilidade do parque. “Há três coisas que o turismo faz pela Gorongosa: número um, cria em-

pregos para a população local; número dois, quando as pessoas (turistas) pagam as taxas para entrarem no parque estão a tornar o parque sustentável; número três, quando as pessoas vêm aqui de férias e passam a semana a fazerem safaris na selva, apaixonam-se pela natureza

talvez mais profundamente do que alguma vez imaginaram. Então, vão para casa, onde quer que seja, com um compromisso renovado de ‘salvar a natureza’. Dessa forma, a Gorongosa pode influenciar o mundo inteiro e levá-las a proteger os lugares em perigo”, conclui Carr. ■



LUSOFONIA 

Uma arte marcial que se confunde

T LUCIANA LEITÃO **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

É música e dança, mas não deixa de ser uma arte marcial. Introduzida em Macau pelo grupo Axé Capoeira, liderado pelo mestre Eddy Murphy, a capoeira já conta aqui com uma centena de seguidores





“CAPOEIRA É energia – batam palmas e cantem”, grita o mestre Eddy Murphy, tentando incentivar e organizar as duas dezenas de crianças que se encontram reunidas numa roda, num sábado, às 15h00 num ginásio da Taipa. Trajados de branco, os aprendizes chineses, portugueses e de outras nacionalidades, tentam seguir as coordenadas o melhor que podem, mas perdem-se com frequência, voltando atrás para conversar com os pais, que assistem entusiasmados.

Eddy Murphy dá aulas de capoeira em Macau todos os dias da semana, dividindo os alunos por diferentes faixas etárias. Porém, ao sábado, o mestre junta os aprendizes em apenas dois grupos – o primeiro reúne crianças dos três aos 11 anos e começa logo a praticar às 15h00.

A aula tem um pouco de tudo – desde a roda com os jovens praticantes a equilibrar-se nas posições principais e a aprender o conceito de ataque e defesa, passando por alguns exercícios de ginástica. “Quem

consegue fazer isto? Quem consegue”, pergunta o mestre antes de dar uma cambalhota no ar, desafiando-os. As crianças riem.

Aos seis anos, Mariana diz com orgulho de que já está há três nas aulas de capoeira. “Aprendemos muitas coisas, é uma luta e é uma dança”, diz, enquanto a amiga Gabriela, de sete anos, realça o exercício físico: “Aprendemos a fazer pontes.”

Liliana Pereira, mãe de Mariana, recorda que a filha começou as aulas no Jardim de Infância Dom José da Costa Nunes, passando posteriormente a ter aulas cá fora. “É um desporto óptimo em termos de flexibilidade e postura. Mete algum medo, mas depois a pessoa percebe que é uma questão de uma pessoa confiar na outra”, afirma, referindo-se a alguns exercícios físicos. Mariana tem aulas três vezes por semana e nunca se queixa. “Até pode não lhe apetecer ir num dia específico porque quer brincar, mas ela passa a vida a fazer capoeira em casa, está sempre a cantar as músicas.”

Por seu turno, Andrew Evans, pai de Matthew, diz que incentivou o filho de cinco anos a juntar-se ao grupo por gostar “do ambiente familiar”. Naturais de Inglaterra, nunca tinham ouvido falar de capoeira antes de chegar a Macau, mas assim que tiveram o primeiro contacto com a modalidade, apaixonaram-se. “Claro que ele não consegue fazer tudo na aula, mas tenta e o mestre ajuda-o.” Com aulas duas vezes por semana, mais esta sessão especial todos os sábados, Andrew afirma que o filho vai sempre com vontade. “Ele nunca disse que não queria ir.

EM MACAU DESDE 2006, O BRASILEIRO EDDY MURPHY – OU EDILSON ALMEIDA, O SEU NOME VERDADEIRO –, INTRODUZIU A MODALIDADE NO TERRITÓRIO E JÁ TEM PERTO DE 100 ALUNOS DE DIFERENTES NACIONALIDADES E IDADES





Aliás, se está a ser desobediente, dizemos-lhe que já não vai à aula e ele pára. Se fizéssemos o mesmo com as aulas de piano, ele não ficaria minimamente preocupado”, afirma.

Pais e filhos juntos

Na segunda parte da aula de sábado, juntam-se os mais velhos, que são perto de duas dezenas. A sessão começa por aquilo que se chama o jogo, em que há o confronto entre dois praticantes, com ambos a demonstrarem as suas capacidades. Começam por praticar a ginga, o movimento base da capoeira, que consiste numa espécie de dança em que os pés desenham um triângulo no chão, enquanto os braços balançam ao ritmo de corpo.

Enquanto os dois capoeiristas se confrontam, os restantes elementos aguardam, batendo palmas e dançando ao som da música. “Esse é o mote da capoeira, todos são da mesma nacionalidade/idade – tem pai e filhos, franceses, americanos, chineses”, diz Eddy Murphy à MACAU enquanto a aula decorre. A música nunca pára, com os berimbaus, o atabaque e o pandeiro a ditar os movimentos, enquanto os dois praticantes repetem, além da ginga, passos que simulam um ataque seguidos de uma manobra defensiva e exercícios acrobáticos.

Vasco, 50 anos, Guilherme, 14 anos, e Madalena Lopes, 11 anos, são pai e filhos e praticam juntos capoeira. “Foi no Festival da Lusofonia, eles [filhos] estavam à procura de qualquer coisa para fazer e eu juntei-me um ano depois”, recorda Vasco, enquanto se ouve ao fundo o som dos colegas,

A ORIGEM

O início da capoeira tem origem no século XVI, quando o Brasil era uma colónia portuguesa e a mão-de-obra escrava, sobretudo africana, era amplamente utilizada. Ao chegarem ao Brasil, os africanos perceberam que era necessário criar formas de protecção contra a violência dos colonizadores, que não fossem evidentes, já que lhes era proibido praticar qualquer tipo de luta. Nasceu assim a capoeira. Proibida até 1930, acabou por vir a ser legalizada depois de ter sido apresentada ao então presidente Getúlio Vargas pelo mestre Bimba.

Há três estilos de capoeira. O mais antigo, criado durante a escravatura, é o de Angola, em que há um ritmo musical lento e golpes mais próximos do solo. Há também o estilo regional em que se junta a malícia da capoeira angolana ao jogo rápido de movimentos e sem recurso a acrobacias. Finalmente, há o estilo contemporâneo de capoeira, o praticado em Macau, que reúne características do angolano e do regional.

que continuam dois a dois na luta de maculelês (ou paus).

“Adoro dança e isto parecia-me um tipo de dança. Percebi depois que não era, mas gostei na mesma”, diz Madalena, enquanto o irmão contrapõe: “Vi que era uma arte marcial e gosto de tocar os instrumentos.” O pai achou logo que, pelo menos, os filhos tinham de praticar a modalidade. “Gosto da camaradagem e dos ensinamentos do mestre – não há assim tantos mestres no mundo – e o Eddy Murphy tenta passar uma série de ensinamentos que eu tento passar aos meus filhos em casa”, afirma Vasco.

Entre as duas dezenas de alunos de várias nacionalidades, apenas se vislumbra uma aprendiz de traços orientais. “Chamo-me Chiann Tsui e ve-

nho dos EUA, estou em Macau apenas há quatro meses”, conta esta norte-americana de ascendência oriental. Tomou contacto pela primeira vez com a capoeira, na Alemanha, continuou com as aulas nos EUA enquanto estudava e, assim que chegou a Macau, procurou o grupo Axé Capoeira para poder prosseguir. “É o que tenho mais próximo de uma família aqui”, diz esta investigadora da Universidade de Macau. “Dá-me também um melhor entendimento das comunidades lusófonas que estão presentes aqui”, acrescenta.

Entretanto, mesmo perto do fim da aula, alunos, mestre e instrutores juntam-se numa roda e ao som da música, no interior do círculo, dois a dois, confrontam-se os capoeiristas. Os passos são então mais

agressivos, havendo inclusivamente toque.

A chegada à RPC

Em Macau desde 2006, o brasileiro Eddy Murphy – ou Edilson Almeida, o seu nome verdadeiro –, introduziu a modalidade no território e já tem perto de 100 alunos de diferentes nacionalidades e idades. “Com os menores, procuramos fazer a continuação do que os pais passam em casa, que é respeitar uns aos outros e ter respeito aos mais velhos”, diz.

Porém, independentemente da idade, a capoeira segue uma estrutura hierárquica, directamente relacionada com o nível de graduação do praticante. “O adulto chega aqui e tem de respeitar aquele adolescente que tem o nível mais elevado – a capoeira é igual à



O RECONHECIMENTO DA UNESCO

Depois de anos a lutar para superar alguma má reputação de que gozava, a capoeira foi considerada património imaterial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em Novembro de 2014, para contentamento dos que a praticam e, sobretudo, dos que tentam passar os ensinamentos aos outros.

Para o mestre Eddy Murphy, este reconhecimento é uma “luta que tem sido travada há já vários anos”. Quando se iniciou na capoeira, havia muita discriminação no Brasil. “Era coisa de negro, mas foram os bons capoeiristas, as pessoas que realmente estudaram para fazer esta arte melhor os responsáveis pelo que aconteceu.”

Mais: para subir na hierarquia da capoeira, é preciso estudar. “Um aluno meu nunca se vai formar se não tiver uma noção mais do que básica de educação física. Tem de ter no mínimo o curso de primeiros socorros”, afirma.

Para a capoeira chegar onde se encontra, Eddy Murphy salienta o papel que “os velhos mestres” tiveram. “Temos o mestre Bimba, que é o meu herói. Ele lutou quando a capoeira era proibida por lei. Em 1953 apresentou a modalidade ao então presidente Getúlio Vargas e mostrou que podia ser praticada como arte marcial e o presidente aboliu a lei que proibia a capoeira.”

vida.” Eddy Murphy chegou à República Popular da China há 12 anos, trazendo a modalidade – primeiro, a Hong Kong e só depois ao Interior do país. “Cheguei a Hong Kong. Depois estive dois anos e meio em Dongguan, dois anos e meio em Shenzhen e agora seis anos em Macau.”

Eddy admite que para os chineses esta arte marcial é ainda um pouco estranha, mas que depois de conhecerem acabam por gostar. “Temos um chinês nas nossas aulas que está há três anos comigo. Canta, procura falar em português e fala muito pouco inglês”, diz, acrescentando: “A capoeira tem uma linguagem própria. Sentir é mais importante do que falar, o mais graduado tem de incentivar o menos graduado.”

O mestre diz que a aluna mais nova em Macau é a sua própria filha, que tem três anos. “A partir dessa idade, começam a brincar de capoeira, a pôr a mão no chão, a aguentar o peso do corpo, a saber que quando um chuta o outro tem de se baixar.” Aliás, na sua opinião, a capoeira é o melhor desporto para crianças dos três aos seis, já que “entendem o próprio corpo, aprendem música, não há violência, fazem a ponte e o pino”.

O mestre brasileiro dá aulas todos os dias juntamente com um instrutor e já tem alguns alunos que praticam a modalidade há três ou quatro anos e que podem ajudar os outros. “Damos aulas três ou quatro vezes por dia, tudo dividido por idades. Dividimos dos três aos seis, dos sete aos 11, depois temos os pré-adolescentes dos 12 aos 16 e acima de 16 já são adultos. No sábado juntamos as crianças todas até aos 11 e depois jun-





tamos os pré-adolescentes aos adultos.”

No território, as pessoas acabam por se congregarem à volta da capoeira, tornando-se uma família. “Um se importa com os problemas do outro. Tem aluno que assim que entra, já sei que não está bem naquele dia. Quando entram na sala, deixam os problemas de lado. Quando saem, já vêem que o problema é menor.”

Os comandos

Capoeira é também música. A acompanhar a aula de sábado, ouvem-se berimbaus, o pandeiro e o atabaque. “Temos três berimbaus, mas o berimbau com a carapaça maior chama-se gunga, ele é tocado sempre pelo mais graduado ou mestre”, diz, esclarecendo que é este que determina os comandos. “Tem de ser uma pessoa sábia a tocar. Um toque do berimbau é um toque de luta, de acrobacias; quem pega no instrumento comanda a roda”, afirma. “Quem vê de fora pensa ‘que coreografia bonita’, mas não é uma coreografia. Eu ataco e tu defendes. É luta, quando precisa de ser luta.”

E, quem quiser subir na hierarquia, tem de perceber português. “A música, em português, diz o que você tem de fazer, dá os comandos. Às vezes são histórias de mestres, incentivos de vida, histórias dos mais antigos”, comenta o mestre, dando um exemplo: “Tem uma música que é ‘o facão bateu em baixo, a bananeira caiu’. O capoeirista sabe que quando o mestre canta isso é para um derubar o outro.”

Independentemente da nacionalidade, Eddy Murphy não forma ninguém que não fale português. “Os testes são todos

A CAPOEIRA NA CHINA

Neste momento, há dois grupos de capoeira em Hong Kong, enquanto em Macau apenas há o Axé Capoeira. “Estamos em 37 países, temos apenas dois mestres e um deles sou eu, o outro [o fundador, em 1982 – mestre Barrão] está no Brasil”, diz Eddy Murphy. Em Dongguan, na Província de Guangdong, encontra-se um antigo aluno de Eddy a dar aulas em escolas internacionais. Já em Xangai e Pequim estão presentes outros grupos de capoeira. “As pessoas à frente não são brasileiras, mas desenvolvem um bom trabalho de capoeira.” Para já, refere o mestre, a capoeira ainda é relativamente desconhecida na República Popular da China, talvez reflexo da própria história do gigante asiático. “A China abriu os olhos para o mundo nos últimos 30 anos”, diz. Aliás, mesmo em Macau, Eddy Murphy admite que tem apenas três alunos adultos chineses. “O chinês também é um pouco tímido, prefere ficar no núcleo dele onde fala cantonês — 80 por cento da minha aula é em inglês e os cânticos são em português”, diz, justificando a ausência.

em português, nunca vai ser um professor se não falar português.” Por isso, em todas as suas aulas tenta ensinar algumas palavras, de forma que os aprendizes reconheçam lentamente alguns vocábulos. “A capoeira é o veículo de maior divulgação da língua portuguesa no mundo inteiro. As músicas, os nomes dos golpes, o nome dos instrumentos, tudo é em português, não tem como cantar uma música em inglês.”



Fernanda Matias acompanha o mestre nas aulas que lecciona. “Ajudo na administração do grupo de capoeira aqui de Macau”, diz a mulher de Eddy Murphy. Praticante da arte marcial em várias partes do globo, diz que por vezes têm de adaptar o estilo às comunidades locais. “Já moramos na China, Espanha, Hong Kong e Macau e em cada lugar as pessoas têm um determinado costume”, diz, explicando: “No Brasil treinamos mais como luta, aqui não podemos reforçar só esse lado de luta, as pessoas precisam da capoeira mais para aliviar o stress, sobretudo os estrangeiros.”

E, claro, é muito diferente ensinar no Brasil e ensinar em Macau. “Lá, as pessoas sabem o que vão encontrar, enquanto aqui vão descobrindo aos poucos.” Mesmo entre os alunos, há quem busque na capoeira coisas diferentes. “Tem alunos que querem somente a música, mas aí o mestre vai falando e vai dizendo que tem de fazer isto ou aquilo.” ■

Uma extensão da casa

T LUCIANA LEITÃO **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

A população de Macau, tanto fixa como não permanente, acaba por encontrar nos jardins da cidade uma extensão dos seus apartamentos. E ali se reúne para fazer exercício, descansar, conversar, namorar ou tocar um instrumento musical, gozando de um cenário mais inspirador





亭

蘇州園林

蘇州園林

SÃO ESPAÇOS que os residentes do território usam diariamente para passear, fazer exercício físico, conversar, jogar às cartas, cantar ou ensaiar. Vêm-se pessoas com mais idade, jovens, famílias inteiras e turistas. Numa altura em que muito se fala sobre a alta densidade populacional dos escassos 30 quilómetros quadrados de território, os jardins de Macau são cada vez mais usados pela população.

Passa-se por debaixo de um arco em forma de lua e por uma figura de pedra no solo e encontram-se várias pessoas, logo pelas 11 da manhã, num dia de semana, a passear no Jardim Lou Lim Ieoc. Há quem faça exercício físico, enquanto outros passeiam crianças ou cães e ainda há os idosos sentados nos bancos a conversar. É considerado o jardim mais chinês da cidade.

A morar a poucos metros de distância, junto ao Mercado Vermelho, Lucinda Coelho, macaense, vestida com traje de ginástica, todos os dias se desloca até ali com a sua neta para passear. “Foi aqui que a minha neta deu os primeiros passos”, conta, sorrindo. Entre os motivos que a levam a dar tanto uso a este espaço público, Lucinda menciona alguns: “É calmo e tem poucas pessoas. Além disso, o tratamento das flores e plantas é um dos melhores de Macau”.



EXISTEM 34 JARDINS ESPALHADOS PELA REGIÃO, NÚMERO QUE INDICA COMO ESTES ESPAÇOS SÃO IMPORTANTES PARA O QUOTIDIANO DOS RESIDENTES

Assim, já faz parte da sua rotina ali caminhar entre as 10h15 e as 12h00 para espairecer.

Continuando a circular pelo jardim, encontram-se várias pessoas a fazer tai chi, outras a passear, enquanto casais de namorados trocam carícias. Debaixo dos pagodes um grupo de músicos ensaia, inspirando-se no cenário pacífico, no meio da cidade.

No Jardim Camões, também num dia de semana, por volta das 11h30, são muitas as pessoas que ali se encontram. Logo à entrada, vêem-se jovens e idosos a usar as máquinas de exercício, enquanto outros estão sentados, em amena cavaqueira. Continuando a percorrer o jardim, passando a estátua de André Kim logo à entrada, ainda se encontram vários residentes a praticar tai chi, alguns ao som de música chinesa tocada a partir do telemóvel. Tony Un mora ali perto e costuma dedicar parte das suas manhãs e tardes a praticar tai chi no Jardim Camões. “Tem uma área considerável, muitas árvores e vários idosos”, diz, explicando o seu apreço pelo local.

Por seu turno, Jacqui Magno, turista das Filipinas, também aqui se encontra, mas pela primeira vez. “Vim de férias por um mês a Macau”, diz. A utilizar o parque infantil com a filha, a mãe diz que o jardim “é limpo”, contrariamente ao que se vê no seu país de origem. Aliás, a turista garante que poucos jardins se vêem naquele país do sudeste asiático. “Não se vêem jardins assim, nem árvores. O clima é demasiado quente e as pessoas vão para os centros comerciais, para gozar do ar condicionado”, refere.

A brincar com o filho no parque infantil está Karen Wa. “O meu filho gosta de cá vir, moramos aqui perto”, diz, justificando a escolha. Assim, aqui se deslocam todos os dias de manhã, até para a criança gozar de algum ar mais puro. “É bom, tem muitas árvores e não tem demasiada gente. Posso relaxar”, afirma. Porém, apesar de gostar do ambiente, acaba por aqui passar tanto tempo, mais por comodidade, já que o seu favorito se situa na Taipa. “Gosto do jardim [junto às casas-museu]. É muito bonito e tem uma igreja antiga”, diz.

Um jardim chinês pouco tradicional

De acordo com o Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM), existem 34 jardins e parques espalhados por toda a região. Olhando para a oferta existente, o arquitecto paisagista António Saraiva aponta que os jardins são





muito importantes para o quotidiano dos residentes. São muito usados sobretudo pela comunidade chinesa, que acaba por ter mais “a tradição de ir aos jardins, desde os velhotes, que neles vão conviver, apanhar ar, praticar tai-chi ou passear os passarinhos, até aos miúdos que vão neles brincar”. O jardim Lou Lim Ieoc é o seu favorito: “É especial porque é um jardim de estilo chinês, bastante puro, embora tenha um ou outro elemento já um bocadinho alterado face aos jardins chineses mais tradicionais”, diz, salientando que é por isso único aqui e na região vizinha.

Tratando-se de um jardim chinês, tem algumas características que fogem à tradição. “A ponte das nove curvas é todo às curvas, enquanto que nos jardins mais tradicionais as pontes são compostas por segmentos de recta”, refere a título de exemplo, acrescentando: “Há no Jardim Lou Lim Ieoc um outro lago mais pequeno que tem uma ponte em segmentos de recta. Por outro lado, são bastante vulgares as pedras que têm o topo plano. Isto porque o proprietário do jardim gostava de ver vasos em cima dessas pedras.” A iluminação também foge dos elementos tradicionais, por recorrer a candeeiros modernos.

Ainda assim, para António Saraiva, há uma característica particularmente especial. “Se estivermos num ponto do jardim e olharmos em determinada direcção vemos um tipo de paisagem; quase no mesmo ponto, olhamos

noutra direcção e vemos outro tipo de paisagem; olhamos numa terceira direcção e surgem-nos ainda um outro tipo de paisagem”, declara, esclarecendo que tal reflecte um engenho da parte do criador.

Ao longo dos tempos, o jardim tem vindo a sofrer alterações. “O primitivo era sensivelmente maior do que o actual, mas por morte deste [fundador], os filhos retalharam o jardim”, refere. Assim, hoje o espaço onde se situa a escola Pui Ching pertencia ao jardim, enquanto do lado norte há uma série de casas que roubaram espaço ao Lou Lim Ieoc, tornando-o mais pequeno. “É agora mais pequeno do que o inicial e além disso está rodeado por uma série de prédios, tem menos luz e está mais abafado.”

Não se trata, porém, do único jardim chinês de Macau. “Há outro na Taipa, o da Cidade das Flores, que também foi concebido por

ESPECIALMENTE NA PENÍNSULA DE MACAU, HÁ AINDA ESPAÇOS PARA MAIS VERDE, SOBRETUDO NO CENTRO HISTÓRICO E NA ZONA DO PORTO INTERIOR, AMBAS DENSAMENTE HABITADAS

um técnico chinês. Tem vários elementos que são característicos dos jardins chineses, mas não tem as montagens de rochas nem a variedade de paisagens que o Lou Lim Ieoc oferece”, descreve.

O arquiteto também destaca o Jardim Camões, por estar muito ligado à história da região. “A propriedade – casa e terrenos anexo – foi alugada, em torno de 1800, à Companhia das Índias Orientais. Os ingleses gostam de jardins e têm o seu estilo próprio, e portanto deram ao espaço um tratamento característico e muito diferente do que foi dado ao Lou Lim Ieoc”, refere, esclarecendo que “tem uma grande variedade de árvores, e nele existiam viveiros que serviam de entreposto de plantas da China que depois eram mandadas para Inglaterra”. Naquele tempo, a cidade era pequena e a construção de um espaço com aquelas dimensões é quase um “milagre”, apenas possível por se situar no limite da península.

Entre os outros jardins, um em especial sofreu sucessivas alterações ao formato original. “Fazia parte de uma grande alameda inaugurada em 1898 para celebrar o quarto centenário da descoberta do caminho marítimo da Europa para a Índia. Esta alameda ia desde o Jardim

da Flora até ao Jardim Vasco da Gama. Depois o espaço foi sendo sucessivamente retalhado para a construção de equipamentos úteis e necessários”, explica Saraiva, acrescentando que no fim esse grande jardim ficou reduzido a três cantos: “O Jardim Vasco da Gama, o da Vitória e o da Flora”.

Entre os espaços mais recentes, o arquiteto destaca o parque municipal Dr. Sun Yat Sen, que era, aquando da sua construção, um aterro sanitário. “Nessa época não havia nenhuma ponte de Macau para a Taipa (a primeira só foi finalizada em 1974) e a solução mais fácil era deitar o lixo num local desabitado, nos extremos da cidade, num sítio que na altura era um pântano.” Depois de queixas do município vizinho de Zhuhai de que o aterro estaria a ultrapassar o limite fronteiro, chegou-se a acordo e foi assim que nasceu o novo parque. “Hoje não se tem ideia de como aquele espaço era horrível e como sofreu uma transformação positiva ao nível ambiental e até ao de escala.”

A introdução de fontes pela mão do engenheiro Henrique Vasconcelos representou uma reviravolta nos espaços da cidade. “Ao contrário dos jardins que são sobretudo estáticos, as



NO QUE TOCA A ESPAÇOS VERDES, NÃO FALTAM SUGESTÕES DE ESPECIALISTAS PARA O SEU AUMENTO TANTO QUALITATIVO COMO QUANTITATIVO. A ARQUITECTA PAISAGISTA ISABEL LÚCIO DEFENDE QUE A REGIÃO POSSA ALBERGAR AINDA MAIS ESPAÇOS VERDES COM UMA MAIOR APOSTA EM ZONAS PEDONAIS

fontes têm movimento e variedade – há fontes bastante bonitas, como as por detrás do Centro Cultural de Macau.”

Para o futuro, há sugestões para que os espaços verdes ganhem novos contornos por entre as torres de betão. O arquitecto sugere, por exemplo, uma ligação entre o novo Parque Central da Taipa, a montanha e o mar, “um corredor verde que ligasse esses dois pontos, ou seja, o

yang e o yin. Já na península de Macau, António Saraiva sugere uma ligação desde a estátua da Kun Iam (representativa do mar e da nova Macau) ao monte da Guia (representativa da montanha e da Macau antiga).

Jardins em altura

No que toca a espaços verdes, não faltam sugestões de especialistas para o seu aumento



tanto qualitativo como quantitativo. A arquitecta paisagista Isabel Lúcio defende que a região possa albergar ainda mais espaços verdes com uma maior aposta em zonas pedonais. “Todas as zonas pedonais deviam ter circuitos verdes onde as pessoas com crianças possam fazer um circuito mais confortável, sem ter o barulho dos carros constantemente, ao se usar árvores para abafar o barulho, a poluição e a confusão.”

Para contrariar a falta de espaço, becos e travessas podem ser por isso melhor aproveitados, trazendo assim “um bocadinho de verde” a mais zonas, sem necessariamente ter de se construir mais jardins. Até mesmo os terraços nos topos de prédios residenciais poderiam ser usados para esse efeito, ainda que a respeitar algumas regras. “O terraço é considerado zona técnica, que tem de estar livre de

qualquer obstáculo. Assim sendo, tem de haver regras para se construir jardins nesses espaços”, aponta Isabel Lúcio, não deixando de parte pequenos problemas que possam surgir com a utilização desses espaços para jardins: “É preciso ter cuidado, porque, em caso de incêndio, as pessoas que estão no prédio têm de poder sair para o terraço sem obstáculos”. Por isso, defende a arquitecta, um bom começo era apostar nos prédios mais antigos e mais baixos, onde há uma menor densidade populacional.

Quanto a jardins novos, Isabel Lúcio destaca o Parque Central da Taipa, uma área com mais de 24 mil metros quadrados aberta ao público em 2013. “Foi uma boa ideia construir esse espaço verde, num sítio onde há muitos prédios altos. É bom ter ali um espaço aberto onde as pessoas possam desfrutar de várias actividades”, diz.

Um lado selvagem

Um dos espaços preferidos do arquitecto Francisco Vizeu Pinheiro é um segredo bem guardado, já que não está ainda aberto ao público: “A fábrica desactivada de panchões, na Taipa [a Iec Long]. O espaço está abandonado há 35 anos e as árvores e arbustos pequenos cresceram. É um lugar muito natural, embora um pouco selvagem devido à falta de manutenção”. Uma das ideias que se tem para este espaço é a sua transformação para parque público, o que seria bem-vinda. “É uma zona muito agradável e grande que pode ser recuperado mantendo as influências chinesa e portuguesa.”

Especialmente na península de Macau, há ainda espaços para mais verde, sobretudo no Centro Histórico e na zona do Porto Interior, ambas densamente habitadas e utilizadas. “Macau precisa ainda de mais árvores para purificar o ambiente e dar sombra, também porque as árvores reduzem a temperatura e absorvem as partículas”, diz Vizeu Pinheiro.

Para o arquitecto, os jardins locais acabam por ser “a sala de estar dos idosos” e um espaço de escape para aqueles que vivem em apartamentos pequenos. “Não se pode convidar os amigos para ir a casa, por isso vai-se ao jardim para respirar ar fresco. Os jardins têm sobretudo a função de relaxamento mental e espiritual. Tem luz, vida, som, água e os companheiros – componentes de socialização que em casa não há.” ■





OS IMPONENTES

JARDIM CAMÕES

Era propriedade de um dos homens mais ricos de Macau, o conselheiro Manuel Pereira, e nela existia uma casa senhorial, construída em meados do século XVIII, que ainda hoje está de pé, a Casa da Gruta de Camões. Por essa época começava a expansão inglesa na China. Foram os ingleses que ao gosto romântico da época criaram, sob cerrado arvoredo, estreitas alamedas seguindo a orografia do terreno, para o que mandaram, inclusivamente, vir jardineiros de Inglaterra. Em 1833 foi extinta a Companhia das Índias e a propriedade voltou a ser administrada pela família do conselheiro Manuel Pereira. Em 1885, a propriedade foi vendida ao governo de Macau por 35 mil patacas.

JARDIM LOU LIM IEOC

O único de estilo chinês. Foi mandado construir pelo comerciante Lou Cheok Chin (1837-1906), que em 1870 se fixou em Macau e que para tal contratou em Cantão os serviços de dois artistas Lau Kat Lok e Lei Tat Chun, a fim de nas húmidas várzeas do Tap Seac construírem um jardim chinês ao estilo do século XIV, de Suzhou. Baptizado de Jardim das Delícias, acabou por ficar conhecido pelo nome do seu proprietário ou do seu primogénito, comumente designado por Jardim do Lou Kau ou Jardim do Lou Lim Ieoc. Actualmente ocupa uma área de 1,23

hectares, cerca de metade da inicial, pois após a morte de Lou Lim Ioc os seus descendentes alugaram, em 1938, parte do jardim à escola Pui Cheng e mais tarde à Escola Leng Nam. A partir de 1951, uma grande parte da sua área foi urbanizada. Em 1973, foi adquirido pelo governo aos descendentes da família Lou. Depois de ser totalmente recuperado, abriu ao público em Setembro de 1974.

JARDIM DE SÃO FRANCISCO

É o único situado no que é hoje a baixa da cidade. Construído em meados do século XIX, foi projectado por Matias Soares, e era um verdadeiro passeio público: era frequentado pelos membros de abastadas famílias macaenses, que ali se deslocavam para ouvir a Banda Militar actuar num coreto que existiu até 1935. Era limitado a sul pelas águas da Baía da Praia Grande antes da execução dos aterros que alargaram a área da cidade. Possui várias arcadas adossadas ao muro que o separa do Quartel de São Francisco.

JARDIM DA FLORA

Os primórdios deste jardim remontam aos meados do século XIX, quando o padre Vitoriano José de Sousa e Almeida adquiriu uns terrenos situados fora de portas e nas faldas de um monte escavado – a Guia – pedindo ao



arquitecto macaense José Tomás de Aquino que lhe projectasse um palacete, o qual foi construído em 1848. O local era farto em águas, mas convenientemente afastado dos solos pantanosos onde mais tarde se viria a construir o Jardim de Lou Lim leoc. Nesta situação veio, com o rodar dos anos, a aparecer um belo jardim. Em 1873, o padre vendeu a propriedade ao governo, tendo o palacete servido como residência de verão do governador. A área actual do jardim é de 1,77 hectares, muito inferior à inicial, em virtude da construção do antigo Quartel da Flora e da Escola Infantil D. José da Costa Nunes.

JARDIM DA MONTANHA RUSSA

Em frente ao colégio D. Bosco, encontra-se este jardim implantado numa pequena elevação de terreno. Foi durante anos espaço preferencial de piqueniques de abastadas famílias macaenses. Foi recuperado em 1886 com projecto do arquitecto paisagista Óscar Knoblich e da arquitecta Paula Castilho.

JARDIM DE VASCO DA GAMA

Situado entre a Rua Ferreira do Amaral, a Calçada do Gaio e a Estrada da Vitória, foi inaugurado em 1911. É da autoria de Tomás da Costa e uma homenagem ao navegador Vasco da Gama. É juntamente com o Jardim da Vitória o que resta da antiga Avenida Vasco da Gama, aberta em 1898.

JARDIM DA VITÓRIA

Serve de ligação entre a Avenida Sidónio Pais e a Estrada da Vitória, tendo uma área de apenas 0,19 hectares. Tem um valor histórico e era antigamente conhecido por Campo dos Arrependidos, local onde se travou parte dos combates contra os invasores holandeses que se pretendiam fixar em Macau, mas foram derrotados no dia 24 de Junho de 1622.

JARDIM INTERIOR DO LEAL SENADO

De pequena dimensão (tem 290 metros quadrados), tem um estilo único em Macau, no sentido de integração arquitectónica num estilo comum em palacetes portugueses entre os séculos XVII e XIX.

PARQUE DR. SUN IAT SEN

Junto ao Canal dos Patos, era antes um aterro sanitário. Com uma área de 5,7 hectares, foi aberto em Junho de 1989 por ocasião do Dia da Cidade. A construção iniciou-se em 1989, sob a assinatura do paisagista Francisco Caldeira Cabral e o arquitecto António Braga.

PARQUE DA GUIA

Sobranceira à cidade de Macau, a Colina da Guia apresentava há um século um aspecto árido. Aí foi iniciado, em 1883, um valioso trabalho de arborização sob a orientação do agrónomo Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro.

Fonte: *Obra Jardins e Parques de Macau (1993)*, da autoria de António Estácio e António Saraiva



VILA DA TAIPA 1 (氹仔舊城區)

A chegada dos portugueses

No início eram três ilhas, mas a Taipa Grande cedo se juntou à Montanha de Kun lam. Para ficar ligada à Taipa Pequena foi preciso mais do que o natural assoreamento do rio. Três aterros, em 1915, 1936 e 1957, colaram para sempre o mapa da Taipa dos nossos dias, “o pequeno lago” dos chineses, a sua Tam Chai

T PATRÍCIA LEMOS
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

QUANDO OS portugueses chegaram a Macau, em 1557, não assentaram logo arraiais nas Taipas. Apenas em 1847 nascia na Taipa Pequena (Siu Tam Chai) uma fortaleza para defender as populações e controlar o tráfego entre essa dependência e a ilha de Dom João.

Ainda que o reconhecimento da ocupação das ilhas só tivesse chegado em 1887 com a assinatura do primeiro tratado luso-chinês, os portugueses ficaram pé na Taipa Grande logo

em 1851, um ano após um dos mais negros episódios da história da ilha: a explosão da Fragata D. Maria II. A tragédia ceifou mais de 200 vidas e, para que não bastasse, um incêndio varreia a Taipa quase três anos depois, devorando a maior parte das casas. Viviam-se dias difíceis mas os ilhéus uniram-se. Afinal, até já tinham pelo que lutar e contavam com a preciosa ajuda dos portugueses que queriam provar a necessidade da sua presença nas ilhas.

Nos meados do século XIX a Taipa já tinha comércio, várias centenas de casas, campos lavrados, uma fortaleza, seis templos, como o grande Pak Tai e o velhinho Tin Hau, e regras de administração local. O Concelho das Ilhas seria criado em 1869 para gerir os destinos da Taipa e Coloane, primeiro a partir da fortaleza. Em 1879, os serviços são transferidos para a vila, na Taipa Grande, no mesmo ano em que aí é levantado um quartel. Porém, a administração só passou a ser civil quando os portugueses se sentiram seguros quanto às dependências de Macau, o que sucederia em 1928, altura em que é extinto o Comando Militar. Assim é reactivado o Concelho das Ilhas que se instala naquela que é hoje a casa do Museu da História da Taipa e Coloane.

Em 1874 um tufão deixava um rasto de destruição, causando mais de mil vítimas mortais. Era necessário reconstruir a vida da ilha e fortalecê-la nos anos vindouros. Construiu-se um cais na vila e um cemitério. Ergueu-se uma igreja no Largo do Carmo, ainda que fossem apenas 35 os portugueses a habitar a ilha em 1878, para mais de 3000 chineses. Criou-se uma escola chinesa para rapazes num templo e um párcos abriu as portas da sua casa ao ensino do português, em 1891. A semente linguística estava plantada, brotando mais tarde nas salas de aula da Escola Dom João Paulino e, em 1959, na Escola Primária Oficial João de Deus, que é hoje a imponente Escola Luso-Chinesa da Taipa.

A vitalidade urbanística da segunda metade do século XIX atraiu mais gente à Taipa, apesar do crescente problema do assoreamento dos ancoradouros. Em 1896 registava-se um aumento da população que vivia em barcos junto à vila. Afinal, o mar era a porta de entrada nas ilhas e o seu grande sustento. Mas os chineses também se ocupavam das hortas e dos campos de arrozais, da criação de gado e muitos trabalhavam nas pedreiras, na venda de sal ou na preparação do ópio. Os que não iam para a pesca ficavam a suar nos estaleiros, para lá da Rua

do Regedor, ou na apanha de ostras no lodo das sedimentações do Rio das Pérolas, junto ao Largo Governador Tamagnini Barbosa. Ainda hoje se pode tomar pulso a essa indústria na centenária loja de Óleo de Ostra Kwong Heng Long.

Em chinês...

Antes de ser Tam Chai (Pequeno Lago), a Taipa respondia pelo nome Long Wan, ou Arco do Dragão, como atestam as inscrições em alguns templos antigos da ilha. A actual designação tem origem no nome que os chineses de Macau davam à pequena ilha que viam da península. Para eles, a Taipa era só uma. Chamavam-lhe Sio Tam, sem saber que por detrás se escondia a Taipa Grande (Tai Tam). Em chinês é comum usar a palavra *sio* com o sufixo *chai*, em referência carinhosa a algo ou alguém precioso, como um filho. Por isso, não é de estranhar que o nome da Taipa evoluísse para Tam Chai.

Em português...

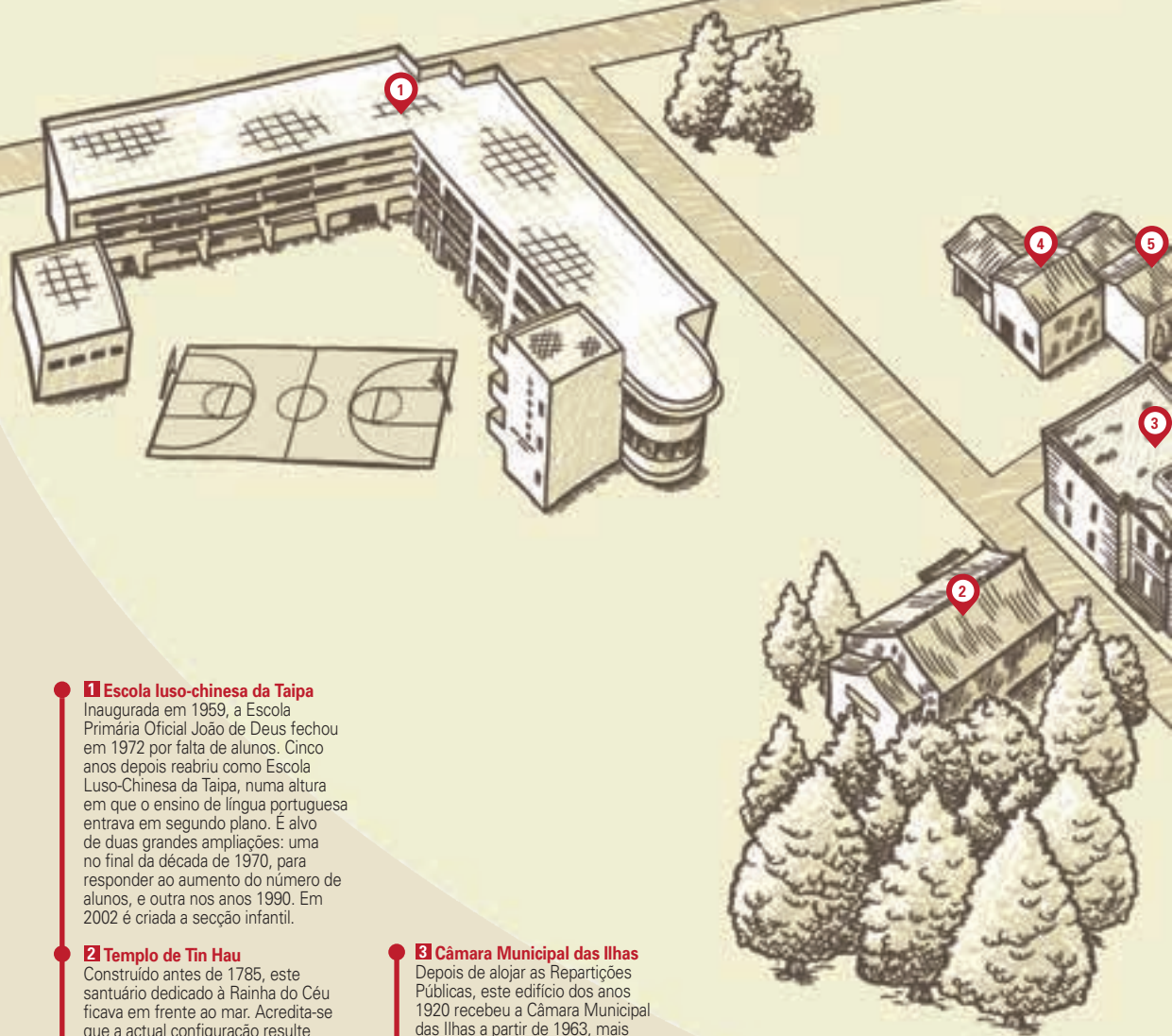
São várias as teorias sobre a origem da palavra Taipa, que em nada se assemelha à designação chinesa Tam Chai, porém sem grande evidência histórica. Uma das mais consistentes aponta para uma evolução da pronúncia de 氹仔 no dialecto Min Nan (Fujian). Ou seja, de *tiap-á* terá evoluído para Taipa. ■



VILA DA TAIPA 1

氹仔舊城區

RODRIGO DE MATOS



1 Escola luso-chinesa da Taipa

Inaugurada em 1959, a Escola Primária Oficial João de Deus fechou em 1972 por falta de alunos. Cinco anos depois reabriu como Escola Luso-Chinesa da Taipa, numa altura em que o ensino de língua portuguesa entrava em segundo plano. É alvo de duas grandes ampliações: uma no final da década de 1970, para responder ao aumento do número de alunos, e outra nos anos 1990. Em 2002 é criada a secção infantil.

2 Templo de Tin Hau

Construído antes de 1785, este santuário dedicado à Rainha do Céu ficava em frente ao mar. Acredita-se que a actual configuração resulte de uma reconstrução em 1838 com o dinheiro doado às famílias das vítimas duma caça aos piratas. Pouco iluminado, o templo era muito grande antigamente, incluindo três capelas. A partir de 1910, abre no salão lateral uma escola confucionista, encerrada nos anos 1980 por falta de alunos. Em 1991, na mesma ala, inaugura o restaurante Tam Chai Yu Chun.

3 Câmara Municipal das Ilhas

Depois de alojar as Repartições Públicas, este edifício dos anos 1920 recebeu a Câmara Municipal das Ilhas a partir de 1963, mais tarde passando a albergar a Câmara Municipal Provisória das Ilhas, desactivada em 2001. Em 1992 é classificado pelo seu valor arquitectónico e cultural e, em 2004, arrancam as morosas obras de restauro e de conversão para transformar aquela casa no Museu da História da Taipa e Coloane, que inaugura em 2006.

4 Café Tai Lei Loi Kei

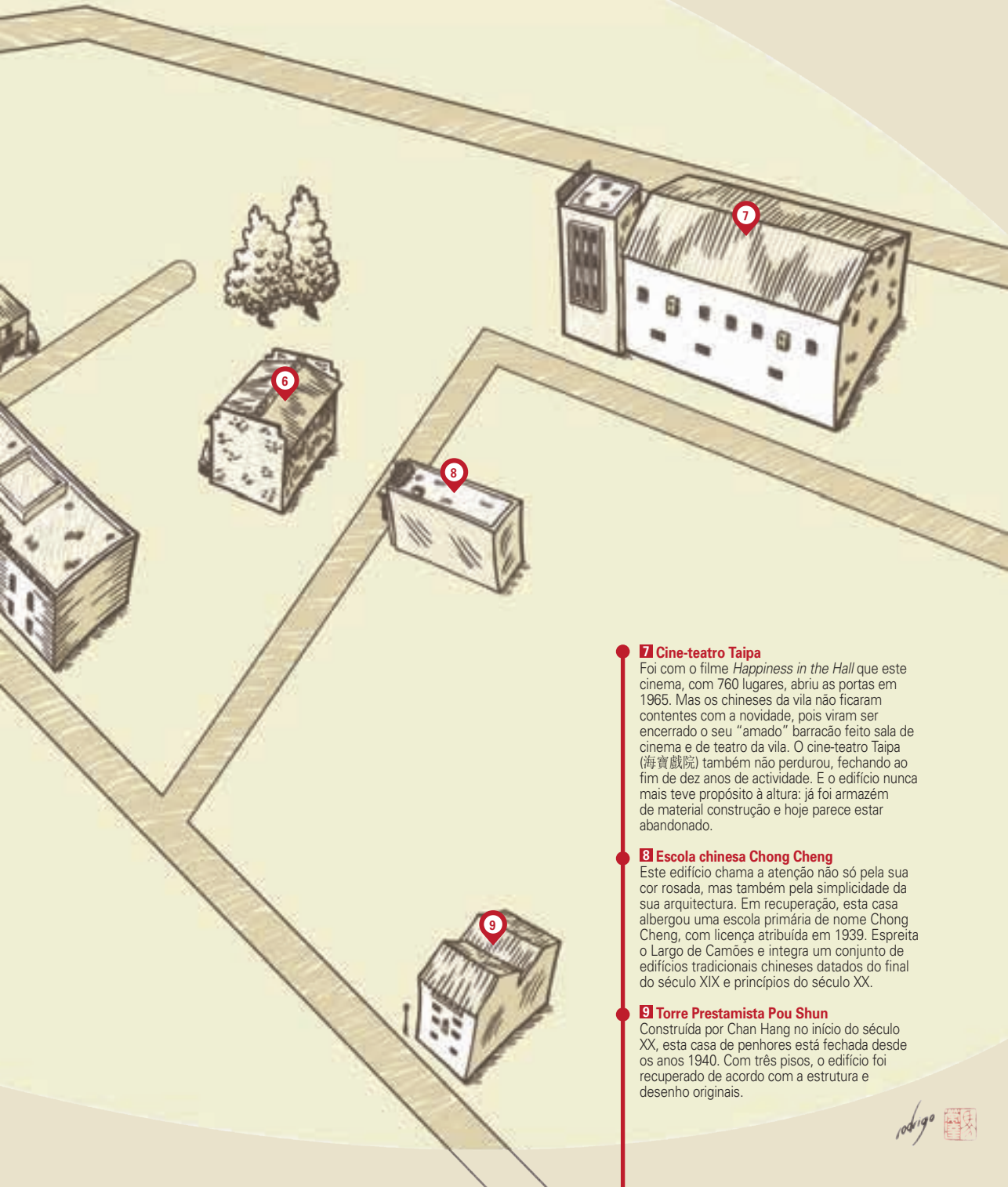
Popular por causa da sua versão da bifana portuguesa, o ju pa pao (豬扒包), este café foi criado em 1968 e, como os pastéis de nata da padaria Lord Stow, tem várias lojas na RAEM e até já cruzou a fronteira. Na Taipa saiu do ninho há uns anos, reabrindo a casa-mãe, em 2013, como restaurante junto ao Museu da História da Taipa e Coloane.

5 Óleo de Ostra Kwong Heng Long

Quando o senhor Pong abriu este negócio há 120 anos, a loja só tinha lodo e mar pela frente. A apanha de ostras era uma das principais actividades desta zona. Muitas das ostreiras de Macau desapareceriam no final dos anos 1980, por causa dos aterros e da poluição, mas os Pong não fecharam as portas, antes mudando da venda de óleo de ostra para a pasta de camarão salgado. A loja ainda hoje serve os residentes e é uma das favoritas dos turistas.

6 Templo de Pak Tai

Com mais de 150 anos, este templo era inicialmente composto por três pavilhões, tendo um sido ocupado por uma fábrica de tecelagem e o outro arrendado a uma família. Restaurado em 1882 e em 1994, este santuário é um dos mais apreciados da Taipa, até porque é o único em Macau dedicado a Pak Tai, o Deus do Norte. Todos os anos é prestada homenagem a esta divindade, celebrando-se com um banquete, danças de leão e ópera chinesa.



7 Cine-teatro Taipa

Foi com o filme *Happiness in the Hall* que este cinema, com 760 lugares, abriu as portas em 1965. Mas os chineses da vila não ficaram contentes com a novidade, pois viram ser encerrado o seu "amado" barracão feito sala de cinema e de teatro da vila. O cine-teatro Taipa (海賓戲院) também não perdurou, fechando ao fim de dez anos de actividade. E o edifício nunca mais teve propósito à altura; já foi armazém de material construção e hoje parece estar abandonado.

8 Escola chinesa Chong Cheng

Este edifício chama a atenção não só pela sua cor rosada, mas também pela simplicidade da sua arquitectura. Em recuperação, esta casa albergou uma escola primária de nome Chong Cheng, com licença atribuída em 1939. Espreita o Largo de Camões e integra um conjunto de edifícios tradicionais chineses datados do final do século XIX e princípios do século XX.

9 Torre Prestamista Pou Shun

Construída por Chan Hang no início do século XX, esta casa de penhores está fechada desde os anos 1940. Com três pisos, o edifício foi recuperado de acordo com a estrutura e desenho originais.

Análise



MACAU: TURISMO E EXPERIÊNCIA



T CÁTIA MIRIAM COSTA*

A ORGANIZAÇÃO Mundial de Turismo estima que no ano de 2014 mais de um bilião de pessoas viajaram para fora do seu país. O número de turistas que pernitoou nos destinos atingiu os 1138 milhões em 2014, ultrapassando o número do ano precedente em cinquenta e um milhões, atingindo um crescimento de 4,7 por cento médio ao nível mundial. Para o ano de 2015, espera-se um crescimento na ordem dos três a quatro por cento, ou seja, prevê-se que a tendência actual se mantenha. Note-se que a evolução da indústria turística desde 1950 aponta para um incremento permanente e constante. Significa isto que a mobilidade humana aumenta, directamente relacionada com o usufruto de novas formas de recreio.

* Investigadora no Centro de Estudos Internacionais (ISCTE-IUL), colaboradora no Centro de Filosofia das Ciências (UL) e consultadora no DaST (Design a Sustainable Tomorrow)



É na Ásia, com destaque considerável para a República Popular da China, que se encontra o maior aumento do número de turistas. Dada a expansão da economia chinesa, a OCDE (Organização Cooperação e Desenvolvimento Económico) prevê que a situação assim se mantenha, portanto, que o centro de crescimento nesta área se destaque para a Ásia, com relevo para a República Popular da China.

Contudo, o significado de fazer turismo tem vindo a mudar, estando cada vez mais relacionado com a noção de experiência e com a comunicação desse momento. Estas novas tendências fizeram surgir uma propensão para a

customização do serviço, de modo a assegurar competitividade e uma disposição natural para o turista partilhar as suas experiências, comunicando-as para um potencial público muito vasto.

Comunicação e experiência tornaram-se as grandes linhas orientadoras para o turismo e nesse sentido tanto operadores turísticos como clientes podem mais facilmente aceder a informação, seja através das páginas de internet sobre viagens (por exemplo, <http://www.eatandtravelwithus.com/2014/02/10-things-to-do-in-macau/>) ou dos sítios de empresas de viagem (como exemplo, <http://www.lonelyplanet.com/china/macau>). A competir com estas fontes, ainda as dos média tradicionais, agora também vertidos para formato digital, como no caso da CNN que dedicou uma página a Macau (<http://edition.cnn.com/2013/10/02/travel/10-things-macau/>).

MACAU EXPERIMENTADO E EXPERIENTE

O impacto dos média sociais (Facebook, LinkedIn, Instagram, We Chat) é, paulatinamente, mais notório, influenciando escolhas de clientes e suas opiniões, mas também conseguindo o seu relevo junto dos média tradicionais. O sector do turismo foi um dos que mais mutações sofreu, devido às possibilidades que a sociedade em rede e intercomunicante oferece, seja através dos motores de busca direccionados apenas para a oferta turística, seja pela diversidade de elementos que são colocados em partilha depois de uma experiência turística. O Instagram, o Facebook e o Pinterest tornaram-se enormes redes de partilhas. A experiência deixou de ser apenas aquela que o turista tem no momento

HOJE NÃO INTERESSA APENAS CONTEMPLAR OU OBSERVAR, É PRECISO EXPERIMENTAR PARA CONTAR. NESSE ASPECTO, MACAU REÚNE ELEMENTOS MUITO PROMISSORES DENTRO DESTAS TENDÊNCIAS

NOVOS DESAFIOS PARA O TURISMO DE MACAU

A Organização Mundial de Turismo identificou os grandes desafios para os próximos anos. Das quatro publicações especializadas editadas, três têm particular interesse para Macau:

1. Turismo nos Locais Património da Humanidade – Desafios e Oportunidades (Organização Mundial de Turismo, 2015): aborda a gestão sustentável destes territórios e a problemática envolvente à sua comunicação (interna, ou seja, com a própria comunidade) e externa (ao nível da projecção e reconhecimento do território). O turismo aparece como a actividade económica mais propensa para o aproveitamento das potencialidades das identidades culturais locais (para mais informação: <http://publications.unwto.org/publication/tourism-world-heritage-sites-challenges-and-opportunities>).

2. Manual sobre o Turismo Acessível a

Todos – parcerias público-privadas e boas práticas (Organização Mundial de Turismo e Fundação ACS, 2015): sublinha o valor da acessibilidade aos recursos culturais e patrimoniais, provendo o conhecimento para a construção de ambientes construídos e naturais mais apelativos (mais informações: <http://publications.unwto.org/publication/manual-accessible-tourism-all-public-private-partnerships-and-good-practices-0>).

3. Resposta à mudança climática – Iniciativas turísticas na Ásia e Pacífico (Organização Mundial de Turismo, 2015): afere o impacto socioeconómico da mudança climática no turismo, tomando casos da Ásia/Pacífico. Propõe algumas respostas sobre alternativas para a actividade turística sustentável (para mais informações: <http://publications.unwto.org/publication/responding-climate-change-tourism-initiatives-asia-and-pacific>).





que visita o território seleccionado. Começa antes com a visualização de fotos e opiniões, prossegue depois com a partilha em tempo real, sobretudo, das fotos e termina apenas quando avalia a viagem ou publica a sua opinião online, finda a experiência.

Hoje não interessa apenas contemplar ou observar, é preciso experimentar para contar. Nesse aspecto, Macau reúne elementos muito promissores dentro destas tendências. Elementos como a sua gastronomia, a fusão cultural seja na arquitectura, seja na sua música com modas em patuá ou mesmo os seus casinos, constituem importantes oportunidades de experiências novas e todas diferenciadas. Portanto, Macau tem já esse passado de atrair para experimentar. Basta agora potenciar o que naturalmente sempre possuiu.

É evidente que, dada a sua dimensão, Macau terá de preocupar-se com questões que são também desafios noutras contextos e territórios, como a gestão de espaços históricos (património da humanidade), promovendo a sua visita e comunicação ao mundo exterior, mas, em simultâneo, protegendo essas infraestruturas para evitar o seu colapso. Também o cuidado com a preservação ambiental de modo a evitar sobrecarga do ecossistema está na ordem do dia, numa época em que a poluição tende a aumentar (ver caixa 1).

TURISMO E ECONOMIA CRIATIVA

Em 2014, a OCDE (Organização Cooperação Desenvolvimento Económico) na sua publicação *Tourism and the Creative Economy*, reconhece a crescente relação entre economia criativa e turismo e a importância desta conexão orientar as políticas públicas geradas para o sector (mais informação: <http://www.oecd.org/countries/democraticpeoplesrepublicofkorea/tourism-and-the-creative-economy-9789264207875-en.htm>). Em Macau e ainda antes desta publicação, já tinha sido delineada uma política pública para esta área. Ver Programas de Subsídios para as Indústrias Culturais e Criativas de Macau: <http://www.icm.gov.mo/dpicc/sps/defaultP.aspx>

CRIATIVIDADE NO SECTOR DE TURISMO MACAENSE

VÁRIOS organismos internacionais, incluindo a OCDE (ver caixa 2) têm alertado para a estreita relação entre economia criativa e turismo, sugerindo a tomada de políticas públicas que fortaleçam essa conexão. No entanto, o sector turístico também pode ser criativo. Ancorando-se em alguns eventos e na longa tradição do jogo, poderá inovar nos serviços oferecidos. Isto é possível no caso de se aproveitarem os meios já à disposição, por exemplo, como a percepção da experiência reportada pelos turistas nos média sociais e associada aos vários serviços de hospitalidade (incluindo a restauração, recreio, alojamento). No Instituto de Formação Turística de Macau têm sido apresentados artigos muito interessantes para o caso macaense e que poderão orientar as pequenas e médias empresas macaenses na sua adaptação a estes novos tempos.

Afinal, os turistas procuram mais do que jogo. Querem usufruir de um espaço único, em que valorizam a comida, a cultura, a arquitectura e as compras, o que poderá dar o mote para ofertas diferenciadas e únicas. Significa, pois, que o turismo também se pode renovar e apresentar de forma criativa, usufruindo também dos produtos das indústrias culturais locais.

Macau, para além de proporcionar uma experiência, pode valer-se da sua experiência de território específico e apresentar propostas criativas. Basta para isso saber usar os recursos locais que, segundo a investigação académica e as análises de tendências transnacionais, apontam para um sucesso contínuo neste sector de actividade. ■

MACAU TERÁ DE PREOCUPAR-SE COM QUESTÕES QUE SÃO TAMBÉM DESAFIOS NOUTROS CONTEXTOS E TERRITÓRIOS, COMO A GESTÃO DE ESPAÇOS HISTÓRICOS, PROMOVEDO A SUA VISITA, MAS, EM SIMULTÂNEO, PROTEGENDO ESSAS INFRAESTRUTURAS PARA EVITAR O SEU COLAPSO



Tradições

DOS
CRIADORES
DO MUNDO AOS
CRIADORES DA
CHINA





GONÇALO LOBO PINHEIRO

T FERNANDO SALES LOPES*

T RUI RASQUINHO

OSTRÊS Augustos e os Cinco Imperadores são personagens de uma história mítica chinesa que lhes atribui os poderes divinos, mágicos e fantásticos para a criação do universo, da humanidade, do conhecimento de tudo o que é necessário para o bem-estar da humanidade, mas também da China, da sua civilização e das suas etnias, papel este representado principalmente pelos lendários reis-sábios, criaturas exemplares na sua perfeição e senhores de uma moral ímpolita

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

PAN HU O CRIADOR COM CABEÇA DE CÃO

Pan Hu é mais um personagem mitológico que surge como tendo tido também um papel importante na criação da humanidade. De corpo humano e cabeça de cão, ele é divindade criadora acreditada entre algumas minorias chinesas como os Miao, Li e Yao, entre outras nacionalidades do sul da China. Embora com um nome que pode sugerir algum parentesco com Pan Ku, tal não se prova.



PAN HU, DE CORPO HUMANO E CABEÇA DE CÃO, É MAIS UM PERSONAGEM MITOLÓGICO COM UM PAPEL IMPORTANTE NA CRIAÇÃO DA HUMANIDADE

O FIEL COMPANHEIRO

Conta-se com algumas variantes, como sempre acontece nestas histórias, que durante o reinado de Gaoxin (高辛氏)¹ no tempo dos soberanos míticos, uma velha senhora que vivia no palácio sofria de horrorosas dores de ouvidos que quase a enlouqueciam. Salvou-a a passagem de uma feiticeira que, com artes mágicas, extraía do interior do seu ouvido um verme de ouro do tamanho de um casulo, colocando-o numa meia cabaça e cobrindo-a com um prato. Terminada a sua missão a feiticeira, tal como aparecera, desapareceu sem que deixasse rasto.

No interior da cabaça, o casulo desenvolvia-se, transformando-se num bonito cão de sedoso e colorido pelo. O rei, que logo se encantou com o animal, baptizou-o como Pan Hu (槃瓠) que significava prato e cabaça. O animal passou a ser o companheiro e maior amigo do rei que com ele ia para todo o lado.

Não eram calmos os tempos naquela época mítica em que as divindades soberanas governavam, e inimigos não faltavam a Gaoxin. O rei Fang, o pior de todos, levantou-se em armas deixando Gaoxin a temer pela sobrevivência do seu reino e pela segurança do seu povo. É então que este anuncia a todos os súbditos que aquele que conseguisse matar o seu inimigo e o presenteasse com a sua cabeça teria como prémio a mão da princesa sua filha, que lhe seria dada em casamento. Nesse mesmo dia Gaoxi deu pela falta do fiel amigo Pan Hu. Mandando os seus guardas procurá-lo por todo o lado, foi em vão a empresa. Pan Hu pela calada da noite tinha-se esgueirado do palácio encarreirando para os domínios de Fang que ficavam do lado de lá do mar. Para o atravessar transformou-se num dragão, flutuando sobre as águas, e ao chegar à outra margem voltou à sua aparência natural de canídeo, dirigindo-se, então, ao palácio do inimigo do seu dono. Fang ao reconhecer o fiel companheiro de Gaoxin pensou que ele se tinha aproximado do fim, pois se até o seu fiel companheiro Pan Hu o tinha abandonado, era porque a sua existência estaria por um fio. Ciente da vitória mandou servir lauto banquete para a celebrar, ostentando Pan Hu a seu lado como troféu prova da conquista, bebendo descontroladamente até à embriaguez extrema. Aproveitando a si-

RUI FASQUINHO



tuação, e estando o rei em sono profundo, Pan Hu saltou sobre ele arrancando-lhe a cabeça, correndo com quantas forças tinha de modo a não ser apanhado, fazendo-se a caminho dos domínios do seu rei e senhor.

ENTRE A VITÓRIA E O CUMPRIMENTO DA PROMESSA

Ao ver a cabeça do seu rival, Gaoxin não cabia em si de contentamento e de orgulho no seu fiel companheiro que se transformava assim num herói. Contudo, o coração do rei batia a ritmos diferentes pois este acto levado a cabo pelo seu cão significava, também, ser ele o candidato à mão da sua filha. Pensando poder evitar este desfecho, pois, sendo um cão, talvez o pudesse contentar com outras benesses, o rei mandou servir a Pan Hu um banquete com as melhores e mais afamadas carnes que então se podiam encontrar, contudo o homenageado retirou-se triste não tocando em qualquer peça de comida, ficando três dias sem comer nem beber. Gaoxin vendo assim o seu amigo interroga-o se esta sua atitude se devia ao incumprimento da promessa real. Para espanto geral, o cão, dirigindo-se ao rei e falando como um humano, disse-lhe que tudo se poderia resolver pois bastava para tal que ele o cobrisse com o seu sino de ouro durante uma semana, o tempo necessário para que se transformasse em homem. O rei cumpriu o pedido de Pan Hu, mas a curiosidade da princesa acabou por alterar para sempre a mudança mágica esperada, já que temendo pela vida de Pan Hu, ela foi espreitar o que acontecia dentro do sino. Ao levantar a tampa quebrou o encanto, Pan Hu era já um ser humano, contudo ainda lhe faltava a transformação da cabeça, e sendo o processo irreversível ficou um homem com cabeça de cão. Pan Hu ao sair de baixo do sino cobriu-se com um manto ao mesmo tempo que a princesa colocava na face uma máscara de cão. E foi nestes preparos



que o casamento se realizou, aceite que estava por todos, embora Gaoxin tivesse caído numa enorme tristeza pela sorte da sua filha. Conta o lendário mito que o casal terá sido muito feliz tendo ido viver para as grutas das montanhas remotas do Sul da China. Da sua união terão nascido seis rapazes e seis raparigas, que acausando, após a morte de Pan Hu, terão dado origem à humanidade, sendo reivindicado por parte da nacionalidade Yao como a sua própria origem tribal.

Já vimos² o papel de Pan Ku como criador do universo, de entes e coisas, bem como os de

PARA ALÉM DO MUNDO E DAS NECESSIDADES DE SOBREVIVÊNCIA
E BEM-ESTAR DA HUMANIDADE, OS CRIADORES CHINESES TAMBÉM
DEDICARAM A SUA ATENÇÃO, E LABOR, À CHINA

Nüwa e Fu Xi como criadores da humanidade. Contudo, para além do mundo e das necessidades de sobrevivência e bem-estar da humanidade, os criadores chineses também dedicaram a sua atenção, e labor, à China. Tal é o caso de Pan Hu que, para além de criador do mundo, também criou algumas nacionalidades, que nele reconhecem a sua origem. Em Huangdi, para além de toda a actividade criadora como Senhor do Universo, vamos encontrar a origem das tribos Huaxia ancestrais dos Han, embora a Hungdi também seja atribuída a categoria de ancestral de todos os chineses, independentemente das diferenças étnicas, sendo tido como o iniciador da Civilização e Cultura chinesas.

OS CRIADORES DA CHINA: O PRIMEIRO DOS TRÊS AUGUSTOS

Embora Fu Xi (伏羲) apareça normalmente associado a Nüwa (女媧, 女媧) - até na representação pictórica onde os seus corpos de serpente surgem entrançados como se de um único ser bicéfalo se tratasse - a sua importância individual como divindade mitológica vai para além da participação que teve na criação da humanidade. Fu Xi é o primeiro imperador da China mítica e, como tal, organizador da sociedade, criador da escrita chinesa, enfim, fundador da nação.

FU XI, FILHO DO PARAÍSO

Na mitologia chinesa, o Paraíso situava-se no nordeste do país no Estado de Hua Xu Shi, onde a longevidade era normal, e tudo corria de modo a que nada perturbasse a natureza humana ou impedisse os seus desejos de se transformarem em realidade. Os que naquele Éden viviam podiam andar sobre a água sem que se molhassem ou sobre o fogo sem que se queimassem; podiam deslocar-se pelos ares como se fora em terra firme. As nuvens e o nevoeiro em nada afectavam a sua visão e nem o trovejar violento lhes prejudicava a afinada audição. Nesse sítio maravilhoso vivia com os seus pais uma donzela do clã Hua Xu (華胥) que, na sequência de alterações que provocaram grandes inundações, resolveu sair de casa e dirigir-se ao lago do Trovão - assim chamado por nele residir

o Deus do Trovão (雷澤) - situado no interior de cerrada floresta, com o fim de interpelar a divindade sobre a tragédia. No caminho, chamou-lhe a atenção uma estranha pegada gigante. Curiosa, colocou o seu pequeno pé sobre a grande pegada como se as fosse comparar. De repente sentiu estranhas vibrações sem qualquer justificação aparente. O mistério ficou esclarecido quando foi confirmada a gravidez e deu à luz um rapaz a que chamou Fu Xi. A pegada era do Deus do Trovão, divindade celestial com corpo de dragão e cabeça humana. Fu Xi era fruto da relação transcendente entre um deus e uma habitante do paraíso. A Fu Xi, a quem a mitologia atribuiu o ter sido o primeiro humano a fazer sacrifícios



ao Céu, são reconhecidas importantes medidas - tais como a instituição do casamento, o conceito de família e o consequente reconhecimento dos laços familiares - assim como a transmissão de ensinamentos essenciais à sobrevivência da humanidade, como o conhecimento dos métodos de cozinhar, caçar, pescar, pastorear, construir armas em ferro, para além de ter criado o Guqin (古琴) célebre instrumento musical chinês. Fu Xi terá também recebido dos céus as indicações que lhe permitiram criar os oito trigramas do I Ching.

SHEN NONG, O DIVINO AGRICULTOR

Igualmente conhecido como o imperador dos cinco grãos (五穀先帝, 五谷先帝), ou como Deus da Agricultura e da Medicina, Shen Nong (神農, 神农) é o segundo dos Três Augustos.

CONHECIDO COMO O IMPERADOR DOS CINCO GRÃOS, OU COMO DEUS DA AGRICULTURA E DA MEDICINA, SHEN NONG É O SEGUNDO DOS TRÊS AUGUSTOS. TEM CORPO HUMANO E DUAS PROTUBERÂNCIAS CÔRNEAS

Deus do Sul, ele é meio-irmão de Huang Di, havendo quem defenda que ele e Yandi são a mesma personagem mitológica.

O seu nascimento como seria de esperar está envolvido em mistérios e maravilhas. Com um corpo humano mas com duas pequenas protuberâncias cornoas que sobressaíam na sua cabeça acima da testa, no momento em que viu a luz do dia em seu redor surgiram nove fontes brotando cristalinas águas. Todos estes sinais anunciavam o nascimento de um ser excepcional.

Naquele imemoriável tempo, a terra já se encontrava com numerosa população que errava em busca de alimentos que a natureza dava, e que já eram escassos para todos os que dela dependiam. Para acabar com a fome, e fazer com que o homem cultivasse os seus próprios alimentos, Shen Nong ensinou-os a tratar dos campos e a cultivar os “cinco grãos”².

A divindade tratou de criar para o homem todos os instrumentos necessários à agricultura, como a enxada, o arado, o machado, mas ensinando-os também a encontrar as minas de água e a fazer poços, a utilização da água para a agricultura, nomeadamente as técnicas de irrigação. Com o rápido crescimento da actividade agrícola as sementes começaram a surgir em grande quantidade, pelo que Shen Nong criou um método para a sua conservação, assim como a troca



de sementes e de produtos através da instituição do um mercado semanal de agricultores. Outro instrumento importante para a agricultura foi a invenção do calendário, atribuído a várias figuras da mitologia. Contudo, terá sido Shen Nong quem terá instituído a sua divisão em 24 termos, com informação importante para o mundo rural. A ele se atribui também a instituição do sacrifício ritual de agradecimento pelas colheitas, o Rito Laji. A esta augusta divindade se deve ainda a olaria e a metalurgia.

DEUS DA MEDICINA

Shen Nong, conhecedor que era da natureza, principalmente do reino vegetal, dedicou-se à procura da cura das doenças dos homens através do uso das ervas dos campos e da floresta. Para tal, dispunha de uma vara avermelhada com poderes tais que bastava tocar uma qualquer erva para saber logo se ela era ou não venenosa, e até se a sua natureza era quente ou fria. Uma vez detectada a sua pureza e natureza, ele podia, então determinar quais as suas capacidades e poderes curativos numa ou várias maleitas. Contudo, só prescrevia os seus remédios depois de testados no seu próprio corpo. Ora aqui surge mais uma maravilha que torna possível esta assunção de cobaia por parte da divindade – é que o seu corpo era transparente! Segundo a mitológica lenda ele chegava a ficar envenenado mais de setenta vezes por dia, mas podendo observar qual a parte do corpo atingida, também podia verificar o efeito das ervas que ingeria para a cura da doença, assim como os efeitos de antídoto de outras, no caso de violenta toxicidade.

Shen Nong sacrificando o seu corpo diariamente para bem da humanidade acabaria por não resistir. Um dia, durante as suas pesquisas, comeu uma erva desconhecida com uma flor amarela que lhe seria fatal rasgando-lhe

SHEN NONG, CONHECEDOR QUE ERA DA NATUREZA, DEDICOU-SE À PROCURA DA CURA DAS DOENÇAS ATRAVÉS DO USO DAS ERVAS DO CAMPO E DA FLORESTA





de imediato os intestinos e sem que tivesse tido tempo de tomar a sua tisana antídota. No campo da Medicina também lhe são atribuídas, entre outras, a invenção, da acupunctura, da moxabustão, e o diagnóstico através da pulsação. Devido à sua actividade quer no ensino dos métodos agrícolas, e criação dos artefac-

tos necessários, quer na procura da cura para os males da humanidade através do estudo e utilização das plantas, a divindade é tida como protectora dos agricultores, dos comerciantes de arroz, e dos praticantes da Medicina Tradicional Chinesa que, no dia do seu aniversário, no 26.º dia da 4.ª Lua, a ele sacrificam.

O PRIMEIRO DOS CINCO IMPERADORES

Huangdi (黃帝, 黃帝) o célebre Imperador Amarelo, o primeiro dos Cinco Imperadores (para outros o terceiro dos Três Augustos), é conhecido por vários outros títulos entre eles o de Senhor do Universo, sendo tido como o criador da China e da cultura chinesa, por isso também considerado ancestral de todos os chineses. A sua ascensão a tão honroso patamar não foi fácil envolvendo algumas míticas batalhas que o guindaram ao topo das divindades.

A GRANDE BATALHA DE ZHUOLU

Aliados, Huang Di e o seu meio-irmão (por vezes surge como irmão) Yan Di (炎帝) enfrentam a invasão liderada por Chiyou (蚩尤, 蚩尤) o chefe das nove tribos Li (九黎). A batalha decisiva e que dará a vitória ao Imperador Amarelo ter-se-á desenrolado nos campos de Zhuolu, tendo ficado conhecida pelo nome do local (涿鹿之戰, 涿鹿之戰). Estavam já preparados os exércitos de ambos os lados para o início da contenda, quando Chiyou usando dos seus poderes maléficos extraordinários, espirra sobre a formação de Huang Di, espalhando com esse espirro um cerrado nevoeiro que durante três dias desmorteou por completo os exércitos da fraternal aliança, que vagueavam sem terem percepção das suas posições. É então que Huang Di usando da sua grande invenção, a bússola, acaba por transformar esse nevoeiro num elemento positivo para a sua estratégia, já que servirá de protecção para os seus homens que, assim, conseguem vencer a batalha atingindo as posições do inimigo sem que fossem vistos. Os irmãos depois da derrota de Chiyou separaram-se devido a problemas relacionados com a influência que Yan Di procura exercer junto das diversas tribos para se lhe submeterem. Contudo, a maioria dos chefes tribais apoiam Huang Di. No horizonte adivinha-se nova batalha, agora entre os irmãos desavindos.

O SENHOR SUPREMO DO UNIVERSO

Huangdi governava metade do universo, enquanto o seu meio-irmão Yan Di governava a outra parte. A harmonia não era a divisa da família, e a luta pelo poder, acabou por vir ao de cima gerando um medir de

HUANGDI, O CÉLEBRE IMPERADOR AMARELO, O PRIMEIRO DOS CINCO IMPERADORES, É CONHECIDO POR VÁRIOS OUTROS TÍTULOS, ENTRE ELES O DE SENHOR DO UNIVERSO. É CONSIDERADO O CRIADOR DA CHINA E DA CULTURA CHINESA, POR ISSO É ANCESTRAL DE TODOS OS CHINESES

forças. Formaram-se os exércitos para a luta pelo controlo do Mundo. Huang Di reuniu generais e soldados, todo um exército fantástico, usando como carregadores de armas e provisões uma legião de animais, onde sobressaíam tigres, e leopardos. Como símbolos dos seus estandartes arregimentou aves de rapina, entre elas, águias e abutres.

A grande batalha, a terceira e última da disputa, viria a acontecer nos campos de Banquan. A batalha que ficou conhecida pelo nome deste local (阪泉之戰, 阪泉之戰) terminou com a vitória do Imperador Amarelo, aclamado pelas tribos como “Filho do Céu”. Huangdi passa então a governar todo o universo, é o Senhor Supremo do Universo, tornando-se, também, Deus do Centro, com lugar cativo no centro da Corte Celestial. Yan Di, derrotado, retira-se assumindo a divindade do Sul.

Esta batalha é tida como criadora da tribo Huaxia (華夏) federação de tribos que se desenvolveram ao longo do Rio Amarelo, e que são tidas como os ancestrais étnicos dos Han. Por isso Huang Di é reconhecido como o criador da civilização e cultura chinesas, o ancestral de todos os chineses, até daqueles que não pertencem à etnia Han.

Para celebrar a vitória, Huang Di, convoca os deuses para uma assembleia onde nomeia as divindades para as restantes direcções a serem preenchidas, nomeadamente o Oeste e o Norte, já que Fu Xi detinha a divindade do Este. Huang Di como Senhor do Universo estabelece uma nova ordem dos deuses, nomeia

PARA ALÉM DE INÚMERAS INVENÇÕES, O IMPERADOR AMARELO DEIXA AO MUNDO UMA CHINA ORGANIZADA EM TODOS OS ASPECTOS, DE GENTE ORGULHOSA PELA SUA TERRA E CULTURA

então as divindades para ocuparem os cargos livres: para Deus do Oeste nomeia Shao hao (少昊) para o Norte Zhuan Xu (顓頊, 颛顼). Estes deuses serão, também, os restantes quatro imperadores do mítico grupo dos Cinco Imperadores, segundo o “Livro das Canções de Chu” (楚辭)³.

Para além de criador da China, ao Imperador Amarelo se atribuem inúmeras invenções, algumas compartilhadas com outras mitológicas criaturas como a dos caracteres chineses (com Cang Ji) ou de instrumentos musicais, como o Guqin (com Fu xi e Shen Nong); da bússola, do arco e flecha, também da arte de construção de casas, palácios e barcos; da confecção de vestuário (a Luo Zu, a primeira das suas quatro mulheres, é atribuída a criação da seda, através dos bichos da seda, e os ensinamentos da arte a todo o povo chinês.); do cálculo matemático e da astronomia; da divisão das terras agrícolas; e entre muitas outras, da criação do calendário chinês, com os seus ciclos de sessenta anos, inspirados no mesmo número de anos do seu fantástico reinado, e até do ancestral do futebol, o “Cuju” (蹴鞠). Digamos que qualquer invenção ou traço da cultura chinesa não escapará à sua produção inventiva. Exaltando a transcendência de Huang Di a ele se atribui o gigantesco trabalho de estabelecer no firmamento a ordem do Sol, da Lua, e das constelações.



Huang Di etimologicamente significa amarelo daí, também a designação de Imperador Amarelo, oriundo, segundo o mito, da civilização do Rio Amarelo, sendo baseada nesta cor a simbologia imperial. Para alguns a temática da cor torna-se determinante na explicação do reconhecimento de Huang Di como o ancestral de todos os chineses.

O Imperador Amarelo deixa ao mundo uma China organizada em todos os aspectos, de gente orgulhosa pela sua terra e cultura. O seu nome virá a ser recuperado pelo Primeiro Imperador, Qin Shi Huang Di (秦始皇), o unificador da China que governou de 259 a.C. a 210 a.C. ■

- 1 Também conhecido por Ku (嚳, 訖) ou Di Ku (帝嚳, 帝訖) o terceiro dos Cinco Imperadores, seria neto ou bisneto, do Imperador Amarelo, segundo uma das versões.
- 2 Apenas como exemplo anotemos que na versão do Livro dos Ritos, compilado por Confúcio, os “cinco

grãos” são: a soja (豆), o trigo (麦), o sorgo (黍), o milho painço (稷) e o cânhamo. Numa outra versão o cânhamo é substituído pelo arroz (稻).

- 3 Antologia de poesia tradicional chinesa coligida, na época dos Estados Guerreiros, tarefa que se atribui aos poetas Qu Yuan e Song You.

ícones **C**hineses



NO SEU ROMANCE HISTÓRICO *CITY OF BROKEN PROMISES*, AUSTIN COATES CONVIDA O LEITOR A ESPREITAR PELAS FRINCHAS DO BIOMBO PARA CONHECER OS SEGREDOS DA INTRINCADA SOCIEDADE DA MACAU DOS SÉCULOS XVIII E XIX. O ESCRITOR BRITÂNICO NÃO UTILIZA EM VÃO ESTA PEÇA DO IMAGINÁRIO ORIENTAL. Á FINAL, NESSA ALTURA JÁ O OCIDENTE SE TINHA APAIXONADO PELO BIOMBO. FOI UM NAMORO QUE MACAU AJUDOU A CONCRETIZAR. MAS ESSA HISTÓRIA COMEÇA NO JAPÃO...

T PATRÍCIA LEMOS

Os primeiros biombos de que há notícia na Europa e na América eram japoneses e tinham sido levados pela mão dos portugueses através do comércio entre Macau e Nagasaki, entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do

século XVII. Curiosamente, foi nessas peças que os japoneses pintaram cenas alusivas ao intercâmbio com os portugueses que chegavam a Nagasaki para comerciar. Ficaram conhecidas como biombos Namban e podem ser apreciadas em alguns museus da capital portuguesa. A palavra japonesa deriva de *Namban-*

jin, ou bárbaros do Sul, que designava tanto portugueses como espanhóis. Não é de estranhar por isso que biombo tenha na sua raiz o equivalente nipónico *by bu*. Apesar de terem mais qualidade e funcionalidade, os biombos japoneses perderiam terreno para os chineses que começaram a produzir peças mais resistentes, baratas e diversificadas, acabando por dominar o mercado no final do século XVIII. Nessa altura, Cantão torna-se mesmo o seu grande porto de exportação para a Europa e América, continentes que também viriam a produzir biombos à luz dos seus gostos e tradições. No Velho Continente o mais apreciado era sem dúvida o biombo Coromandel. Esta peça chinesa deixou os europeus do século XVII de queixo caído, sobretudo os franceses. Criados no final da Dinastia Ming (1368-1644), estes separadores eram os favoritos das classes mais abastadas por serem sofisticados e terem múltiplas funções. O seu visual requintado resultava da aplicação de uma laca escura que depois era escavada e decorada, muitas vezes, com folha de ouro e motivos variados como pássaros, flores, árvores, pavilhões e figuras humanas, naquela que era uma composição pictórica de elementos chineses. Os biombos Coromandel inspiraram mais tarde os *designers* do movimento *Art Déco*, que convidaram para o seu estilo inovador a versatilidade, o exotismo e o requinte desta peça de

BIOMBO (屏風, PINGFENG)

mobiliário oriental que, por contraponto, é bem antiga. Coco Chanel era uma das suas mais acérrimas fãs.

DE ASSINATURA CHINESA

A memória mais antiga do biombo data da Dinastia Han (202 a.C – 220 d.C), altura em que salta dos palácios, onde era símbolo de poder, para animar as casas das famílias abastadas, logo se afirmando como uma peça essencial do mobiliário chinês.

Criado para decorar as salas, este móvel também serve para dividir espaços amplos, dar privacidade ou tão simplesmente para proteger das aragens. E, segundo o *feng shui* (風水), tem a qualidade de não deixar escapar a sorte das casas que ornamenta. Talvez por ter tanta utilidade e por a China ser tão venerada no Oriente no século VIII não tardou a cruzar a fronteira em direcção à Coreia e ao Japão, onde conheceu grande popularidade.

Como no Japão, na China Antiga os biombos também tinham uma função documental, exibindo imagens de homens ou mulheres que se tinham

destacado na sociedade, dizeres importantes ou cenas do palácio imperial. Os poetas da Dinastia Tang (618–907) faziam magníficas descrições destas peças nobres do mobiliário chinês. Os pintores e os calígrafos depositavam nas faces do biombo as marcas da sua inspiração, respectivamente no *huaping* (畫屏) e no *shuping* (書屏). Muitos não pintavam directamente na madeira, antes preferindo o papel ou seda que depois eram aplicados nos painéis. Essa montagem exigia uma técnica que já era refinada nesse tempo.

Os separadores deste período eram normalmente mais baixos, sendo colocados sob plataformas e camas ou nas salas, já que nessa época as pessoas sentavam-se no chão. Só mais tarde, quando os chineses optaram por um nível mais elevado, é que os biombos ganharam altura. As paisagens pintadas que fluíam de um painel para o outro, atingiram o seu auge artístico durante a Dinastia Song (960–1279), graças à multiplicação das faces do separador que enchiam

de esplendor as salas dos palácios e os templos budistas. Muitas dessas paisagens aludiam às quatro estações e eram exibidas conforme a época. Mas nem sempre em consonância. Havia quem preferisse “refrescar-se” com uma imagem de Inverno nos dias quentes de Verão. Durante as dinastias Ming e Qing (1636–1912) muitos biombos deixaram de ostentar o talento dos pintores, ganhando as madeiras dos painéis maior protagonismo. O pau-preto e o pau-rosa eram alguns dos materiais favoritos. Estava na moda a simetria dos entalhes, das esculturas e da ornamentação dos rebordos dos painéis com elementos que simbolizam sorte, longevidade ou riqueza. Depois dessa tendência, muitas outras abraçaram o biombo que se foi desdobrando para as acolher. Apesar de menos essencial do que a mesa ou a cadeira, o certo é que vingou até aos nossos dias sem perder modernidade e a capacidade de agradar a gregos e a troianos.



Laca e leque
Kimono camélia
Perfeição esmero
E o sabor de tempero

Trecho do poema *Os Biombos Namban*,
de Sophia de Mello Breyner

PING 屏 (SEPARADOR; BLOQUEIO)
FENG 風 (ARAGEM, VENTO)



Viver para contá-las

T FÁTIMA VALENTE

Cheong Kin Man quis “dizer tudo ao mesmo tempo” em 31 minutos. O resultado foi *Uma Ficção Inútil*, curta-metragem que conta várias histórias e tempos, premiada internacionalmente, e que continua a correr mundo a mostrar a imagem poética de Macau

“**PODES FAZER** tudo, mas seria melhor fazer algo que não aborreça”, disse-lhe um dia o cineasta alemão Kristian Petersen. Já com algum trabalho cinematográfico na bagagem quando rumou à Alemanha para frequentar um mestrado em Antropologia Visual e Media, Cheong Kin Man – ou A-Man para a família e os amigos – viu-se, assim, atacado por uma inesperada torrente de liberdade nas aulas na Freie Universität Berlin. Outra professora que lhe abriu os olhos foi a antropóloga visual francesa Nadine Wanono. “Eu não percebi a maior parte das suas aulas, mas no momento certo ela falou algo muito acertado – disse-me que a imaginação é ilimitada. A partir daí comecei a ver filmes ficcionais como referência para a dissertação, a ler literatura em vez de coisas académicas”.

Lentamente, o projecto de mestrado, que tinha sido pensado para ser a continuação de *Ou Mun Ian* – um documentário sobre a identidade macaense que A-Man realizou

“// **À-MAN APRESENTA HISTÓRIAS EM MULTICAMADAS, VERDADEIRAS E FICCIONAIS, DESAFIANDO A IMPOSSIBILIDADE DE COMUNICAÇÃO E TRADUÇÃO, AO MISTURAR VOZ-OFF, LEGENDAS E TEXTO COMO INFORMAÇÃO VISUAL**”

NADINE WANONO, ANTROPÓLOGA

em 2009 –, acabou a dar uma volta de 180º graus: “Mudei a proposta de investigação nos últimos quatro ou cinco meses antes da entrega. Com o Kristian Petersen, com o Laurent Van Lancker [antropólogo e cineasta belga], e com os conselhos dos meus colegas, fiz o que as pessoas vêem agora”.

Os olhos de Nadine Wanono, vêem “um filme fascinante”, que o jovem “profundamente enraizado numa metodologia auto-reflexiva” concebeu “como uma banda sonora”. Para a antropóloga, *Uma Ficção Inútil* é uma “subtil e poética combinação de uma abor-

dagem visual e sonora, criando uma rede de conexões sensoriais com questões levantadas pelo autor sobre a realidade das nossas identidades”.

A-Man assume que “quis dizer tudo ao mesmo tempo em 31 minutos” e que a curta-metragem “contém muitos tempos, muitas camadas” tanto nas histórias como nas expressões visuais e sonoras. “Se calhar fui muito ganancioso”, atira. O filme joga com a escrita e imagem, e inclui elementos tão diversos como uma canção interpretada pela norte-americana Hsu Shi-tien e textos em coreano reescritos por Dabin



Park. Outra fonte de inspiração, segundo o autor, foram as obras cinematográficas e literárias dos japoneses Kon Ichikawa, Michio Takeyama, sendo também uma homenagem para Yasunari Kawabata. “Havia vários tópicos que eu queria abordar: o próprio processo reflexivo do *making of*, a introspecção sobre a cultura e forma de pensar, as semelhanças e diferenças culturais e as questões da tradução e interpretação de línguas”, explica. Uma das particularidades do filme é o facto de o nome do tradutor acompanhar a legendagem. “Não é muito comum”, nota A-Man, também ele tradutor, ao registar a agradável surpresa de alguns colegas de profissão.

Em *Uma Ficção Inútil* grandes blocos de texto sobrepõem-se a imagens de Macau e de outros sítios por onde A-Man andou, entre línguas asiáticas e europeias. A de Camões chega por Sophia de Mello Breyner Andresen, que o jovem autor descobriu num artigo (*Em defesa da cultura*) republicado no jornal *Expresso*. Pegou nas palavras da escritora e transportou-as para a sua curta-metragem. E Porque? Porque “é importante democratizar o acesso à cultura”.

Nos olhos do mundo

Distinguido no Festival Internacional de Cinema do Canadá (Vancouver), com o prémio “2015 Rising Star Award”, na categoria de cinema experimental, *Uma Ficção Inútil* também deu nas vistas em Cannes. “Comecei a enviar o filme para festivais em todo o mundo e o ‘Short Film Corner’ estava a receber candidaturas. Recebi a resposta positiva no dia do meu aniversário (9 de Fevereiro), mas na altura não prestei muita atenção



FESTIVAIS E PRÉMIOS

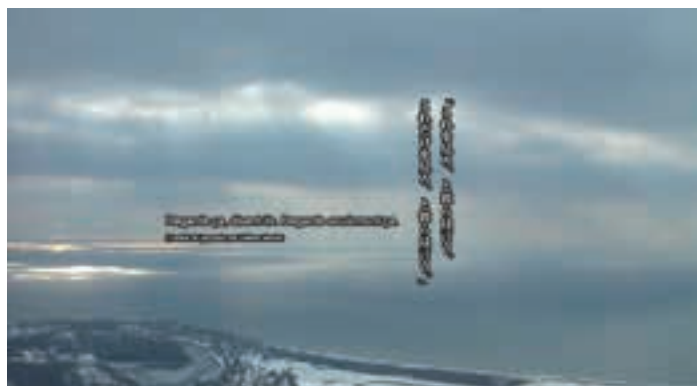
- Festival Internacional de Cinema do Canadá (Vancouver) – Prémio “2015 Rising Star Award”, na categoria de cinema experimental
- Festival de Cannes, Short Film Corner (França)
- Kino Otok – Isola Cinema International Film Festival (Eslovénia)
- Festival of Migrant Film in Ljubljana (Eslovénia)
- Festival Cinemística (Granada, Espanha) – “Distinción Amarilla” do prémio “La Lupa y el Imán”
- Columbia Gorge International Film Festival (EUA) - Vencedor na categoria de filme experimental estrangeiro
- Festival de Cinema de Macau de San Leandro (EUA)
- DokuBazaar – Festival Internacional de Documentários (Eslovénia)
- Duisburger Filmwoche (Alemanha)

porque não era um programa de competição. Só depois do prémio no Canadá é que pensei que podia ir a Cannes”, recorda.

A experiência “foi interessante”, mas A-Man não a destaca entre outras, porque “Cannes é uma plataforma mais para ficção”. O que mais o marcou até à data foi o Festival Cinemística em Granada (Espanha), onde recebeu a “Distinción Amarilla” do pré-

mio “La Lupa y el Imán” e contactou com filósofos que “fizeram muitos comentários interessantes”.

A-Man explica: “Como o filme tem vários temas, histórias e pessoas com diferentes interesses, diferentes conhecimentos geram diferentes percepções”. Mais interessado em “romper preconceitos” e servir como uma espécie de “intermediário cultural”, o jovem



diz querer manter-se afastado dos rótulos: “Nunca digo que sou cineasta, e dificilmente sou antropólogo porque só tenho um mestrado em Antropologia Visual. Talvez seja um pouco preguiçoso porque estou mais interessado em ouvir do que em contar as histórias dos outros”, observa.

De Macau para o desconhecido

Licenciado em Estudos Portugueses pela Universidade de Macau, Cheong Kin Man trocou o emprego estável de tradutor na administração pública pelo mestrado no estrangeiro, pelas viagens e pelo conhecimento do outro. Fala inglês, francês e alemão, além de chinês e português, e continua muito interessado em aprender línguas “para melhor compreender o mundo”.

Portugal foi o primeiro país que o jovem de Macau conheceu na Europa longínqua, em 2007. Aí viria, um ano mais tarde, a travar diálogo com a investigadora Ana Maria Amaro, que convidou para consultora do seu documentário *Ou Mun Ian, Macaenses* (2009). Com vida e obra ligada a Macau, a investigadora foi para A-Man uma influência marcante. “Uma das razões porque quis estudar antropologia foi por causa dos seus livros. Ela tem um que é raro – *Jogos, Brinquedos e Outras Diversões de Macau* –; todos os colecionadores interessados pelas tradições chinesas o procuram”, conta, enaltecendo a dedicação da antiga antropóloga falecida recentemente.

O primeiro contacto com Portugal foi, todavia, uma surpresa: “Quando cheguei a Lisboa fiquei desapontado porque parecia Macau e não a



Nunca estive tão utópico:
compreendi que todas as culturas devem ser igualmente exóticas.
Mas na verdade uma escolha significa a imensidão de ignorância,
uma imensa ignorância dos outros dos outros.

Europa que eu tinha imaginado. Só quando fui ao Porto é que percebi que havia diferenças, e depois enamorei-me por Coimbra. Tenho bons amigos lá”. Ávido por descobrir África, onde nunca pisou chão, e em explorar outros locais da Ásia como o Myanmar, Coreia do Sul ou Japão, A-Man diz que “o ideal seria dividir [a sua vida] em várias partes do mundo para aproveitar essa diferença geográfica e cultural”. Mas até da terra onde nasceu há 28 anos diz ter muito a aprender: “Macau é muito pequena, mas há muita coisa que não conheço bem. Os indonésios, os filipinos, as mi-

norias. Isso também é Macau e uma Macau que não conheço a 100 por cento”. Actualmente a residir em Bruxelas e ainda sem planos de um regresso definitivo, A-Man partilha um desejo imediato: “Para já quero aprender e ouvir mais histórias”.

Depois de Cannes

Depois de duas projecções nos Estados Unidos, incluindo o Columbia Gorge International Film Festival, em Agosto, *Uma Ficção Inútil* vai novamente a Granada, ainda este ano, e será apresentada em Singapura, a convite da Alliance Française, em Fevereiro.

Para Portugal, para já, está prevista uma exibição da curta-metragem no âmbito de uma conferência internacional na Universidade de Lisboa, no penúltimo mês do ano. Mas A-Man é “ambicioso” e, além de querer “mostrar *Uma Ficção Inútil* em todo o mundo”, pretende entrar no ciclo dos festivais no país.

A-Man espera ainda que o filme, que tem recebido apoios de várias entidades (Creative Macau, Fundação Macau, Instituto Cultural, Instituto de Estudos Europeus de Macau, Instituto Internacional de Macau e Gabinete de Apoio ao Ensino Superior) chegue à RAEM em 2016. Além de um público mais vasto, essa seria outra oportunidade de a família ver o seu mais recente trabalho. “Acho que a minha mãe não viu. O meu pai disse-me para passar as mensagens claramente, mas também não falou muito. Tenho sorte, porque sempre me deram conselhos, mas respeitam as minhas escolhas”. ■

ÀO MISTURAR CENAS DA SUA VIDA QUOTIDIANA COM O PRÓPRIO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO FILME, A-MAN LEVANTA QUESTÕES EXISTENCIAIS E ANTROPOLÓGICAS SOBRE A NATUREZA, ORIGEM, LINGUAGEM, IDENTIDADE E DIFERENÇAS CULTURAIS

ANIMACAU: DESENHOS ANIMADOS VOLTAM AO ECRÃ

Johan, um coelhinho, decide fazer a maior aventura da sua vida ao procurar a sua mãe. A principal pista da progenitora leva

Johan a um reino que está prestes a afundar no oceano e que ele

pode salvar, caso ajude o

Rei de Penas. Da autoria

de Esben Toft Jacobsen,

Para Além do Além é

a primeira animação

em 3D estereoscópica

produzida na Suécia

e é um dos destaques

do cartaz do AniMacau

para um Urso de Cristal

no Festival Internacional

de Cinema de Berlim no ano

passado e é um das dez obras

européias e asiáticas selecionadas para

o grande ecrã do Centro Cultural de Macau.

Entre 16 e 25 de Outubro, estarão em exibição

desenhos animados para todos os gostos

e idades. Por exemplo, *O 7.º Anão* leva os

espectadores a viajarem pelo mundo das

personagens dos contos de fada, da Cinderela



O festival anual de animação AniMacau volta aos ecrãs do Centro Cultural entre 16 e 25 de Outubro, com dez produções internacionais escolhidas entre as melhores da Europa e da Ásia



e do Capuchinho Vermelho, à Branca de Neve, todos juntos, num só filme.

Já *Os Moomins na Riviera* proporciona um reencontro com as personagens clássicas de BD criadas pelos finlandeses Tove e Lars Jansson. Da Argentina, o realizador do filme *O Segredo nos Seus Olhos*, galardoado com um Óscar, realizou *Matrecos*, uma comédia que nos revela o momento em que os jogadores de uma mesa de matraquilhos ganham vida, transformando-se em heróis para salvar uma cidade.

O Menino e o Mundo, vencedor do Festival Internacional de Cinema Animado de Annecy, utiliza desenhos que parecem pintados a lápis de cor e transportam o público para um mundo mágico. Da



Coreia, chega a emoção de *Mais Claro do que Parece*, uma produção que junta quatro pequenas histórias descontraídas. Para um público mais maduro, Ari Folman, realizador de *Valsa com Bashir*, apresenta *O Congresso*, um filme híbrido de animação e imagem real produzido em França e interpretado por Robin Wright, Harvey Keitel e Danny Huston. Do Japão chega *Patema Invertida*, uma aventura de ficção científica que utiliza um conceito semelhante a *Upside Down* (um sucesso de bilheteira de Hollywood) que conta a história de duas pessoas atraídas por forças gravitacionais opostas. Já *Pos Eso* traz uma comédia de terror filmada em *stop-motion* em Espanha, enquanto da Letónia chega *Pedras nos Bolsos*, um conto poético e humorístico que retrata mentes muito peculiares.

Os bilhetes já se encontram à venda por 60 patacas (sujeitos a diversos descontos) e estão disponíveis nas bilheteiras do CCM e aos balcões da Rede Bilheteira de Macau.

ANIMAÇÃO, FESTIVAL DE ANIMAÇÕES DE MACAU
DE 16 A 25 DE OUTUBRO
CENTRO CULTURAL DE MACAU



MÚSICA

**Festival Internacional de Música de Macau**

A 29.ª edição do FIMM desenrola-se entre 4 de Outubro e 1 de Novembro com 23 actuações de músicos e grupos oriundos de mais de 12 países e regiões. Destaque para o quarteto Danças Ocultas que se alia ao fadista Pedro Moutinho para um espetáculo no dia 16 de outubro, e para a Orquestra Filarmónica da BBC, do Reino Unido, com dois concertos: Sinfonia n.º 9 "A Grande" de Schubert e Variações Enigma de Edward Elgar.

4 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO
VÁRIOS HORÁRIOS E LOCAIS
PROGRAMAÇÃO COMPLETA
EM [HTTP://WWW.ICM.GOV.MO/
FIMM/29/PT/](http://www.icm.gov.mo/fimm/29/pt/)

**Amor Electro**

A Fundação Oriente alia-se à Casa de Portugal para trazer a Macau, pela primeira vez, a banda portuguesa Amor Electro, num concerto marcado para 27 de Outubro.

O grupo estreou-se em 2011 com o álbum *Cai o Carmo e a Trindade*, tendo recebido o Disco de Platina. Em 2013, lançaram o seu último trabalho, intitulado *(R)Evolução*.

27 DE OUTUBRO
CENTRO CULTURAL DE MACAU

Entrada a anunciar



DANÇA

**Ballet Anna Karenina**

Numa produção do coreógrafo russo Boris Eifman, a versão contemporânea deste ballet retrata Anna Karenina como alguém que não tem medo de amar e se mantém fiel aos seus sentimentos.

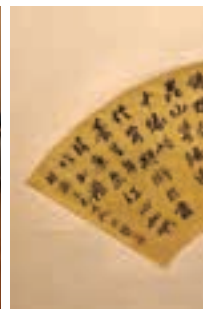
28 E 29 DE NOVEMBRO
@ 20H00
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a partir de MOP 150

TESOUROS DA DINASTIA QING

São 220 peças de caligrafia, pintura e sinetes da Dinastia Qing (1644-1912), da autoria de Wu Rangzhi e Zhao Zhiqian, que, em parceria com o entidades do Interior da China, chegam ao Museu de Arte de Macau sob o tema “A Tensão do Talento”

F GONÇALO LOBO PINHEIRO

“A Tensão do Talento” é uma exposição especial que apresenta um conjunto de 220 peças de caligrafia, pintura e sinetes de Wu Rangzhi e Zhao Zhiqian, de diferentes períodos criativos, das colecções do Museu Provincial de Zhejiang, Associação de Sinetes Xiling e Academia de Artes Juntao, apresentando os estilos artísticos e realizações destes dois virtuosos de finais da era Qing (1644-1912). Wu Rangzhi foi calígrafo e pintor, tendo sobretudo demonstrado o seu talento na gravação de sinetes. A sua caligrafia de sinete é considerada a mais prestigiada da China,

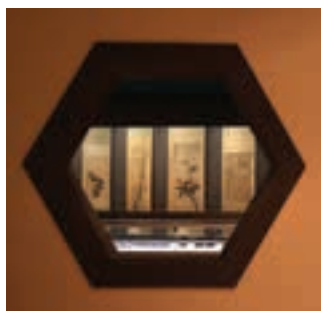




já que é expressa com traços firmes e suaves, uma escrita vívida e elegante e, ao mesmo tempo, uma estrutura esbelta e descontraída. Já Zhao Zhiqian foi um mestre considerado brilhante e muito versátil na poesia, mas especializado na caligrafia, pintura e gravação de sinetes. Numa fase inicial, o seu estilo seguia a herança da Escola Zhe, mas depois virou-se para a Escola Wan, embora mantendo sempre um estilo distinto. Zhao defendia o estudo das escritas tradicionalmente utilizadas para a gravação de sinetes, tendo também explorado outros tipos de escrita com potencial para serem utilizadas nesta arte, numa abordagem que ficou conhecida por Nova Caligrafia de Sinete. O legado destes dois mestres teve uma profunda influência nestas artes, conferindo um novo ímpeto ao grande desenvolvimento da caligrafia, pintura e gravação de sinetes em finais da dinastia Qing e período da República da China.

A TENSÃO DO TALENTO

ATÉ 15 DE NOVEMBRO
MUSEU DE ARTE DE MACAU
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO ☉ 10H00 – 19H00
BILHETES A MOP 5



Loja de moda Pop-up

Estilistas locais mostram o seu trabalho original através da loja pop-up de duração limitada na Galeria de Moda de Macau. Nesta edição de Outono/Inverno, participam quatro marcas 'made in Macau': Aurolo Arte, Lines Lab, Macon, Nega C. e Jade L.

ATÉ 3 DE JANEIRO
GALERIA DE MODA DE MACAU
RUA DE SÃO ROOQUE, 47 - MACAU
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
☉ 10H00 – 20H00

Entrada livre



Atonal: Arte Multimédia por Gigi Lee

Em mais uma edição da iniciativa Montra de Artes de Macau, a artista local Gigi Lee é convidada a expor um trabalho multimédia inspirado no conceito da atonalidade. Utilizando os elementos do som e da luz – que podem ser tão intangíveis como o tempo – a artista progride nas suas explorações do tempo, tema abstracto em que se tem concentrado.

ATÉ 25 DE OUTUBRO
MUSEU DE ARTE DE MACAU
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
☉ 10H00 – 19H00

Bilhetes a MOP 5



O mundo artístico das crianças

Em cooperação com o Comité Paralímpico de Macau e a Associação dos Melhores Amigos de Macau, o Armazém do Boi alberga a exposição conjunta de obras de crianças locais. Segundo a galeria, o objectivo é mostrar que "somos todos diferentes e somos todos iguais".

ATÉ 1 DE NOVEMBRO
ARMAZÉM DO BOI
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO
☉ 12H00 – 19H00

Entrada livre

A LENTE QUE CAPTA OS SABORES E OS CHEIROS DE MACAU



Normalmente, não entram nas fotos, mas em *Macau 5.0*, Gonçalo Lobo Pinheiro encontrou uma cidade fotogénica, que até sabores e cheiros deixou à mercê da sua lente. Numa edição de autor, com mil exemplares, qual verdadeiro álbum de fotografias dos últimos cinco anos passados na cidade, a obra é um pequeno apogeu na carreira do fotojornalista radicado em Macau

T SANDRA LOBO PIMENTEL

Para um fotojornalista, publicar um livro de fotografia é uma realidade quase inevitável. Com Gonçalo Lobo Pinheiro não foi diferente e assim surgiu o projecto *Macau 5.0*, uma obra que reúne mais de 300 fotografias captadas na RAEM. O autor considera “um pequeno apogeu” da sua carreira, que este ano completa 15 anos de dedicação ao fotojornalismo, cinco dos quais passados em Macau. “Achei uma data interessante e também coincide com uma altura de maior disponibilidade para escolher fotos”, explicou.

O sonho de ter um livro seu, depois de algumas participações em obras colectivas de fotografia, estava à partida definido: queria um livro a cores, com 500 fotografias e uma edição de autor limitada a 1979 cópias, simbolizando o ano do seu nascimento. Apesar de este lado do mundo oferecer condições de impressão financeiramente mais vantajosas, Gonçalo viu-se obrigado a reformular a ideia inicial. *Macau 5.0* terá mil exemplares e contempla 314 fotografias a preto e branco. “Parti da estaca zero. Mas tinha muito presente que o meu primeiro livro seria uma edição de autor. Tinha que ser uma coisa minha.”

Os apoios reunidos foram importantes, todos de Macau, mas o projecto acabou por se render à ditadura do orçamento. “Os

livros de fotografia, per si, já são muito caros. A qualidade do papel tem que ser diferente, a paginação. É muito mais caro que um livro normal.” Não é uma edição de luxo, mas é uma edição limitada, o que aliás, era um princípio do qual não se queria desviar. “Estou contente. Este foi o livro que pude fazer dentro das circunstâncias que me foram dadas.”



O autor prefere referir-se a *Macau 5.0* não como um livro, mas como um álbum fotográfico, “com conotações fotojornalísticas”, da sua vivência na região nos últimos cinco anos. “Não tem nenhum encadeamento. O fio condutor é Macau. Obviamente que as fotografias não estão colocadas sem sentido, mas não se pode dizer que haja uma narrativa.” As imagens captadas são das mais variadas: património, edifícios novos, negócios tradicionais, mas, essencialmente, o quotidiano das pessoas, principalmente da comunidade chinesa. “O que tem mais é a vida das pessoas. Como ir ao jardim de Lou Lim Ioc e perder-me lá durante horas a tirar fotos sem as pessoas sequer se aperceberem que foram fotografadas. Como na zona velha da cidade, na Barra, no Porto Interior, andar naqueles pátios, ficar uma hora sem que aconteça nada e, de repente, aparece alguém com um saco de compras que faz uma expressão especial que é captada.”

A ausência de cor foi uma opção condicionada pelo orçamento, até porque Gonçalo se confessa um “homem da cor”, mas admite que nesta obra, o preto e branco acabou por transformar algumas das imagens. “Algumas fotografias da minha escolha ficaram melhores a preto e branco do que ficariam com cor.

O preto e branco dá solenidade e uma certa nostalgia, porque, ao fim e ao cabo, estou a fazer uma mostra de imagens do passado.” Macau “é uma cidade fotogénica”, admite o autor, e mesmo que não tenha a luz de muitos países da Europa, entre os quais Portugal, de onde é natural, a cidade “tem um sem número de coisas interessantes de fotografar e tem contrastes e cores que não encontrei noutros sítios”.

Macau 5.0 foi apresentado no dia 10 de Setembro no auditório da chancelaria do Consulado de Portugal em Macau, acompanhado de uma exposição, com 50 fotografias seleccionadas pelo autor, que ficarão expostas até ao dia 10 de Outubro. Cada exemplar tem o preço de 250 patacas, e as fotografias expostas podem ser adquiridas pelo público, com um custo de mil patacas cada uma.

MACAU 5.0
GONÇALO LOBO PINHEIRO
EDIÇÃO DE AUTOR
MOP 250



Saboroso: Cozinha Portuguesa e Macaense em Macau

Nuno Mendonça e Carmo Correia
Praia Grande Edições, 2015

A obra apresenta receitas de alguns dos mais emblemáticos pratos que fazem da gastronomia de Macau um importante cartão de visita e propõe-se também ser uma celebração de todos quantos dão corpo e alma às cozinhas dos restaurantes portugueses e macaenses da cidade.



Regra de Três

Festival Literário de Macau – Contos e Outros Escritos
Praia Grande Edições, 2015

Este é o terceiro volume da colecção “Contos e Outros Escritos”, lançado na edição de 2015 do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, um evento que traz a Macau escritores, editores, tradutores, jornalistas, músicos, cineastas e artistas plásticos do universo sino-lusófono. Vinte autores expressam a sua visão de Macau e do mundo.



Estudo de Direitos Fundamentais

Paulo Cardinal
Centro de Reflexão, Estudo e Difusão do Direito de Macau, 2015

A publicação é subordinada à temática dos direitos fundamentais em Macau, isto é, no contexto da JusMacau – entre a autonomia e a continuidade – duas determinantes no estabelecimento e compreensão do sistema de direitos fundamentais da RAEM.



CAMPO DO TAP SEAC *Década de 1940*



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

COM UMA área de cerca de 13 mil metros quadrados, o antigo Campo do Tap Seac resultou de um aterro em 1905 a um pântano que aí existia, rodeado por uma colina com três enormes rochedos que foram também destruídos. Esse era um dos locais favoritos das crianças – muitas delas do Asilo dos Órfãos e Idosos da zona – para pôr os seus papagaios a voar. Mais tarde, quando foi construído o Liceu, o campo pas-

sou a ser usado para o recreio dos alunos. Pouco a pouco na década de 1920, vários edifícios neoclássicos foram sendo erguidos e construiu-se um campo desportivo, onde o hóquei era uma das maiores atracções. Em 2007, o campo deu lugar ao que agora é a Praça do Tap Seac, a maior de Macau, concebida pelos arquitectos Carlos Marreiros e José Maneiras e pelo engenheiro civil Chui Sai Peng. É sobretudo utilizada para grandes eventos, como a Parada Latina, em Dezembro, e feiras culturais.



MACAU 2014

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO”, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong

喜慶 festivity
FESTIVIDADE

個性化郵票

Selos Personalizados
Personalized Stamps

發行日期 / DATA DE EMISSÃO / ISSUE DATE

09. 10. 2015



收藏



Coleccionar Selos
de Macau

Collect
Macao's Stamps



澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo 網址 Website: www.macaupost.gov.mo/philately/



與你心意 助拓商望
Aproximamos Pessoas. Facilitamos Negócios